



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

IRANILZA CINESIO GOMES FELIX

**A ALTERIDADE E A ESPIRITUALIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS
POTIGUARA DA PARAÍBA**

João Pessoa
2018

IRANILZA CINESIO GOMES FELIX

**A ALTERIDADE E A ESPIRITUALIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS
POTIGUARA DA PARAÍBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em cumprimento às exigências curriculares para a obtenção do título de Mestra em Ciências das Religiões.

Linha de pesquisa: Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos

Orientador: Prof. Dr. Lusival Antônio Barcellos

Coorientador: Prof. PhD. Paulo Roberto Palhano Silva

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F316a Felix, Iranilza Cinesio Gomes.

A Alteridade e a Espiritualidade dos Universitários
Potiguara da Paraíba / Iranilza Cinesio Gomes Felix. -
João Pessoa, 2018.

116 f. : il.

Orientação: Lusival Antônio Barcellos.

Coorientação: Paulo Roberto Palhano Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/Educação.

1. Alteridade. 2. Espiritualidade. 3. Conhecimentos
tradicionais. 4. Universitários(as) Potiguara. I.
Barcellos, Lusival Antônio. II. Silva, Paulo Roberto
Palhano. III. Título.

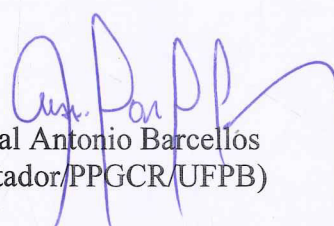
UFPB/BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

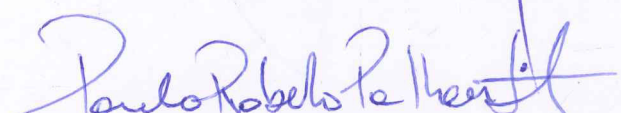
*“A ALTERIDADE E A ESPIRITUALIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS POTIGUARA DA
PARAÍBA”*

Iranilza Cinesio Gomes Felix

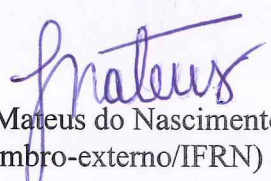
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



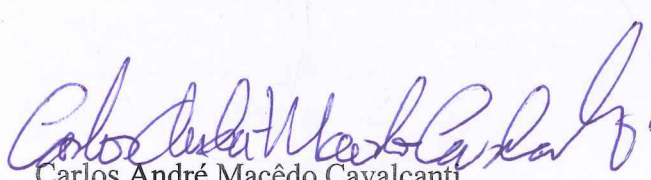
Lusival Antonio Barcellos
(orientador/PPGCR/UFPB)



Paulo Roberto Palhano Silva
(co-orientador/UFPB)



José Mateus do Nascimento
(membro-externo/IFRN)



Carlos André Macêdo Cavalcanti
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 25 de junho de 2018.

À minha família;
Aos meus ancestrais;
Ao povo Potiguara;
À Aline de Andrade Kariri (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, Tupã e aos encantados, de onde vieram força e coragem para que eu concluísse este trabalho.

Às minhas raízes ancestrais que emanaram energia vital do início ao término desta caminhada.

À Maria Cinesio Soares, pela vida que me concedeu e por me ensinar a importância da família, exemplo de mulher e de mãe, sábia e guerreira, que está sempre presente em todos os momentos de minha vida, compreensivelmente e carinhosamente cuidado de mim.

Ao meu papai João Condado Gomes, que me ensinou os valores da vida e a lutar pelos meus sonhos desde pequena, quando levou a escola para dentro da nossa casa.

Ao meu esposo Denilton de Souza Felix, pelo amor, cuidado e paciência, por todas as vezes que me acompanhou nas idas à campo e pela importante contribuição nesta caminhada.

Às minhas irmãs e confidentes, Iracilda Cinesio Gomes, Iranilda Cinesio Gomes, Patricia Cinesio Gomes, Fabricia Cinesio Gomes e Ivanilza Cinesio Gomes, por estarem sempre ao meu lado, me ouvindo e aconselhando. Especialmente à Ivanilza, pela dedicação e contribuição neste trabalho.

Aos meus irmãos, Eduardo Cinesio Gomes, Raimundo Soares Gomes, Tiago Cinesio Gomes, Leonardo Cinesio Gomes e Jandison Cinesio Gomes, por serem excelentes irmãos e ótimos amigos e por estarem sempre ao meu lado. Em especial ao Leonardo, que muito contribuiu para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, o professor Dr. Lusival Antonio Barcellos, por todo conhecimento compartilhado, pela oportunidade de pesquisarmos juntos e pela grandiosa contribuição neste trabalho e em diversos outros, sobretudo, na vida acadêmica.

Ao meu coorientador professor PhD. Paulo Roberto Palhano Silva, pela disponibilidade e dedicação, que muito contribuíram para a realização desse estudo.

Ao meu parente Dr. *Honoris Causa* Potiguara pela UFPB e liderança Potiguara, Antônio Pessoa Gomes *Caboquinho*, pelos ensinamentos e pela imensa colaboração nessa jornada.

Ao professor Dr. Carlos André Cavalcanti, pelos apontamentos que contribuíram para a melhoria do trabalho.

Ao professor Dr. José Mateus do Nascimento, pela contribuição no aperfeiçoamento do trabalho.

Às nossas lideranças: Sandro Gomes - cacique geral do povo Potiguara; Edilson Barbosa de Lima - cacique da Aldeia, Jacaré de Cesar; Elias Gerônimo da Silva da Aldeia Tramataia; Josecy Soares da Silva - cacique da Aldeia Três Rios; Claudécir da Silva Braz - cacica da Aldeia Monte Mor e o cacique Antônio Pessoa Gomes da Aldeia Forte, pela disponibilidade e atenção ao me receber, ouvir a proposta da minha pesquisa e por autorizar a realização da minha pesquisa em sua aldeia, contribuindo para a sua concretização.

Aos Potiguara, em especial, cacica Cal, ancião Capitão e cacique Josecy, por contribuir com conhecimento que ultrapassaram os objetivos deste trabalho.

Aos(as) universitários(as) Potiguara, em especial, Jaíne, Jaqueline, Ângela, Fernanda, Ivanilza, Danieide, Josiclaudia, Gessé, Leandro e Alex, que se disponibilizaram para contribuir com a pesquisa.

À AUP, pelo apoio como Potiguara e pesquisadora, aporte no repasse dos dados dos(as) sócios(as) contribuindo também na conclusão da pesquisa.

Ao PET-Indígena, pela compreensão de me aceitar como voluntária, mesmo estando ausente nas atividades, por quase dois anos.

À amiga e madrinha, orientadora da graduação e orientadora da vida, Maika Bueque Zampier, pelo carinho e apoio de sempre e por ter me recebido em sua casa durante os dois anos do mestrado.

À amiga e irmã Raquel (presente do mestrado), pelas experiências, momentos ruins e bons que passamos juntas, pelo apoio e contribuição durante os dois anos do mestrado.

À minha guia espiritual Ana Márcia, que além de me receber em sua casa, me recebeu em seu coração cuidando e me guiando espiritualmente.

Aos Encantados que me conduziram até aqui, me dando luz, sabedoria, calma e paciência, para concluir esta missão.

Aos meus ancestrais, pelo legado deixado e pelo chamado para lutar pelo meu povo.

Ao universo que sempre contribui para a concretização dos meus projetos de vida.

À natureza por sempre me receber de braços abertos e por renovar as minhas energias.

Aos(às) guias espirituais que não me deixaram desistir nos momentos de dificuldades.

À Articulação de Mulheres Indígenas Potiguara -AMIP, em especial todas as bruxas, que sigo como exemplo: Dona Nilda, Viviane, Sanderline, Rosalândia, Dayse, Eva, Danieide, Josiclaudia e Franciele, que me aceitaram e me acolheram com carinho em seu meio, que cuidaram e cuidam de mim, agradeço a força e energia espiritual.

Ao Coletivo de Pesquisa pela Valorização dos Saberes Potiguara, sempre torcendo e me apoiando.

Às duas amigas madrinhas e irmãs, Joicy Sousa e Simone Júlia, que mesmo distante, sempre estão próximas e torcendo por mim.

Às amigas, Carla Priscila Gerônimo, Jessica Alves da Silva e Lidiane dias, pelo carinho e boas vibrações.

À turma 11 do mestrado, pelos momentos compartilhados, em especial, todos(as) aqueles(as) que marcaram a minha vida.

Ao parente José Romildo Araújo da Silva *Gûiráakanga Potîgûara*, que se disponibilizou em fazer o resumo em Tupi.

À parente Raquel Miranda, pelo carinho e disponibilidade em contribuir com a revisão final do trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, por proporcionar a oportunidade de trabalhar a diversidade cultural do meu povo.

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa, pois sem este recurso não teria realizado este estudo

Às demais pessoas e Encantados que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização deste trabalho e por motivo de esquecimento não foram mencionados aqui.

Minha imensa gratidão!

Depois de um tempo

Depois de um tempo você aprende
a sutil diferença entre
segurar uma mão e acorrentar uma alma
e você aprende
que amar não significa apoiar-se
e companhia não quer sempre dizer segurança
e você começa a aprender
que beijos não são contratos
e presentes não são promessas
e você começa a aceitar suas derrotas
com sua cabeça erguida e seus olhos adiante
com a graça de mulher, não a tristeza de uma criança
e você aprende
a construir todas as estradas hoje
porque o terreno de amanhã é
demasiado incerto para planos
e futuros têm o hábito de cair
no meio do voo
Depois de um tempo você aprende
que até mesmo a luz do sol queima
se você a tiver demais
então você planta seu próprio jardim
e enfeita sua própria alma
ao invés de esperar que alguém lhe traga flores
E você aprende que você realmente pode resistir
você realmente é forte
você realmente tem valor
e você aprende
e você aprende
com cada adeus, você aprende.

Veronica Shoffstall
(do original After a while, 1971)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AMIP - Articulação de Mulheres Indígenas da Paraíba
APOINME - Articulação dos Povos e Organização Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo
AUP- Associação Universitária Potiguar
CA - Centro Acadêmico
CCAE - Centro de Ciências Aplicada e Educação
CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CEP - Comité de Ética em Pesquisa
COAPE - Coordenação de Assistência e Promoção Estudantil
CODESC - Coordenação de Escolaridade
COLETIVO - Coletivo de Pesquisa Pela Valorização dos Saberes Potiguar
CONEEI - Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena
CRAS - Centro de Referência da Assistência Social
DED - Departamento de Educação
EAD - Ensino a distância
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
GT-Indígena - Grupo de Trabalho Indígena
IES - Instituição de Ensino Superior
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OIP - Organização dos Indígenas Potiguar
OJIP - Organização dos Jovens Indígenas Potiguar
OPIP - Organização de Professores Indígenas Potiguar
PB – Paraíba
PBP - Programa Bolsa Permanência
PET - Programa de Educação Tutorial
PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PPGCR - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
PPGEMA - Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental

PRAPE - Pró-Reitora de Assistência à Promoção ao Estudante

PRG - Pró-Reitora de Graduação

PROEXT - Programa de Extensão Universitária

PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras

PROLIND - Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas

PRPG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação

STI - Superintendência de Tecnologia da Informação

TCC - Trabalho de conclusão de curso

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Ritual de posse do Centro Acadêmico de Pedagogia.	90
Imagem 2 – Ritual do Toré na oca da UFPB.	91
Imagem 3 – Contribuindo na formação escolar do seu povo.	93
Imagem 4 – Partilhando o conhecimento científico com seu povo.	94
Imagem 5 – Ritual das mulheres universitárias Potiguara.	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas realizada sobre o povo Potiguara da Paraíba	25
Quadro 2 - Perfil dos(as) entrevistados(as)	37
Quadro 3 - Escolaridade dos(as) entrevistados(as)	37
Quadro 4 - Cursos ofertados pelo Campus IV da UFPB	48
Quadro 5 -Tipos de jovens universitários(as) Potiguara	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logo do Centro de Ciências Aplicada e Educação	41
Figura 2 – Quantitativo dos(as) universitários(as) Potiguara	61
Figura 3 – Universitários(as) Potiguara no curso de Antropologia	62
Figura 4 – Universitários(as) Potiguara no curso de Ciências Contábeis	62
Figura 5 – Universitários(as) Potiguara no curso de Design	62
Figura 6 – Universitários(as) Potiguara no curso de Ecologia	63
Figura 7 – Universitários(as) Potiguara no curso de L. em Ciências da Computação	63
Figura 8 – Universitários(as) Potiguara no curso de L. em Letras Português	64
Figura 9 – Universitários(as) Potiguara no curso de L. em Matemática	64
Figura 10 – Universitários(as) Potiguara no curso de Pedagogia	65
Figura 11 – Universitários(as) Potiguara no curso de Secretariado Exc. Bilíngue	65
Figura 12 – Universitários(as) Potiguara no curso de Sistema de Informação	66

RESUMO

Esta é a primeira pesquisa do PPGCR/CE/UFPB realizada por uma Potiguara da Paraíba, que apresenta como objeto: compreender a práxis dos(as) universitários(as) indígenas Potiguara. Na tentativa de apreender como as relações do universo acadêmico e as dimensões da espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara edificam sua alteridade étnica e seus conhecimentos tradicionais dentro do espaço acadêmico, bem como, tais discentes praticam os saberes científicos dentro das aldeias. Tem como objetivo investigar as suas ações na continuidade e a preservação de sua alteridade, bem como, da espiritualidade étnica enquanto indígenas, tanto na academia, como na aldeia de origem. Os principais aportes teóricos são: Barcellos (2012; 2014; 2017), Eliade (2002); Santos (2009); Palitot (2005), Vieira (2010); Mendonça (2014); Silva (2011); Sousa (2017), dentre outros. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa, apresentando caráter da autoetnografia, por ser a autora membro do povo Potiguara. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados a observação participante, uma vez que no universo indígena é primordial a presença *in loco* para investigar o objeto de estudo; o diário de campo, a fim de fazer todas as anotações, os roteiros, as inquietações junto aos(as) indígenas e as entrevistas semiestruturadas, essenciais para aprofundar as temáticas em destaques da pesquisa. Como resultados, o estudo revelou que os(as) universitários(as) Potiguara continuam cultivando a sua alteridade e espiritualidade, elementos primordiais da cultura indígena, oferecendo retorno preconizado para o fortalecimento de seus mitos e ritos étnicos. Mesmo com o aspecto individualista da universidade, foi identificado que os(as) universitários(as) indígenas assumem a sua identidade Potiguara, assim como o espírito de coletividade, dentro da academia, podendo assim voltar para a sua aldeia de origem, levando conhecimentos científicos para contribuir com o seu povo. Como isso irá ocorrer o tempo revelará!

Palavras-chave: Alteridade. Espiritualidade. Conhecimentos tradicionais. Universitários(as) Potiguara.

IMOMIRĨ

Î ypyramo, PPGCR rupi, kunhã Potigûara Paraibygûara porandu-randúbi Potigûara universidade-pe mimbo'e supé, tekó kuapotá, "universidade-pe, marãpe a'e Potigûáramo o ekó moetéu oíkóbo, o amỹipagûama remikuabymûana moetébo bé?" o'íabo o py'ape. "Marãpe o emikuapysasu universidade-pe o mbo'esagûera rerekóu, o tape seroiebyr'iré?" o'íabo. Kóba'e kûatiasara tekó oĩkuapotar, "marãpe Potigûara universidade-pe mimbo'e rekóu universidade-pe, o tape bé, Potigûáramo o ekó moiepotabẽagûama resé, i mombabe'ymagûama resé bé" o'íabo. Abá aĩpóba'e resé omba'ekûatiaryba'epûera: Barcellos (2014), Eliade (2002); Santos (2009); Palitot (2005), Vieira (2010); Mendonça (2014); Silva (2011); Sousa (2017), amõ aé abá abé. Kóba'e kûatiasara Potigûara rekó oĩkûatiapotar, asébe sepîak-uká, i matueté kuapa; a'e abé Potigûáramo o ekó resé. O porandu-randugûera resé, Kóba'e kûatiasara Potigûara rekóaba resé i ma'ẽmo, Potigûáramo sekóbo íabé setãma pupé. Oĩporu ogû okûatiaba'e nhũ rupindûara, opá mba'ekatu sepîágûera resé okûatiabo. Kóba'e kûatiasara Abá Potigûara i xupé i porandubetaĩ, i porandube'ýmamo oíkóbo nhẽ. O porandusagûera resé, asébe sepîak-uká, Potigûara universidade-pe mimbo'e Potigûáramo o ekó rupi onhepotabẽ sekóbo, Potigûara poranduba moetébo, Potigûara rekoaba moetébo bé, onhemopyatãmo o anama irũnamo. Amõ abá mba'epotasáramo sekóbo universidade pupé, O porandusagûera rupi, asébe sepîak-uká, Potigûara universidade-pe mimbo'e o ekóymûana rupi sekóbo mba'ekatu o-moĩa'o-ia'oka universidade pupé. E'ikatu oiebyra o mbo'esagûera seroieby' o tápe, o anama mbo'ebo, o anama pytybõmo. Kóba'e kûatiasara tekó oĩkuapotar, "Marãpe aĩpóba'e opory-ne" o'íabo. A'e-te o nhe'enga onhe'engobaixuar: "Mba'erama o-nhemoepiakukáryne".

Nhe'engeté: Potigûara rekoaba; Temikuabymûana, Potigûara universidade-pe mimbo'e.

ABSTRACT

This is the first PPGCR research produced by a Potiguara of Paraíba to understand how the relations of the academic universe and the spirituality dimensions of the Potiguara indigenous university students build their ethnic alterity and their traditional knowledge within the university, as these university students practice the scientific knowledge within the indigenous village. This research has a goal to investigate the actions of Potiguara university students in the continuity and preservation of their alterity and ethnic spirituality as indigenous people, both in the academy and in the indigenous village. The main theorists are: Barcellos (2014), Eliade (2002); Santos (2009); Palitot (2005), Vieira (2010); Mendonça (2014); Silva (2011); Sousa (2017), among other theorists. This is an ethnographic research with a qualitative approach, presenting the self-ethnography character because the author is a member of the Potiguara nation. As research instruments were used the participant observation since in the indigenous universe, the presence in loco is primordial to investigate the object of the study; the field diary with all notes, the scripts, the restlessness with the indigenous people; the semi-structured interviews that are essential to deepening the featured themes in the research. As a result, the study revealed that the Potiguara university students continue to cultivate their alterity and spirituality, the two primordial elements of the indigenous culture, offering a recommended return for the strengthening of their myths and ethnic rites. Despite the individualistic aspect of the University, it was identified that the indigenous university students accept their Potiguara identity, as well, the collectivity spirit, within the University, thus being able to return to their indigenous village, bringing the scientific knowledge to contribute with your community. How this will happen, time will reveal!

Keywords: Alterity. Spirituality. Traditional Knowledge. Potiguara University Students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 A PESQUISADORA E O NASCER DO TRABALHO INVESTIGATIVO	19
1.2 CONTRIBUIÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES E O OBJETO DE PESQUISA	25
1.3 TRAJETO METODOLÓGICO.....	33
1.3.1 Aspectos da pesquisa de campo, desafios e perspectivas	34
1.4 CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	42
2 O CCAE E OS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA	44
3 ALTERIDADE E ESPIRITUALIDADE DOS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA.....	73
3.1 UM OLHAR SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO POVO POTIGUARA	73
3.2 ALTERIDADE E ESPIRITUALIDADE DOS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) INDÍGENAS POTIGUARA DO CCAE.....	83
3.3 ESPIRITUALIDADE ENTRE OS (AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA	85
3.4 ASSUMINDO A IDENTIDADE E A ESPIRITUALIDADE POTIGUARA DENTRO DA UNIVERSIDADE	90
3.5 COMPARTILHANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NAS ALDEIAS	97
3.6 A PERCEPÇÃO DOS(A) ANCIÃOS(Ã) SOBRE OS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA	101
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A	114
APÊNDICE B.....	115

1 INTRODUÇÃO

Sou um indiozinho que passeia tranquilo pela beira da praia, meu quintal.
Inteligente, sei que de tudo disponho para ser feliz.
Mas sinto que, à espreita, me observavam de longe.
Um dia, no entanto, aconteceu... Conheci alguns homens diferentes cobertos de panos.
Com curiosidade normal de toda criança fui me aproximando timidamente e me encantando com as novidades.
Mal sabia que aí começaria minha escravidão... E no meio da rejeição conheci uma arma diferente.
Arma de homem covarde, pois no corpo a corpo não guerreava.
De longe causava seu estrago que, da tocaia, o covarde homem atirava.
Não adiantava gritar: -Nós não precisamos de nada, já temos tudo e queremos nossa paz!
Outra língua eles falavam...
Foi-me imposta religião, costumes e tradições.
Foi dizimado o meu viver...
Via pouco a pouco meu povo morrer, e me perguntava: - O que será de nós agora?
O silêncio...
E lá ao longe na mata uma ave solidária, com seu canto me respondia.
E a dor que mais me doía se fazia ser ouvida...

(CRUZ, 2013, s/p).

Falar da cultura¹ Potiguara é algo que muitos estudiosos já fizeram, porém esse estudo tem um diferencial de outros já desenvolvidos sobre os Potiguara, na área de Ciências das Religiões, por se tratar de uma abordagem sobre a alteridade e a espiritualidade² dos(as) universitários(as) indígenas Potiguara em que a autora, por ser Potiguara, encontra-se intrinsecamente ligada à própria realidade do universo da pesquisa. Esse fator, dentre outros, é o que caracteriza a singularidade deste trabalho, sobretudo, por apresentar um aspecto da autoetnografia³, na qual a autora assume, não somente a identidade Potiguara e sua trajetória de luta, mas carrega consigo uma jornada acadêmica assumindo também sua identidade universitária.

¹ O conceito de Cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez por Tylor, em 1871, como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética [...] (LARAIA, 2001, p. 14-16).

² É aquilo que produz no ser humano uma mudança interior (BOFF, 2001, p. 16).

³ [...] O termo “autoetnografia” foi utilizado inicialmente pelo antropólogo Hayano em 1979, depois, no início dos anos de 1980, esta abordagem metodológica começou a ser desenvolvida e definida como um método de pesquisa, quando compreensões mais sofisticadas e complexas do campo de pesquisa emergiram e sua conexão com a experiência pessoal começou a ser desenvolvida no Departamento de Fenomenologia, Etnometodologia e Sociologia Existencial na pós-graduação da Universidade de Chicago (MOTTA; BARROS, 2015, s/p).

Apresentamos alguns aspectos do cotidiano dos(as) universitários(as) vivenciados em suas aldeias⁴, observando sua participação e contribuição na preservação e continuidade de suas práticas tradicionais⁵, assim como serão destacadas algumas manifestações da espiritualidade praticadas pelos(as) universitários(as) Potiguara no espaço acadêmico e que contribuem para a formação e reafirmação de sua alteridade étnica.

Existe um grande quantitativo de universitários(as) Potiguara da Paraíba distribuído por inúmeras Instituições de Ensino Superior - IES, mas optamos por delimitar o universo da pesquisa no *Campus IV* da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no Centro de Ciências Aplicadas e Educação - CCAE, em Rio Tinto e em Mamanguape. Outro motivo foi por se tratar do berço onde nasceu o interesse pelo tema, pela experiência da autora, durante os cinco anos de graduação no Curso de Secretariado Executivo Bilíngue e também pela localização do *Campus*, situado ao lado do território Potiguara.

1.1 A PESQUISADORA E O NASCER DO TRABALHO INVESTIGATIVO

Em termos identitários manifesto aos(as) leitores(as) que, sou indígena Potiguara, da Aldeia Jacaré de Cesar, localizada no município de Marcação, estado da Paraíba – Brasil. Filha de João Condado Gomes e Maria Cinesio Soares, tenho 10 irmãos(ãs), 05 homens e 05 mulheres, uma família linda que amo muito. Com 12 anos de idade comecei a trabalhar na agricultura com meu pai, porque eram 13 pessoas na minha casa, então os(as) filhos(as) também contribuía com a renda familiar, meu pai e minha mãe sempre trabalharam na roça, e a gente sempre ajudou, eu, minhas irmãs e meus irmãos, desde a educação básica até o ensino médio.

Comecei a estudar com sete anos de idade, porque não tinha escola próxima, meu pai procurou o prefeito, mas não tinha como fazer uma escola na aldeia, então ele cedeu a sala da nossa casa para termos aula. Meu pai e a minha mãe eram analfabetos, pois nunca tiveram condições nem oportunidade de estudar, mas sempre tiveram um sonho de que os filhos tivessem acesso à educação escolar, por isso o maior exemplo que a gente segue é justamente essa força de vontade dos nossos pais, pois mesmo eles não tendo acesso à educação escolar, sempre correram atrás para que a nós tivéssemos. O prefeito queria pagar o aluguel da sala da

⁴ No contexto organizacional contemporâneo dos Potiguara, os povoados que são considerados aldeias são aqueles que possuem um líder ou representante, geralmente chamado de cacique, não importando necessariamente a quantidade de pessoas que habitem estes povoados (PALITOT, 2005, p. 5).

⁵ Costumes ancestrais vivenciados pelo povo Potiguara da Paraíba, levando em consideração suas práticas culturais no tempo presente, mediante o processo de resistência e emergência étnica.

nossa casa, mas o meu pai não aceitou, pois para ele o valor maior que ganharia, seria a nossa educação escolar, então ele convenceu as outras famílias que moravam próximo, sobre a importância de estudar porque os pais não queriam que os filhos deixassem de trabalhar na roça para estudar, alegando que iriam perder tempo.

Quando começamos estudar, à noite, a sala era mais um componente da casa, mas durante o dia era sala de aula. Cresci tendo a percepção de educação vinda dos meus pais. Ao entrar na 5ª série passamos a estudar em Marcação, porque não tinha a 5ª série nas aldeias, estudávamos de manhã e à tarde trabalhávamos na roça com nossos pais. Depois passamos a estudar à noite para conseguir ajudar mais na roça. Pela falta de transporte escolar, andávamos à pé todos os dias para pegar o ônibus na Aldeia Caieira e ir para a escola em Marcação, mesmo depois de ter passado o dia trabalhando no roçado.

Além de estudar, tínhamos também o compromisso de ajudar a família. Estudar era mais que uma vontade nossa, era um desejo dos nossos pais também. Acreditamos que esse desejo de estudar partiu de todos(as). Mesmo passando o dia no roçado e andando os 8km por dia para ir à escola, não foram obstáculos suficientes para desistirmos, porque tínhamos a consciência que estudando era a melhor forma de termos condições para ajudar e dar esse orgulho aos nossos pais, ter o acesso à educação que eles não tiveram, porque de certa forma, estávamos realizando o sonho deles de estudar. Hoje já são cinco filhos(as) que tiveram acesso ao Ensino Superior, quatro mulheres e um homem, primeira geração, conquista inédita para a nossa família.

Quando passamos no vestibular em 2009, quase não acreditamos, por achar muito distante, um sonho quase impossível. Sempre quisemos fazer o curso de Letras Inglês, mas só era ofertado no *Campus I*, na cidade de João Pessoa, capital do estado, então optamos por secretariado, mas me questionava de que forma poderia contribuir com meu povo, porque temos o compromisso de contribuir com as nossas aldeias, de dar retorno. Enquanto professor é mais fácil, contribuindo com a formação de outros parentes, mas enquanto secretária executiva o que eu poderia fazer pelo meu povo? Carregamos esta pergunta durante o primeiro e o segundo períodos do curso e só depois conseguimos encontrar a resposta que procurava, ao perceber que no curso de secretariado a área que mais me chamava a atenção era a assessoria aos movimentos sociais, na qual encontramos a abertura para contribuir com o meu povo, aplicando conhecimentos adquiridos durante a graduação, organizando eventos culturais, assembleias universitárias, assembleias do povo Potiguara entre outros eventos, dentro e fora do nosso território.

Quando começamos a participar dos Sem Terrinha em 2011, percebemos que a sala de aula era muito limitadora, muita teoria, estava tendo uma formação muito mais mercadológica, que me deixava insatisfeita, porque a minha formação familiar na aldeia sempre foi voltada para a coletividade com o nosso povo, já na universidade não era assim, por isso sentia falta de uma formação mais humana. Considerando esse contexto, vale apontar que há uma prática de militância dentro do movimento indígena desde os 14 anos de idade, quando participamos da retomada de terra da Aldeia Três Rios no município de Marcação, em agosto de 2003.

Em 2010, quando começamos a participar do Programa de Educação Tutorial - PET-Indígena Potiguara⁶, conhecemos e tivemos contato com outros(as) universitários(as) Potiguara; nos encontros semanais do PET, era o momento de conversar com nossos(as) parentes e conhecer um pouco a realidade do(a) outro(a), sua relação com o curso, o que estava acontecendo nas aldeias, as relações com as lideranças, entre outras coisas que eram importantes para a nossa vida pessoal enquanto Potiguara e universitário(a); havia ajuda mútua entre os participantes, mesmo diante das dificuldades, encontrávamos no(a) outro(a) a força para continuar.

O PET era muito mais que um programa de extensão, ensino e pesquisa e sim, um apoio de base. Foi através desse Programa que pude, enquanto universitária, dar a minha primeira contribuição para o meu povo, através do cursinho pré-vestibular, ministrado na Aldeia Grupiúna no município de Marcação Paraíba - PB, colaborando com a entrada de outros parentes na universidade. Assim, o PET nos deu uma formação humana e a possibilidade de nos conhecermos melhor. Quando algum(a) Potiguara entrava na universidade, ele era o suporte que acolhia a todos(as) que estavam chegando e passando por dificuldade.

Era um projeto de vida no qual existia a preocupação e o cuidado com o(a) outro(a), dava o suporte que a sala de aula não dava e jamais vai dar, por isso, acredito que a universidade falha neste aspecto, pois por mais que tenham cursos de humanas, as vezes são cursos meramente em sala de aula, onde não se vê a realidade do(a) outro(a), que não enxerga e/ou não se quer enxergar a realidade até mesmo ao lado da universidade, onde há uma comunidade passando dificuldades, com pessoas às margens da violência, sendo que essa deveria ser uma

⁶ O Programa de Educação Tutorial - PET indígena Potiguara, é financiado pelo Ministério de Educação e Cultura-MEC, desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão. Aprovado em dezembro de 2010, pelo Prof. Dr. Lusival Antonio Barcellos, tem como proposta o acesso e a permanência do universitário indígena na academia, bem como a valorização cultural e étnica de sua ancestralidade milenar. Está vinculado ao Departamento de Educação (DED), do Centro de Ciências Aplicada e Educação (CCAEE), *Campus IV - Litoral Norte*, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

questão que a universidade deveria se preocupar. Critico esse aspecto negativo da sala de aula, mas ao mesmo tempo tenho ciência de que preciso beber desta teoria, para poder vivenciar a prática.

A universidade me proporcionou conhecimento, mas não posso esquecer a minha formação familiar, pois foi a minha base. O conhecimento acadêmico é importante, mas é preciso saber como usá-lo, porque não podemos entrar na universidade somente para atingir nossos objetivos individuais. O papel da instituição de ensino superior é algo maior, deve ser um universo que possibilita perceber e acessar o outro, sobretudo, enxergar a realidade dos indivíduos, colocando-se em seu lugar. É nesse entendimento, que a universidade através do PET, colaborou para uma reafirmação maior enquanto espaço social, já que em muitos lugares não temos nem a possibilidade de nos identificarmos enquanto indígena. Na universidade temos esta abertura, e também de mostrar para o meio acadêmico que estamos aqui e que mesmo com os preconceitos que enfrentamos, não temos medo de mostrar a nossa cara.

A luta diária que enfrentamos é justamente se identificar como indígena independente de ter cabelo liso ou não, olho puxado ou não, pelo fato de o estereótipo ser muito forte, mas lutamos para ocupar este espaço. Enfrentar os preconceitos é justamente reafirmar para o(a) outro(a) a sua identidade. Através do PET conseguimos deixar nossa marca no *Campus IV* da UFPB. Os espaços não são conquistados de um dia para o outro, temos que estar toda hora reafirmando a nossa identidade, e se reafirmar não é só dizer que é indígena, é lutar para conquistar novos espaços. Esta resistência que enfrentamos não é fácil porque somos criticados(as) e questionado(as) a todo momento. São lutas que temos que travar todos os dias, a começar quando nos identificamos como indígena, onde surgem os interrogatórios: índio(a) com cabelo cacheado?! você não parece índio(a); índio(a) com celular?! Índio(a) na universidade?! Entre outros absurdos.

A experiência no PET foi uma das mais importantes escolhas feitas durante a graduação, pois ao chegar à universidade, tudo é diferente do que estamos acostumados em nossas aldeias: percebemos que estava sozinha, que a luta era muito maior do que qualquer outra luta enfrentada com os meus parentes, uma vez que naquele ambiente não tinha o auxílio deles. Como já mencionado, sempre tentamos participar o máximo das atividades extraclasse, assim, é importante assinalar que uma outra contribuição enriquecedora foi a monitoria, que me fez despertar um outro olhar sobre a docência e o desejo pela pesquisa. A experiência da monitoria aumentou meus conhecimentos, nos quais aprendemos ajudando outras pessoas, foi também a partir da monitoria que surgiu o desejo e a paixão pela docência.

Sou graduada em Secretariado Executivo, pela UFPB, com atuação em projetos de extensão, como o Programa de Extensão Universitária - PROEXT 2013; Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agrária - PB; Implantação de Gestão Solidária e Rede Local; o PET, dentre outros. Como sócia da Associação Universitária Potiguara - AUP desde 2011, percebemos sua importância para com os(as) universitários(as) Potiguara, pois são muitas dificuldades enfrentadas dentro da academia, necessidades estas que são invisíveis perante a instituição, por não ser de seu interesse. Dificuldades enfrentadas por discentes Potiguara, porque antes acreditavam que ingressar seria o maior desafio e, ao entrar vai perceber que a sua permanência se torna bem mais difícil. Apesar das limitações, acredito que os(as) universitários(as) Potiguara organizados(as) através da AUP, conseguirão conquistar espaços dentro da universidade que servirão de apoio para futuras gerações.

Durante a graduação, observamos o saber acadêmico tinha uma formação individualista, totalmente diferente daquela recebida por minha família e a ensinada pelo meu povo. Por isso, sempre busquei participar de projetos de extensão, com a finalidade de sair do universo limitador que a sala de aula apresentava, pois nos projetos de pesquisa que participamos havia o contato com outras realidades, como por exemplo, nos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Portanto, considero que a minha participação nos projetos contribuiu para minha formação humanística que a sala de aula jamais poderia me proporcionar, à exemplo da participação efetiva do PET Indígena durante cinco anos, no qual até hoje atuo como voluntária.

Em 2016, junto com outros(as) parentes Potiguara e pesquisadores não indígenas, fundamos o Coletivo de Pesquisa pela Valorização dos Saberes Potiguara - COLETIVO, onde realizamos pesquisas sobre o nosso povo, na intenção de legitimar os nossos conhecimentos tradicionais perante a sociedade, que vê o conhecimento indígena apenas como conhecimento 'empírico' e não como uma 'ciência'. Realizamos dois seminários anuais, 2016 e 2017, no qual foi debatido com anciões(ãs), lideranças, jovens, universitários(as), outros membros da comunidade Potiguara e participantes não indígenas, questões diversas sobre a cultura Potiguara.

Em 2017 começamos a fazer parte da Articulação de Mulheres Indígenas da Paraíba - AMIP, grupo de mulheres que lutam pelos direitos, empoderamento e autonomia da mulher indígena, trabalhando também a espiritualidade feminina, dentro do território Potiguara, com o intuito de nos apropriarmos de nossa ancestralidade, cuidando de nós mesmas e de outras parentes, por acreditar que sempre poderemos fazer algo mais pelo nosso Povo.

Os obstáculos enfrentados no ambiente acadêmico durante a graduação, se estenderam para a pós-graduação, me senti vencedora, pois são muitas lutas superadas para conseguir estar neste espaço. Antes eu queria me formar e corroborar com meu povo, mas o espaço que eu estava ocupando na pós-graduação, dava oportunidade de contribuir ainda mais. Pelas dificuldades e minhas limitações da formação escolar, jamais pensamos que poderia voar tão alto, pois agora poderia colaborar muito mais, não só pelo espaço que estamos ocupando dentro da universidade, mas sobretudo pela missão que tenho com meu povo.

A pós-graduação veio colaborar e dar condições de lutar ainda mais, reafirmar mais uma conquista e contribuição junto ao meu povo. Antes os nossos antepassados lutaram com flechas, hoje precisamos lutar com canetas, com argumentos dos livros, nossa arma é o conhecimento, por isso a necessidade de ocupar este espaço, porque somos instrumentos dos nossos antepassados, assumimos a luta por eles, através deles, pelo chamado que recebemos.

Nosso povo luta pela liberdade de viver numa terra livre, nossos antepassados nos chamam para cumprir esta missão. Nós aceitamos o compromisso de lutar pelo meu Povo, por isso estou aqui. Durante muito tempo ficamos com este questionamento (o porquê de eu estar aqui), mas quando fiz a entrevista com um ancião e liderança da Aldeia Forte, passamos a entender e responder meu questionamento, quando ele falou que, “[...] cada um de nós temos um papel importante na luta do nosso povo.” (CAPITÃO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abril, 2018).

Sempre busquemos contribuir com o nosso povo, defendendo nossa cultura e tradição. A formação que recebemos na sala de aula, durante a graduação, me preocupou em relação aos meus parentes, pois embora eu tenha me desviado da limitação da sala de aula, ficava pensando como meus parentes reagiriam àquela situação, onde a universidade desconstrói a nossa formação de base, principalmente por vivermos em uma sociedade capitalista, na qual os interesses coletivos são, muitas vezes, dispensados pela maioria da população, que busca a realização dos seus interesses individuais, abrindo espaço para o egocentrismo do capitalismo dos dias hodiernos. Não é diferente nos cursos de Ensino Superior adotados pelas universidades, nos quais é aplicada a formação mercadológica de profissionais voltados em sua grande maioria para o mercado de trabalho.

Devido a essa circunstância, surgiu a necessidade de investigar sobre o aspecto de formação mercadológica oferecida pela universidade, tentando responder a seguinte questão que surgiu durante a minha pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso- TCC: Que universidade nós queremos?

A pesquisa foi voltada para a formação do profissional de Secretariado Executivo, porém sentimos a necessidade de investigar um pouco mais, desta vez sobre meus parentes, os(as) universitários(as) Potiguara, a relação da universidade com a alteridade étnica de cada um(a) e a contribuição com sua aldeia de origem, na continuidade e preservação de sua tradição e espiritualidade. Buscamos então, o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR, para realizar minha investigação, por oferecer nas suas linhas de pesquisa a abertura para dialogar com o meu objeto de estudo.

Dessa forma, o foco da pesquisa é investigar se os universitários, adquirindo os saberes acadêmicos, continuarão cultivando suas tradições e espiritualidade herdadas pelos ancestrais, e como o conhecimento científico pode intervir na concepção da alteridade e espiritualidade étnica dos(as) universitários(as) Potiguara.

Destacamos como objetivo geral: investigar as ações dos(as) universitários(as) indígenas Potiguara na continuidade de sua cultura e a preservação de sua alteridade e espiritualidade étnica enquanto indígenas, tanto na academia, como em sua aldeia de origem. Os Objetivos específicos são: verificar as relações do universo acadêmico e as dimensões da espiritualidade de cada universitário como elemento primordial para a edificação de sua alteridade étnica; descrever os aspectos culturais dos(as) universitários(as) presente na vida acadêmica e a relação com o processo de formação de sua alteridade; verificar como e quando os(as) universitários(as) Potiguara praticam seus conhecimentos tradicionais dentro da universidade, assim como os saberes científicos são utilizados nas aldeias.

1.2 CONTRIBUIÇÃO ENTRE AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES E O OBJETO DE PESQUISA

No caminho percorrido pelo(a) leitor(a), será possível perceber que as Ciências das Religiões traz grandes contribuições ao objeto de pesquisa em questão, por se tratar de uma ciência que estuda o fenômeno religioso em todas as dimensões e significados. Em contrapartida, nosso objeto de estudo também tem algo a oferecer a esse campo teórico, se alocando como uma espiritualidade étnica que se propõe a constantes mudanças e reatualização de seus significados no contexto de ressurgimento de sua cultura.

Na tentativa de comprovar a singularidade deste trabalho, no quesito que se refere ao diferencial dos estudos já realizados sobre os Potiguara da Paraíba, fizemos uma pesquisa do tema nos bancos de dissertações e teses, para fins de comprovação de nossa afirmação, no período de 23 a 30 de maio de 2018, com os descritores: Alteridade Potiguara; Espiritualidade

Potiguara; Educação Potiguara e Universitários Potiguara, no contexto de trabalhos/pesquisas voltadas ao campo das Ciências das Religiões, a nível de Brasil, e especificamente, Paraíba.

Consultamos vários Sites, dentre eles, o do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões PPGCR (<http://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=1902>); Site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal da Paraíba- UFPB (http://tede.biblioteca.ufpb.br/?locale=pt_BR); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDBTD (<http://bdtd.ibict.br/vufind/>); Site do SciELO (<http://www.scielo.br/>); Site do Banco de Teses e Dissertações da Capes e (<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>). Os resultados estão expostos em forma de quadro, destacando os mais relevantes:

Quadro 1 - Pesquisas realizados sobre o povo Potiguara da Paraíba, nos bancos de dissertações e teses

Site	Palavra-chave	Arquivos encontrados	Ano
PPGCR	Espiritualidade Potiguara (02 trabalhos)	JOSELMA BIANCA SILVA DE SOUZA MENDONÇA ("ENTRE O TRONCO E O MONTE: Convergências e divergências nas espiritualidades dos Indígenas Potiguara e do Carmelo Monástico da Paraíba");	2014
	Alteridade Potiguara, Educação Potiguara, Universitários Potiguara (00)	ALMIR BATISTA DA SILVA (Religiosidade POTIGUARA: Tradição e Ressignificação de Rituais Na Aldeia São Francisco)	2011
UFPB (fora do PPGCR)	Educação e alteridade Potiguara (03 teses e 01 dissertação)	<u>Programa de Pós-Graduação em Educação</u>	
		<i>Narrativa, Tradição, Interculturalidade: os significados da formação acadêmica na identidade de jovens Potiguara (Elaine Freitas de Sousa)</i>	2017
		<u>Programa de Pós-Graduação em Linguística</u>	
		Narrativas indígenas: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação (Bezerra Paiva)	2013
	(01tese) Saúde das mulheres Potiguara	Educação escolar yanomami e potiguara (Hellen Cristina Picanço Simas)	2009
		Letramento indígena: entre o discurso do RCNEI e as práticas de letramento da Escola Potiguara de Monte- Mór (Hellen Cristina Picanço Simas)	2016

	02 dissertações (geografia e meio ambiente)	<u>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem</u> Do mundo para a tribo: a Aids sob o olhar de mulheres da etnia potiguara (Rafaela Gerbasi <i>Nóbrega</i>)	2014
		<u>Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente.</u>	
	03 dissertações (Educação Indígena)	Terra indígena x terra de usina: legislação socioambiental e fundiária e os conflitos na TI Potiguara Monte-Mor-PB (Ivys Medeiros da <i>Costa</i>)	2015
	Alteridade Potiguara, e Universitários Potiguara (00)	A carcinicultura familiar na aldeia indígena potiguara de Tramataia, Marcação - Paraíba: em busca da sustentabilidade <u>Programa de Pós-Graduação em Serviço Social</u> Educação escolar indígena: uma análise a partir da perspectiva da sexualidade e gênero no município indígena de Baía da Traição/PB (Patrícia Karla Ferreira e <i>Silva</i>) Educação ambiental em terras indígenas potiguara: concepções e possibilidades na educação de jovens e adultos nas escolas estaduais indígenas do município de Rio Tinto-PB (Sidnei Felipe da <i>Silva</i>)	2010 2013
BDBTD	Indígenas Potiguara (137 trabalhos) UNB-109; UFPB12; UFPE- 06; USP- 02; MACKENZIE, PUC-SP, UEPB, UFCG, UFRGS, UFRN, UFSC e UNINOVE- 01 trabalho. Geografia, Etnicidade, Processos Históricos, Demarcação de Terras, Educação, Cultura, Literatura Indígena, Espiritualidade são os temas encontrados (e alguns destes se aplicam	Dentre os 109 da UNB, grande maioria abordam outros grupos indígenas, os quais, em razão do tempo, não pudemos conferir um a um, para separar especificamente qual se restringe verdadeiramente ao universo Potiguara. Optamos por não listar em razão da quantidade de pesquisa, restringindo-se apenas em mostrar a quantidade de trabalhos nas respectivas	

	às palavras-chave desta pesquisa)		
Site da Capes (Teses)	32 teses Ancestralidade, Geografia, Etnicidade, Processos Históricos, Emergência étnica e Territorialização, Educação, Cultura, Literatura Indígena, Espiritualidade, Prostituição, Ecologia, Alimentação, Saúde são os principais temas dos trabalhos encontrados	Optamos por não listar em razão da quantidade.	
SciELO	07 artigos 01 Literatura Indígena 05 Saúde	Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia (Eurídice Figueiredo- UFF) Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão (Wilson Alves de Araújo, Joelma Abrantes, Guedes Temoteo, Maristela Oliveira de Andrade e Salvador Dal Pozzo Treviza- UNEB/ UFPB/ UESC) Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde- Silvana Carneiro Maciel; Rita de Cássia Cordeiro de Oliveira; Juliana Rízia Félix de Melo- UFPB) Implicações do uso do álcool na comunidade indígena Potiguara (Juliana Rízia Félix de Melo; Silvana Carneiro Maciel; Rita de Cassia Cordeiro de Oliveira; Antonia Oliveira Silva- UFPB/ UFRN) The Active Search for Respiratory Symptomatology for the Control of Tuberculosis in the Potiguara Indigenous Scenario, Paraíba, Brazil (Rafaela Gerbasi Nóbrega; Jordana de Almeida Nogueira; Antonio Ruffino Netto; Lenilde Duarte de Sá; Ana Tereza Medeiros	2018 2017 2012 2011 2010 2010

		Cavalcanti da Silva; Tereza Cristina Scatena Vill- UNIPÊ/ UFPB/USP)	
01 Gênero e Direito	00 Alteridade, Espiritualidade e Universitários Potiguara.	Dental caries and treatment needs among indigenous people of the Potiguara Indian reservation in Brazil- (Fábio Correia Sampaio, Cláudia Helena Soares de Moraes Freitas, Matilde Barbosa de Farias Cabral and Ana Thereza de Azevedo Britto Machado- UFPB/ undação Nacional de Saúde/ Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba). Juçara: o início da solidão e do sofrimento das mulheres indígenas, motivados pela violência e pelo racismo- ELIANE POTIGUARA	2002

Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018).

Como apresentado no Quadro 1 acima, foi possível observar que apesar da grande quantidade de pesquisas realizadas sobre os Potiguara da Paraíba, não foi encontrado nenhum trabalho com o tema em questão, o que aponta para a especificidade deste trabalho em nossa área, porém, vale destacar a presença de uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, concluída em 2017 que mais se aproxima da temática da nossa pesquisa, com o tema: Narrativa, Tradição, Interculturalidade: os significados da formação acadêmica na identidade de jovens Potiguara, da autoria de Elaine Freitas de Sousa.

Percebemos a partir dos resultados da pesquisa no banco de dados de Teses e Dissertações, que o nosso trabalho contribui para o PPGCR-UFPB, por se tratar de um tema inovador, proporcionando um novo diálogo/debate para o campo das Ciências das Religiões. Ainda meditando sobre esse processo de contribuição, descobrimos que esta via de mão dupla funciona sobre a necessidade de investigação científica feita por cientistas das Religiões, na tentativa de averiguar como se constituem a alteridade e a espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, ao passar por esse processo de ressignificação cultural.

Comprometido com este ideal, podemos destacar que, tanto no campo das Ciências das Religiões, quanto no processo de construção da alteridade e espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, será possível encontrar questionamentos e evidências que são semelhantes aos dois campos e ambos servem para a compreensão de seu estudo. Efetivamente é notório observar o auxílio e respaldo das Ciências das Religiões no trabalho em questão. Por isso, contextualizamos o processo formativo das CR e travamos um debate acerca de seu

conceito e definição, na tentativa de encontrar um ponto que faça um elo entre as duas temáticas. Assim como a sociedade em geral possui uma religião ou pratica qualquer ato religioso, os povos indígenas também são possuidores e praticantes deste ato. Hock (2010, p. 25) afirma que “[...] a religião faz parte da condição humana do ser humano.” Aqui versaremos sobre a espiritualidade Potiguara, por se tratar do nosso objeto de estudo, especificamente a alteridade e a espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara.

Ao lançar a contextualização das Ciências das Religiões, deve-se levar em consideração seu processo histórico, que é datado na segunda metade do século XIX, no qual “[...] se reuniram as condições indispensáveis à fundação de uma ciência das religiões” (SAUSSAYE, 1940, p. 13). Embora tenha se estabilizado institucionalmente apenas na segunda metade do século XIX, “[...] um saber sobre religião já era comprovado desde a antiguidade grega” (USARSKI, 2006, p. 15) e ao longo dos séculos, “[...] ganhou sucessivamente o status de um conhecimento digno da designação Ciência da Religião” (USARSKI, 2006, p. 15). O campo discursivo da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) provoca um debate singular e pluralista, onde alguns autores defendem o caráter singular de uma Ciência da Religião e outros optam pelo caráter pluralista de Ciências das Religiões. Aqui defendemos o caráter pluralista, por acreditar que dentro de sua multiplicidade de conceitos e de significados do termo religião, é necessário a utilização de várias ciências para a realização de seu estudo. Portanto:

Quem fala de Ciência da Religião tende, de um lado, a pressupor a existência de um método científico e, de outro, também de um objeto unitário. Quem, ao contrário [...], prefere falar de Ciências das Religiões, o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico [e da impossibilidade de reduzi-lo a um mínimo denominador comum] quanto do pluralismo do objeto [e da não liceidade e até impossibilidade, no plano da investigação empírica, de construir sua unidade] (CAMURÇA, 2008, p. 20).

Assim como o debate plural/singular da(s) Ciência(s) da(s) Religião(es), existe também um debate constante acerca de seu significado, na tentativa de definir o conceito de religião. Podendo ser dito, dentre outros que é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de atualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2013, p. 67).

A definição do antropólogo norte americano Clifford Geertz, se aproxima do nosso objeto de estudo, pois este, defende um sentido mais amplo de seu significado, contemplando o sentido de religião e os diversos tipos de espiritualidades, atribuindo seu significado ao sistema simbólico. Para complementar este sentido, Boff (2001, p. 66,) destaca que a “[...] espiritualidade tem a ver com a experiência, não com doutrina, não com dogmas, [...], não com celebrações” ou seja que a espiritualidade ultrapassa o sentido institucionalizado e dogmático, pois não se prende as definições nem conceitos, ela simplesmente é vivida. “A espiritualidade está presente e perpassa a religiosidade, ao passo que surge a partir de uma experiência do ser com o transcendente, não estando firmada a nenhuma confissão religiosa específica ou necessariamente tenha que pertencer a ela.” (MENDONÇA, 2014, p. 87).

Optamos por utilizar o termo espiritualidade e não religiosidade, por acreditar que o primeiro contempla uma visão mais ampla que o segundo, pois entendemos que a espiritualidade indígena se manifesta através de símbolos, que estão representados nas músicas, pinturas e elementos da natureza. Sendo assim, por meio deste processo, é possível alcançar a espiritualidade étnica, elemento primordial que constitui a cultura e o processo de resistência indígena. Para completar o sentido de cultura representado pela expressão simbólica dos Potiguara, utilizamos o conceito de cultura através de símbolos oferecida por Geertz (2013, p. 66), que assinala:

[...] O conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem ambiguidade alguma fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Definir religião não é o foco deste trabalho, já que ninguém ainda conseguiu fazê-la de forma concreta e objetiva. E isso fica claro no discurso de Latour (1999), ao falar que religião não pode ser tratada de forma universal, que possa comparar divindades, rituais e crenças. Já Hock (2010, p. 17) destaca claramente a tentativa de muitos autores em encontrar um conceito de religião, que segundo ele, “[...] não será concluído num futuro próximo – e provavelmente também não poderá ser concluído.” O autor ressalta ainda, que a dificuldade de definir o termo está associada ao desejo de aplicar de forma universal em outros conceitos históricos e culturais, quando na verdade o seu nascimento nos remete a um tempo remoto, num contexto cultural e histórico bastante diferente da atualidade, ou seja, “[...] Num primeiro momento, pertence à

história intelectual ocidental” (HOCK 2010, p. 17). De fato, “[...] não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos.” (ASAD, 2012, p. 264).

Hock (2010) e Prandi (1999) afirmam que é impossível encontrar uma definição concreta do termo religião, por sua pluralidade de significados. Já Latour (2004) em seu texto, ‘Não Congelarás a Imagem’, ou: ‘Como não desentender o debate Ciência-Religião’, fala de religião a partir do cristianismo, como um modo de pregar e de enunciar a verdade. Prandi (1999) em ‘As Religiões: Problemas de definição e de classificação’ adverte que, as religiões avaliadas a partir do cristianismo, expressam significado incompleto em relação às demais religiões, em sua multiplicidade. Embora alguns autores busquem uma definição de religião a partir do cristianismo, é necessário considerar os precursores que definem o termo já apontando para sua multiplicidade.

Adotamos o termo religião em seu sentido mais amplo, que possa englobar as religiões anteriores e posteriores ao surgimento do cristianismo⁷, onde Prandi (1999, p. 254) ressalta que “[...] o cristianismo é uma dentre tantas religiões presentes no planeta: entre esta há algumas, [...] que remontam a época bem mais antiga do que a que viu o nascimento do cristianismo.” Esta afirmação aponta para a necessidade de destacar que na dimensão Potiguara, o cristianismo surgiu por volta dos anos 1589, onde se deu o processo de catequese “[...] nas aldeias do litoral e sertão da Paraíba” (MOONEN; MAIA, 2008, p. 04), pelos missionários jesuítas, onde foram obrigados a praticar a religião cristã no território Potiguara.

Não é indicado o uso de uma definição genérica de religião, porque assim sendo, não daria conta de todos os seus componentes, já que cada religião possui sua especificidade. Desse modo não poderia falar, no contexto Potiguara em uma definição substancialista de religião, já que segundo Hock (2010), essa definição busca uma essência da religião que seja comum em todas as outras. Prandi (1999, p. 261) designa nesse sentido, que “[...] a religião é [...] onde, em geral, há referência a entidades transcendentais.”

Embora na tradição Potiguara exista a presença de um deus ou vários deuses, que são comuns a algumas religiões, esta comparação não pode ser feita com todas as religiões, por se tratar de um debate arcaico em relação a sua definição, tendo em vista que nem toda religião

⁷Atualmente é a maior religião do mundo. Se iniciou através dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, considerado o salvador da humanidade. Existem três ramos do Cristianismo: Protestantismo, Catolicismo e Igreja Ortodoxa. (DANTAS s/d, s/p).

possui essa(s) presença(s) configurada(s), “[...] e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos” (USARSKI, 2013, p. 51). Complementando esta afirmação, “[...] não há ponto de vista a partir do qual seria possível comparar diferentes religiões e ao mesmo tempo falar de modo religioso” (LATOURET, 2004, p. 350).

Desta forma, neste trabalho optamos por usar religião em sua definição funcionalista, pois no contexto histórico atual dos Potiguara, a religião assume um papel funcional, por se tratar de um elemento importantíssimo para a ressignificação de sua cultura, que está ligado a construção da identidade e da alteridade dessa etnia, que diferencia os Potiguara dos não-indígenas, que guia-os em suas decisões e nas situações mais pragmáticas da vida, já que Hock (2010) e Prandi (1999) defendem a definição funcional de religião como tendo um papel e função a cumprir com a sociedade.

1.3 TRAJETO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi baseada na construção do conhecimento científico, fazendo uma correlação entre os saberes tradicionais e acadêmicos dos(as) universitários(as) Potiguara da Paraíba, na formação de sua alteridade e espiritualidade enquanto indígenas. No primeiro momento fizemos um estudo bibliográfico, onde adquirimos conhecimentos teóricos sobre a história e identidade dos Potiguara. Acerca desse procedimento, pode ser apontado que: “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 50). Através da consulta desses documentos bibliográficos, foi possível encontrar um norte que nos conduziu inicialmente.

Em seguida, partimos para a pesquisa de campo, onde segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 169) “[...] pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.” Esta técnica adotada pela pesquisa de campo foi indispensável para uma reflexão teórica através da coleta de dados. Utilizamos também como instrumento a observação participante, onde a autora não se limitou apenas à observação, mergulhou no caráter autoetnográfico da pesquisa, participando também dos momentos vividos pelos(as) Potiguara durante os dois anos do mestrado especificamente das atividades desenvolvidas pelos(as) universitários(as), asseverando que no universo indígena foi primordial a presença *in loco* para

investigar o objeto de estudo. Não medimos esforços para mergulhar no universo Potiguara, Barcellos (2014).

Outro instrumento utilizado foi o diário de campo, sendo fundamental para fazemos o acompanhamento, anotações e detalhes necessários que puderam ser observados no cotidiano do povo Potiguara, especificamente dos(as) universitários(as), na tentativa de identificar a presença dos elementos culturais levados para dentro da universidade e as contribuições desses(as) alunos(as) pesquisados(as) em suas aldeias.

As entrevistas semiestruturadas, se mostraram um instrumento de pesquisa bastante útil e sua utilização para a realização do nosso trabalho ofereceu uma abordagem qualitativa para a pesquisa, que de acordo com Richardson (2008, p. 90), “[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.” Ainda segundo o autor, “[...] essa preocupação por revelar as convicções dos entrevistados é comum da etnografia, observação participante, pesquisa-ação, e os vários outros tipos de pesquisa qualitativa.” (RICHARDSON, 2008, p. 90). Essa abordagem, portanto, foi categórica para a concepção dos resultados esperados no processo de investigação. Concomitante ao trabalho de pesquisa, fizemos uma análise de todo o material coletado. Debruçar sobre esses dados foi de fundamental importância para a versão final do estudo.

1.3.1 Aspectos da pesquisa de campo, desafios e perspectivas

Antes de pedir permissão, aos(as) anciões(ãs), lideranças, Fundação Nacional do Índio - FUNAI e ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, pedi permissão aos Encantados para realizar este trabalho. Sobre a existência dos Encantados na vida dos Potiguara, ver Vieira (2010). Foram estas forças superiores que me fizeram passar por todo processo burocrático institucional, que estava mais impossibilitando que facilitando este trabalho. Pois de nada adiantaria ter a permissão institucional se não tivesse a permissão da outra “dimensão”, guiando-me e dando sabedoria, que de acordo com Vieira (2010) e Paiva (2013) a aproximação e a comunicação dos(as) Potiguara com os encantados é um aspecto da identidade Potiguara.

O CEP foi um dos maiores obstáculos, no caminho percorrido pela autora, já que durante o processo de submissão do projeto de pesquisa ao sistema da Plataforma Brasil, apareceram grandes dificuldades que impediram uma conclusão mais breve deste processo burocrático. Tal fato aponta para a necessidade de entendermos que de nada adianta a aprovação do CEP,

FUNAI, ou qualquer outro órgão institucional, se não houver a permissão da comunidade pesquisada, no caso em questão, o povo Potiguara da Paraíba, por isso é importante destacar como fator determinante para a condução da pesquisa.

A demanda para seguir os critérios de exigência da FUNAI, quanto a autorização para a realização de pesquisa de campo em territórios indígenas, não deveria ser feito para pesquisadores(as) indígenas, entendendo que não vivemos mais em regime de tutela, como vivido pelos Potiguara ao longo do século XX⁸. Acerca do CEP, entendemos a preocupação em relação aos grupos pesquisados, mesmo que a pesquisa não apresente “riscos”, porém se tratando da FUNAI, não compreendemos a necessidade de tamanha exigência, quando se trata de pesquisa com o nosso próprio povo.

Desde abril de 2017, tentamos inserir este projeto de pesquisa na Plataforma Brasil, para ser avaliada pelo CEP, mas por se tratar de pesquisa com população indígena, exigiu um longo processo a ser seguido. Além dos critérios do CEP, a FUNAI também segue um rigoroso padrão de exigência que foi seguido pela pesquisadora. Neste sentido, aconteceram alguns imprevistos no caminhar do processo, duas mudanças da FUNAI, por motivo de reforma em seu prédio, primeiro da Aldeia Forte para a Aldeia Akajutibiró, na Baía da Traição e depois para o Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, na Aldeia Forte, em menos de quatro meses, ficando por dois períodos de tempo sem funcionamento, pela demora das instalações dos ambientes.

Ainda outras limitações surgiram, como para colher as assinaturas das lideranças nas solicitações de autorização, para a realização desta pesquisa nas cinco aldeias selecionadas, e a impossibilidade de acesso ao Sistema da Plataforma Brasil, durante três meses, dezembro, janeiro e fevereiro (com mensagem de alerta dizendo que o usuário não tinha permissão para acessar o sistema). Pelos motivos explicitados, além de outras fragilidades e percalços do caminhar da pesquisadora, só foi possível concluir esta etapa, em março de 2018.

De início julgamos necessário fazer um levantamento de dados dos(as) universitários(as) Potiguara das diversas IES na Paraíba, para identificar a quantidade de graduados e graduandos, onde e em que curso estão ou se formaram, qual a atuação, bem como a contribuição que estão oferecendo para o seu povo. Nesse entendimento, com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa encaminhamos requerimentos para as diversas IES na Paraíba, tanto pública quanto privada, solicitando a relação de universitários Potiguara que cursaram e

⁸ O século XX foi marcado pelo regime de tutela imposto aos Potiguara, foram tempos difíceis de conflitos e imposição que os Potiguara enfrentaram sob as ações do Serviço de Proteção aos Índios – SPI/FUNAI dentro de seu território, Palitot (2011).

estavam matriculados em algum curso de graduação ou pós-graduação. Ao percebermos que não estávamos tendo êxito, usamos a estratégia de irmos nas escolas e postos de saúde, distribuídos no território Potiguara, participando de semanas pedagógicas, reuniões e treinamento na área da saúde. Entre fevereiro e março do corrente ano, entregamos 500 formulários, mas ao percebermos que não teríamos tempo de concluir o mapeamento como desejávamos, limitamos por mapear apenas os(as) estudantes do Campus IV da UFPB, por se tratar do universo da pesquisa.

Para fazermos o mapeamento da quantidade de universitários(as) Potiguara que ingressaram no Campus IV, enviamos desde agosto de 2017 requerimentos para os diversos setores da UFPB, Pró-Reitora de Graduação - PRG; Coordenação de Escolaridade - CODESC; Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PRPG; Pró-Reitora de Assistência e Promoção ao Estudante - PRAPE, Coordenação de Assistência e Promoção Estudantil - COAPE; Superintendência de Tecnologia da Informação - STI e ao Gabinete da Reitoria.

Por falta de informação dos setores responsáveis, em março do corrente ano, reenviamos um requerimento para o STI e PRG, refazendo a solicitação. No início de abril recebemos uma relação do STI, no qual, segundo o servidor, constavam os dados de todos(as) os(as) universitários(as) indígenas que já ingressaram nos diversos *campi* da UFPB até aquele momento, porém, identificamos que nos dados não constavam os(as) estudantes Potiguara ativos que ingressaram no *Campus* IV nos últimos dois anos. Por esse motivo, solicitamos à atual representante da AUP a relação dos(as) sócios(as) para identificar os(as) universitários(as) Potiguara ativos que faltavam na lista fornecida pelo STI.

Dessa forma, esclarecemos que para chegarmos ao número de universitários(as) Potiguara presente neste trabalho, levamos em consideração os dados fornecidos pelos dois órgãos mencionados a cima. Foram somados a quantidade de estudantes egressos, trancados e ativos, depois da soma total, fizemos a seleção numérica por curso. Lembramos ainda que os(as) estudantes do curso de Hotelaria não foram calculados, uma vez que o curso foi transferido para o *Campus* I, por isso não contava nos dados que tivemos acesso.

O trabalho de campo foi um grande aprendizado, serviu não apenas para colher informações, coletar dados, ou tão somente atender e responder os questionamentos da pesquisa. Concorreu para ampliar ainda mais o conhecimento da autora sobre a sua própria cultura, auxiliou com a descoberta de informações que não foram nem poderão ser divulgadas, porque entendemos e respeitamos que muitas delas, sobretudo no que se refere a questão da espiritualidade, precisam ficar em “segredo”, não podendo jamais ser revelado.

A grande diferença de pesquisar sobre a sua própria cultura, está no fato de que, tudo é importante no trabalho de campo, até mesmo os relatos que nos foram confiados pelos pesquisados(as), que não serão divulgados nem tão pouco transformados em conhecimento científico, mas servirão de conhecimento para vida na aldeia e na sociedade, porque são conhecimentos que ultrapassam as paredes da universidade, já que ao fazer o trabalho de campo, ao mesmo tempo estamos bebendo dos nossos próprios saberes.

Cada ida à campo foi um novo aprendizado, uma nova experiência de vida, construída através do contato com os anciões(ãs) e universitários(as) e das experiências de vida de cada um(a). Metcalf (2015, p. 04, grifo do autor), destaca que para os antropólogos se sentirem confortáveis numa nova cultura, “[...] eles têm que ‘desaprender’ todos os tipos de pequenas coisas aprendidas na infância, como boas maneiras, estilos de conversação e postura corporal, e reaprendê-los na nova cultura.” Já na pesquisa em questão não se fez necessário tamanha mudança no comportamento da autora, pois o campo de pesquisa foi o local de seu nascimento de crescimento e permanência até os dias de hoje, apresentando assim um caráter da autoetnografia neste trabalho, uma vez que:

A autoetnografia representa um elemento importante na proposta metodológica [...], partimos da ideia de que nós mesmos, como portadores da cultura que é objeto de pesquisa, sejamos tão ou até mais qualificados para compreender, interpretar e descreve-la de que pesquisadores oriundos de outras culturas; ou seja, invertemos o antigo paradigma da etnografia tradicional que postulava que a alteridade e o distanciamento seria necessária para garantir a “objetividade” do pesquisador (LINHART *et al*, 2017, p. 480).

Existe uma preocupação por parte dos cientistas sociais e da(s) religião(ões) em discutir sobre a divisão e o limite do uso da ciência e da religião em seus discursos científicos, como aponta Pierucci (1999, p. 237), ao dizer que “[...] existe uma especial dificuldade de decidir até onde, em seu trabalho intelectual, vai a ciência e até onde vem a religião[...]”. Mesmo que surja o questionamento sobre o posicionamento da autora, em relação ao seu ponto de fala e o aspecto auto etnográfico do trabalho, apoiamo-nos em Pierucci, para dizer que assumindo o nosso ponto de vista científico e investigativo, sobre os(as) universitários(as) Potiguara, nada impede de assumir também em alguns momentos, a identidade dos pesquisados, já que o autor destaca que: “As ciências sócias da religião do Brasil nunca foram, nem jamais chegaram a ser, uma área *puramente acadêmica*” (PIERUCCI, 1999, p. 245, grifo do autor).

A saber, mesmo a autora defendendo seu ponto de vista político e ideológico sobre o tema do trabalho, isto não alterou os resultados da pesquisa, pois cada entrevistado(a), possui

seu ponto de vista específico sobre determinado assunto. O método de análise foi feito a partir do conhecimento da pesquisadora em relação aos(as) pesquisados(as), que serviu para facilitar a interpretação dos dados, porém prevalecendo a visão dos(as) entrevistados(as). Nesse caso, em particular, destacamos a importância de que o trabalho está sendo desenvolvido por uma universitária Potiguara falando de dentro dos dois espaços pesquisados, a aldeia e a academia.

Além do acesso privilegiado às experiências a partir de um olhar de dentro da cultura, a proposta autoetnográfica ainda ameniza o antigo problema antropológico da representação etnográfica por autores não-indígenas. Pois, agora são os próprios indígenas os autores das suas etnografias, e assim, da representação cultural do seu povo (LINHART; FAUSTINO; RIBEIRO; SILVA, 2017, p. 480).

A literatura consultada mostra que há muito tempo se faz necessário que os(as) Potiguara relatem a sua própria história, se apropriando de seus saberes e conhecimentos culturais, preservando a história e memória, elucidando os caminhos do acesso à cultura para as novas gerações, ampliando o conhecimento e subjetividade do povo Potiguara. Nesse entendimento, acerca dos grupos entrevistados, apontamos que a pesquisa contou com dois grupos de entrevistados(as), um grupo de anciões(ã) e um grupo de universitários(as) Potiguara, desta forma foram utilizados dois modelos de entrevista semiestruturada⁹, um para cada grupo. Mesmo havendo questões distintas, muitas coincidiam.

Realizamos o estudo em 5 aldeias localizadas nos três municípios do território Potiguara: Aldeia Forte, no município da Baía da Traição; Aldeia Três Rios; Jacaré de Cesar e Tramataia, no município de Marcação e Aldeia Monte Mor, município de Rio Tinto. O critério para a escolha das aldeias foi onde residia uma grande quantidade de universitários(as), outro critério importante foi escolher aldeias dos três municípios, com objetivo de ter uma maior representatividade dentro do território Potiguara entre os(as) pesquisados(as).

Foram entrevistados(as) 13 indígenas, 10 universitários(as) e 3 anciões(ã). Entrevistamos dois universitários(as) por aldeia e um ancião(ã) de cada município. Uma anciã da Aldeia Monte Mor (cacica e vereadora Cal); um ancião da Aldeia Forte (ancião e liderança Capitão Potiguara) e outro da Aldeia Três Rios (cacique e ancião Josecy). Foram escolhidos(a) por apresentar grande conhecimento da cultura Potiguara e também por representar as aldeias que apresentavam uma grande quantidade de universitários(as).

⁹ Ver modelos de entrevistas semiestruturadas nos apêndices A e B.

Entre os(as) 10 universitários(as) pesquisados(as), selecionamos 5 entrevistados, sendo um por aldeia, para compor os dados da pesquisa, a escolha foi feita observando alguns aspectos distintos apresentados entre eles, os que já faziam parte do movimento antes de entrar na universidade e outros que só passaram a participar depois que ingressaram, principalmente, porque sentiram a necessidade de lutar contra o preconceito existente no ambiente acadêmico, os critérios da diferença foram observados também em outros aspectos, como na questão da religião e das práticas culturais Potiguara, a seleção dos critérios foi importante para confrontar os dados durante sua interpretação.

Entre eles estão: Gessé Viana da Silva, Aldeia Forte, estudante de Pedagogia, optou por usar Gessé Potiguara, em seus relatos; Ivanilza Cinesio Gomes, Aldeia Jacaré de Cesar, estudante do curso de Letras, optou por usar Bambu, em seus relatos; Jaqueline Felix dos Santos, Aldeia Tramataia, graduada em Ecologia e estudante de Antropologia, optou por usar *Îagûara Narô* (nome em Tupi que significa onça braba), em sua fala; Jaine da Silva Azevedo, Aldeia Três Rios, estudante de Secretariado Executivo Bilíngue, optou por usar *M'boya Atã* (nome em Tupi que significa cobra de força) em sua fala; Leandro da Silva Ramos, Aldeia Monte Mor, graduado em Geografia e estudante do curso de Letras, optou por usar Leandro Potiguara em sua fala. Em relação ao perfil dos(as) entrevistados(as), destacamos como necessário alguns aspectos que constam no quadro a seguir:

Quadro 2 – Perfil dos(as) entrevistados(as)

ANCIÕES(Ã)			UNIVERSITÁRIOS(AS)		TOTAL
SEXO	Fem (1)	Mas (2)	Fem (7)	Masc (3)	13
IDADE	45 a 62 anos		19 a 34 anos		
ESTADO CIVIL	Casado (3)		Casado (1)	Solteiro (9)	
SUBTOTAL	3		10		

Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018).

No Quadro 2 é apresentado o perfil dos(as) 13 entrevistados(as), descrevendo sexo, idade e estado civil, sendo uma anciã e dois anciões, com idade entre 45 e 62, estado civil, sendo os(as) 3 casados(as). Entre os(as) universitários(as) foram entrevistados(as) 7 discentes do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades entre 19 e 34, quanto ao estado civil: 1

casado e 9 solteiros. Abaixo, no Quadro 3, segue a continuação do perfil dos(as) entrevistados(as), com a identificação do grau de escolaridade.

Quadro 3- Escolaridade dos(as) entrevistados(as)

ANCIÕES(ÃS)		UNIVERSITÁRIOS(AS)	
FUNDAMENTAL	Incompleto (1)	Completo (2)	Completo (10)
MÉDIO	Completo (2)		Completo (10)
SUPERIOR	Inativo (1)		1ª Graduação (6) 2ª Graduação (4)
TOTAL	3		10

Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018).

No Quadro 3, que faz o levantamento da escolaridade dos entrevistados, pode ser visto que entre os anciões(ã), apenas um possui ensino fundamental incompleto, dois possuem ensino médio completo, e um possui ensino superior inativo. Entre os universitários, seis estão na primeira graduação e quatro estão em uma segunda graduação.

Estávamos sempre nos deslocando entre as aldeias das três cidades, ora para participar e observar a atuação dos(as) universitários(as) nos diversos momentos entre os Potiguara, ora para realizar as entrevistas. No primeiro momento, nosso deslocamento para as aldeias citadas acima, teve o intuito de apresentarmos nossa proposta de pesquisa às lideranças, pedir permissão para a realização do nosso trabalho e de coletar as assinaturas nas solicitações de autorização (documento para formalização da pesquisa). Depois de coletar as assinaturas e receber permissão para a realização da pesquisa, começamos a entrar em contato com os(as) anciões(ãs) e universitários(as) para marcarmos as entrevistas.

Durante os dois anos do mestrado participamos de vários momentos vivido pelos(as) universitários(as), tanto no território Potiguara, como dentro da universidade, sempre que possível e permitido, estávamos com uma câmera fotográfica registrando estes momentos. Assim, compreendemos esse recurso foi bastante importante para a dissertação, porque proporcionou elementos visuais, possibilitando uma leitura mais ampla do processo investigado.

Sobre o nosso contato com os(as) entrevistados(as), podemos dizer que não teve muita formalidade, pelo fato de a pesquisadora conviver frequentemente com seu objeto de pesquisa e possuir uma relação de proximidade com a maioria das aldeias. Nesse caso, alguns impasses aconteceram apenas em relação a disponibilidade dos(as) entrevistados(as), que muitas vezes, por trabalhar e estudar, não restava tempo para ceder a entrevista, porém algumas vezes

aconteceram casos nos quais realizamos entrevistas mesmo sem termos marcado, quando encontrávamos algum(a) deles(as) disponível em algum lugar.

Realizamos entrevistas em muitos lugares, na maioria das vezes em espaços fora da casa e da aldeia dos(as) entrevistados(as), em praças, escolas, universidade, próximo à mata e no quintal de algumas casas. Para a realização das entrevistas programamos um roteiro provisório básico, mas aprofundamos determinados assuntos ao longo das conversas, quando foi necessário, pois o roteiro servia apenas como apoio para nos guiarmos, já que muitos assuntos iam surgindo de acordo com o diálogo entre a pesquisadora e os(as) entrevistados(as).

Outro aspecto importante para o roteiro foi o fato de que nem todas as perguntas “chaves” (norteadoras), precisaram ser feitas, porque no começo da entrevista, a qual preferimos chamar de conversa, os(as) depoentes muitas vezes acabaram por superar as expectativas da primeira pergunta, ultrapassando seu sentindo e trazendo outros elementos pertinentes para a conversa. Vale ressaltar que foi preciso muita cautela e sensibilidade no momento das entrevistas, pois quando aconteceu do(a) depoente ultrapassar o limite da resposta, mesmo quando o assunto não era do interesse da pesquisa, atribuímos total importância ao depoimento, porque entendemos que as entrevistas foram também momentos de grande aprendizagem.

Durante as entrevistas usamos o diário de campo para anotar os relatos dos(as) entrevistados(as), algumas vezes estávamos acompanhados de uma parente que nos auxiliava durante as entrevistas, outras vezes o cônjuge da autora que nos levava à campo e nos auxiliava. Destacamos que as entrevistas foram conversas bastante tranquilas, principalmente pela empatia entre as partes envolvidas, uma vez que a pesquisadora passava uma certa confiança para os(as) entrevistados(as), por ser conhecida pela maioria dos(as) pesquisados(as), fazendo com que eles(as) se sentissem mais à vontade durante a conversa.

Dentre os estudiosos que pesquisaram sobre o povo Potiguara da Paraíba, citamos alguns(as) como, Moonem; Maia (1992), Palitot (2005); Vieira (2010); Barcellos (2014; 2017); Mendonça (2014); Silva (2011); Paiva (2013); Macêdo(2009); Sousa (2017); Falcão (2017) e Silva (2017), por julgarmos autores mais relevantes para dialogar com o nosso tema. Além da contribuição das autoras e autores para com o nosso objeto de pesquisa, dando aporte teórico para a realização da investigação científica. Trabalhar com as entrevistas foi fundamental para a realização da nossa pesquisa, pois contribuiu para a desconstrução de paradigmas pré-estabelecidos pela sociedade.

Dessa forma, a nossa intenção é que esse estudo proporcione um melhor entendimento dos(as) nossos(as) leitores(as) sobre os(as) universitários(as) Potiguara, pois o texto é um “[...] discurso científico em que o enunciador pretende fazer o enunciatário.” (GUIMARÃES, 2004, p. 18) e busca apresentar e sensibilizar outros(as) pesquisadores(as) e o público em geral, de forma que ele(a) interprete e sinta sua imaginação aguçada por esta realidade. “Assim o que quer que seja repetido no texto não visa a denotar o mundo, mas apenas o mundo encenado [...] texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo” (ISER, 2002, p.107), através dos elementos que são apresentados em nosso trabalho, os(as) leitores(as), terão a possibilidade de fazer suas próprias interpretações, uma vez que a nossa intenção não é impor uma concepção.

1.4 CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Nosso trabalho está dividido em cinco partes, o 1º Capítulo: que é a nossa introdução, onde o(a) leitor(a) terá a possibilidade de entender o caminho que foi trilhado durante a pesquisa; 2º Capítulo: O CCAE e os(as) universitários(as) Potiguara, no qual apresentamos um breve histórico do CCAE, a sua relação com os(as) universitários(as) Potiguara e as dimensões da espiritualidade de cada universitário como elemento primordial para a edificação de sua alteridade, dando continuidade a esse capítulo, apresentaremos a quantidade de universitários(as) Potiguara no *Campus IV* da UFPB; 3º Capítulo: Alteridade e espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, no qual referenciamos o contexto histórico cultural do povo Potiguara, população e território, situando o(a) leitor(a) sobre o aspecto dinâmico dessa cultura milenar, são destacados também os elementos simbólicos que constitui sua manifestação étnica, na tentativa de esclarecer ambiguidades referente à sua alteridade e espiritualidade étnica, para que o(a) leitor(a) possa entender como se constitui o processo de formação de sua alteridade. Nesse capítulo, apresentamos ainda, através das entrevistas e da observação participante, as contribuições dos(as) universitários(as) na continuidade de sua cultura, identificando quando os conhecimentos tradicionais são levados para dentro da universidade, e quando estão utilizando conhecimentos científicos para contribuir com o seu povo. Por fim, a última parte do trabalho, as nossas considerações finais, que é o 4º Capítulo, onde refletimos sobre o processo de descoberta do nosso objeto de estudo, levantando inquietações, reflexões e possíveis questionamentos, que conduzirão o(a) leitor(a) a fazer também seus apontamentos.

Apresentaremos, a seguir, o 2º Capítulo, fazendo uma breve contextualização da luta dos povos indígenas pela educação escolar indígena, como também a educação superior indígena. Também versaremos sobre o CCAE, suas ações e contribuições para com o povo Potiguara. Nesse capítulo transparecem as vozes dos(as) pesquisados(as), que através dos seus relatos apontam para os aspectos da formação do CCAE.

2 O CCAE E OS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA

A Figura 1 que vem a seguir, mostra a logo do Centro de Ciências Aplicada e Educação – CCAE, representando a pintura da colmeia de origem indígena Potiguara, simboliza um elemento da natureza através do trabalho em conjunto das abelhas, concebe os valores que regem a espiritualidade, coletividade e união do seu povo.

Figura 1- Logo do Centro de Ciências Aplicada e Educação – CCAE



Fonte: Daniel Rocha. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/imagens/logo-ccae.png/view>. Acesso em: 02 abr. 2018

A educação Potiguara passa pela família, comunidade, escola e está para além da universidade, excedendo os limites e o sentido universalista de educação entendido pela sociedade, portanto, ultrapassa os ensinamentos da academia, porque seus conhecimentos se constroem a partir das experiências de vida, do sentido de valor coletivo entre seu povo. São doutores sem precisar entrar na universidade e fazer doutorado, por isso existiram e existirão com ou sem a academia. Nesse sentido, a universidade para os(as) Potiguara é mais uma ferramenta de luta que possibilita o acesso às políticas públicas que lhes devem ser asseguradas.

A luta pela educação escolar indígena no Brasil teve início entre as décadas de 60 e 70 (SIMAS, 2013) e vem sendo tema de debate até os dias atuais, pois os povos indígenas têm direito à uma educação diferenciada. O diferencial da educação escolar indígena da não indígena é que seja concretizado o direito de manter preservado seus valores e costumes tradicionais, como consta no Estatuto dos Povos Indígenas, (1992, s/p, art. 2º), “Aos povos indígenas, às comunidades e aos índios se estende a proteção das leis do País, em condições de igualdade com os demais brasileiros, resguardados os usos, costumes e tradições indígenas, bem como as condições peculiares reconhecidas nesta lei.”

Além do documento citado acima, que assegura aos indígenas o acesso à educação sem perder seus costumes identitários, a II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena - CONEEI, em suas propostas, defende e luta para que esse direito seja concretizado. Destacamos uma das propostas do eixo 3 da Conferência que teve como tema Ação Saberes Indígenas e assinala que:

Que o MEC assegure e amplie a Ação Saberes Indígenas na Escola como política pública nacional estruturante e permanente de formação continuada, com pesquisa para todas as etapas e modalidades da Educação Escolar Indígena, assegurando a elaboração, produção e publicação de material didático específico, na língua materna, garantindo recursos financeiros para sua execução (BRASIL, 2018, p. 2).

Diante do cenário atual, com tantos retrocessos na educação Brasileira “A educação escolar indígena é uma conquista dos povos indígenas[...]” (SILVA, 2017, p. 66), que diante de muitas lutas vem enfrentados obstáculos para acessar uma educação escolar diferenciada em suas comunidades, que valorize os saberes tradicionais e sobretudo, a “[...]construção das identidades históricas e culturais locais[...]” (FALCÃO, 2017, p. 12). Nesse seguimento, a luta pela educação escolar indígena surgiu com a necessidade de efetivar o direito de preservar seus valores e costumes identitários perante a sociedade, “[...] o sentido de resistência ligado à própria existência de suas coletividades.” (NASCIMENTO, 2009, p. 82), pois a educação oferecida pelo Estado não atendia, nem atende as necessidades das populações indígenas. Assim, há que se concordar que:

A escola passou a ser pensada dentro dos direitos humanos e sociais, foi reconhecida a diversidade cultural e as experiências sócio-políticas, linguísticas e pedagógicas na valorização do saber tradicional dos povos. Reconhecendo a educação comunitária os conhecimentos construídos, ao longo destes séculos, dos processos próprios de aprendizagens e a visão de mundo de cada povo. Alguns órgãos do Estado apoiaram e passaram a discutir a educação escolar, dentro de uma nova visão de respeito à educação intercultural e de afirmação étnica. Os índios, numa necessidade de se apoiar dos conhecimentos da sociedade nacional e para fazer valer esses direitos, se organizaram na busca da sua autodeterminação. (ÂNGELO, 2002, p. 36).

Além de Ângelo (2002), Nascimento e Silva (2012) podem ser citados também, engrossando o coro dos que defendem e destacam alguns aspectos importantes da educação escolar indígena. Assim:

[...] A escola indígena deve assentar-se numa proposta de educação diferenciada, com destaques para o bilíngüismo e a interculturalidade. [...]

Atualmente, a língua Tupi apresenta-se como componente curricular essencial nas escolas Potiguara do Ensino Fundamental e Médio. A iniciativa apresenta-se como fator importante para no interior do movimento de emergência étnica. O respeito a interculturalidade traduz a possibilidade de diálogo que os indígenas podem estabelecer entre as tradições indígenas e a cultura do não índio (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 82).

Como bem destacado na citação de Nascimento e Silva (2012), estes aspectos interculturais introduzidos na educação escolar indígena, são extremamente importantes para a valorização e preservação da tradição Potiguara em seu território.

Os autores citam que se aprende com a pedagogia existencial composta pelo aprendizado com a família, a natureza, se aprende com os(as) anciões(as), com o viver em comum, se aprende com a partilha sem reserva, se aprende com a valorização das tradições, com a lógica da práxis entre as fronteiras dos campos da teoria e da prática.

Os(as) Potiguara da Paraíba estão localizados no Litoral Norte Paraibano, nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, e se dividem em 33 aldeias. Possuem, aproximadamente, 35.000 hectares de terra e somam hoje aproximadamente 21.000 indígenas (BARCELLOS; SOLLER, 2012).

No território Potiguara, a escola indígena diferenciada foi instalada em 2003 “Foram inauguradas duas Escolas Estaduais Indígenas Diferenciadas e Específicas: uma, na Aldeia Tramataia - Escola Cacique Iniguaçu, e a outra, na Aldeia São Francisco – Escola Pedro Poti [...]” (BARCELLOS, 2014, p. 94). Hoje existem oito escolas estaduais indígenas: duas ofertando o ensino infantil e seis ofertando o ensino fundamental e médio.

Além das escolas indígenas diferenciadas, o território Potiguara conta com a presença de três secretarias municipais, localizadas no município de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, com escolas públicas municipais que ofertam o ensino infantil e fundamental para a população em geral. Os(as) indígenas que optam por estudar nas escolas municipais, não recebem uma formação cultural como nas escolas indígenas.

É importante lembrar que antes da implantação das escolas indígenas diferenciadas no território Potiguara, todos(as) os(as) indígenas estudavam nas escolas municipais pela ausência das escolas indígenas. Hoje o campo educacional Potiguara apresenta uma realidade bastante satisfatória em relação ao seu contexto sociocultural, pois a presença das escolas indígenas permite o repasse da memória e história de luta para a resistência do povo Potiguara. Nestas escolas, os(as) Potiguara conhecem a cultura dos não indígenas, mas estão priorizando e valorizando suas tradições.

A proposta está em vivenciar uma educação diferenciada, de forma a privilegiar o estudo de disciplinas ou eixos temáticos relacionados à etnohistória, etnogeografia, literatura indígena Potiguara (mitos, lendas e crendices), língua Tupi, plantas medicinais, cultivos e produção alternativas de alimentos típicos da região. (BARCELLOS; NASCIMENTO; SILVA *et al.*, 2012, p. 77).

As escolas indígenas desenvolvem um importante papel que contribui com a tradição Potiguara, pois a grande maioria dos(as) professores(as) são Potiguara e estão comprometidos(as) em contribuir com o legado de seu povo. A vivência da trajetória da autora permite iniciar e manifestar que os(as) Potiguara têm uma forma diferente de ver o mundo: se organizam de forma peculiar na sociedade, vivendo no princípio da coletividade em suas aldeias. Por este motivo lutam por uma educação coletiva, para que seus valores e aspectos culturais não sejam esquecidos. Nesse aspecto, reside a necessidade de introduzir na escola, elementos e práticas da vida na aldeia.

Na escola são realizadas oficinas de artesanatos, brincos, colares, maracás, cocares etc. Dentre os muitos saberes escolares, os(as) estudantes aprendem no ambiente institucional, as músicas do ritual do Toré, tocar o bumbo e outros instrumentos utilizados nos rituais, aprendem a cultivar plantas medicinais, mas também assimilam estes conhecimentos em outros ambientes fora da escola: nas matas, nos rios e em outros lugares da natureza, com os(as) professores(as) e com os(as) anciãos(ãs).

As atividades culturais desenvolvidas nas escolas despertam nos(as) estudantes, a capacidade de entender e dialogar com sua cultura, percebendo a importância de aprender e praticar cada vez mais seus costumes, pois aprender estas práticas desde cedo faz toda a diferença em sua trajetória de vida, já que, ao mesmo tempo que estão assumindo um compromisso com seu povo, estão também afirmando a sua identidade étnica.

A luta pela educação escolar indígena está relacionada também com a espiritualidade do povo Potiguara, pois as práticas pedagógicas culturais utilizadas pelos(as) professores(as) ou anciãos(ãs), dentro ou fora do ambiente escolar, contribuem para a espiritualidade e coletividade dessa etnia, porque entre os Potiguara, não existe espiritualidade sem coletividade. Isto posto, enfocando, de fato, o tema central do trabalho, vimos que a luta dos povos indígenas pela educação indígena se estendeu para o ensino superior, com a necessidade de valorizar seus costumes e receber uma formação intercultural que tenha como princípio uma formação voltada para a coletividade.

Para os(as) indígenas, a universidade deve ir além dos conhecimentos científicos. A luta é pela busca de uma formação diferenciada daquela que se limita ao conhecimento

ocidental, gerando autonomia e contribuição na defesa de seu território. Essa luta ainda está distante de alcançar a realidade almejada pelos povos indígenas, pois as IES brasileiras, em geral, ainda não estão preparadas para receber e lidar com os povos indígenas nem para atender essa demanda de um novo modelo de universidade.

Diante de tantas lutas enfrentadas pelos povos indígenas por uma educação superior intercultural, existem poucos exemplos de ações que atendem as demandas desses povos. Mesmo com o sistema de cotas aprovada através da “[...] Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (2009); em que se deu a luta social por ações afirmativas, hoje mostrando inúmeros sucessos [...]” (LIMA, 2016, p. 13), sistema esse, que contribuiu para a entrada de muitos indígenas no ensino superior. No entanto, essa ação ainda não é suficiente, porque:

[...] los programas de estudio y líneas de investigación de las IES en cuestión, continúan excluyendo tanto las historias, lenguas, y conocimientos de esos pueblos, como sus necesidades, demandas y propuestas sociales, políticas y económicas, para sí mismos y para las sociedades nacionales de las que forman parte. Por lo mismo, estas políticas y programas tampoco resultan suficientes para formar los cuadros técnicos, profesionales, gerenciales y políticos, que esos grupos de población, sus organizaciones sociales, y los horizontes de transformación plasmados en las nuevas constituciones nacionales, demandan (MATO, 2014, p. 23).

Entendemos que esta citação se aplica ao quadro atual, já que o Estado brasileiro ainda não oferece uma formação superior específica, nem tão pouco universidades específicas que atendam às demandas dos povos indígenas do Brasil. A urgência de uma universidade que atenda às necessidades dos povos indígenas gerou tema de debate na II CONEEI, em uma das propostas do eixo 5, que tratava do tema: Universidade Indígena, foi idealizado a criação de:

[...] universidades indígenas e outras Instituições de Ensino Superior (*campi* e polos), no âmbito da União, estados, municípios e DF, garantindo gestão pelos povos indígenas e recursos para a consulta e participação dos povos indígenas em todas as etapas do processo de construção do projeto (formulação, execução e avaliação), bem como para o seu funcionamento e manutenção, priorizando a atuação dos indígenas no seu quadro institucional (BRASIL, 2018, p. 3).

No contexto Potiguara, o único exemplo de formação superior específica para indígena é o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas - PROLIND¹⁰, oferecido

¹⁰ O Programa é financiado “[...] com recursos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e, desde 2011, de Inclusão (Secad/Secadi), (teoricamente) da Secretaria de Educação Superior (Sesu) e do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), levados a cabo, com amplo protagonismo, pela Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena (Secadi/MEC).” (LIMA, 2016, p. 13).

pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, que tem como público alvo professores(as) indígenas. Em 2016, o PROLIND atingiu um número de 27 cursos de licenciatura intercultural em IES federais e estaduais no Brasil (LIMA, 2016). Tal informação é pertinente, porque a ausência de universidades que atendam às necessidades dos povos indígenas, faz com que eles acessem o ‘modelo ocidental’ de universidade existente - nos referimos como modelo ocidental, o conhecimento hegemônico posto pelas universidades. O mesmo acontece com o povo Potiguara da Paraíba, que optam por ingressar nas IES públicas e privadas, em busca de uma qualificação profissional.

A tradição Potiguara começa na vivência nas aldeias, consistindo na identidade étnica, praticando a coletividades com seu povo, dividindo e partilhando alimento, conhecimento e experiência de vida, alegria e momentos ruins, ajudando uns aos outros quando necessário, pois lutam pelos mesmos objetivos, cultivando os saberes tradicionais transmitidos pelos troncos velhos¹¹. Por isso, ao se relacionar com outros grupos sociais, é preciso estar atentos para não se distanciar de suas origens, em meio a tantas influências externas, pois não é fácil manter as raízes quando o convívio do dia a dia oferece opções diversas. Por este motivo, é importante que os(as) universitários(as) Potiguara:

[...] se apropriem da Universidade sem perder de vista os vínculos de pertencimento com a sua comunidade de pertencimento, estabelecendo relações com estes espaços tão diferentes (Universidade e terra indígena). O desafio que se coloca é de se assumir simultaneamente a condição de indígena e acadêmico. (AMARAL; BILAR; DOMINGOS, 2017, p. 02).

Assim como os autores destacaram, é interessante que os(as) Potiguara, dentro do ambiente acadêmico, reafirmem sua alteridade, sempre com o pensamento em suas raízes tradicionais, e não permitam que a influência da sociedade desvie os seus olhares do verdadeiro foco, que é cultivar os saberes tradicionais transmitidos pelos(as) anciãos(ãs) de geração em geração, em seu território. Para que haja a continuidade e a preservação desses conhecimentos tradicionais, é muito importante que os(as) universitários(as) indígenas lutem pela apropriação da sua cultura deixada pelos anciãos(ãs), resistindo na busca da valorização de seus preceitos dentro e fora da universidade.

Com a chegada da UFPB localizada ao lado do território Potiguara, em 2006, os(as) Potiguara enxergaram a possibilidade de ingressar em um curso superior, ampliar seus conhecimentos e adaptar à realidade de seu povo. A criação do *Campus IV* no coração do Vale

¹¹ Os mais idosos que possuem uma reserva de memória, sobre a cultura e tradição de sua etnia.

do Mamanguape, surgiu com a necessidade de atender a população distribuída em seus 12 municípios. Assim:

A UFPB, através do Programa Expandir, elaborou o projeto de criação do *Campus IV*, Litoral Norte, no ano de 2005. No início de 2006 o MEC aprovou esse projeto e o *Campus IV* foi criado pelo CONSUNI. Com essa ação, a UFPB reafirma sua vocação à interiorização com a implantação do *Campus IV* na região da Mata Paraibana, mais precisamente, nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, na microrregião Litoral Norte. A sua atuação é voltada às necessidades da vida educacional, cultural, social e econômica dos 396.338 habitantes das microrregiões Litoral Norte e Sapé e dois municípios vizinhos, área que abrange 22 municípios. (BARBOTIN, 2017, p. 01).

O *Campus IV* da UFPB, desenvolve ações de Pesquisa, Ensino e Extensão, contribuindo com a revitalização da economia local, desenhando um novo traço econômico nas cidades de Rio Tinto, Mamanguape e nas cidades vizinhas, pois “[...] comprometeu-se com o verdadeiro desenvolvimento do povo paraibano[...].” (BARBOTIN, 2017, p. 07), por isso enfatizamos a importância desse espaço universitário no Litoral Norte paraibano, conforme nos explica Barbotin (2017, p. 7-8), apontando que “A heterogeneidade de trabalhos que o compõem revela uma história de muita luta em busca da garantia de uma política pública que foi desenvolvida visando democratizar o acesso ao ensino superior para populações que compõem o interior do Brasil”. Nesse contexto, com a chegada do CCAE, Rio Tinto e Mamanguape passaram a receber pessoas de várias culturas, raças e etnias. A partir de então, universidade se encheu de cor:

[...] nessa imensidão do Vale do Mamanguape – região multiétnica com a presença, não só de povos originários como os Potiguara, mas de pessoas oriundas de vários estados brasileiros e de outros continentes, como os afrodescendentes, os ciganos, os europeus dentre outros, que corroboram para um patrimônio multicultural plural e diversificado. (BARCELLOS, 2017, p. 11).

De acordo com a citação de Barcellos (2017), a universidade passou a dialogar com diferentes realidades culturais e econômicas. Esta diversidade é extremamente importante para o ambiente acadêmico, pois são esses aspectos que fazem com que a universidade enxergue o ‘diferente’.

Um dos importantes fatores da implantação do CCAE no Vale do Mamanguape é o seu papel no desenvolvimento econômico local, regional e nacional, pois de acordo com Heleno *et al* (2017, p. 16),

A princípio, esta vinculação estaria atrelada ao papel da universidade em desenvolver tanto o ensino, como a pesquisa e a extensão, favorecendo, assim, os diversos setores da sociedade como recursos humanos qualificados e tecnologia inovadora. Entretanto, deve-se salientar que o papel das universidades vai além, pois à medida que estas se tornam fator dinamizador das economias locais e regionais onde são instaladas, possibilitam a geração de emprego e renda e contribuem para o desenvolvimento das cidades cedes e da circunvizinhança.

Nesse sentido, podemos dizer que o contexto de transformação social proposto pela universidade é muito importante para a construção de novas possibilidades, pois “[...] o *Campus IV* veio, pela educação com inserção social e produção científica de qualidade, colaborar nessa construção do futuro sonhado.” (ANTUNES, 2017, p. 07). Entre os pontos citados pelos autores onde trouxeram variados aspectos do CCAE, precisamos contrapor alguns elementos, mesmo diante de “[...] sua trajetória cultural, antropológica, ecológica, linguística, tecnológica, que, atuando na região desde 2006, convive com a realidade de uma universidade instalada em terra indígenas, mas que para muitos ainda é uma incógnita.” (BARBOTIN, 2017, p. 08). Por fim, podemos perceber que de acordo com a citação da atual diretora do CCAE, Maria Angeluze Soares Perônico Barbotin, a comunidade acadêmica, ainda desconhece a existência do povo Potiguara, ou talvez ignore a sua existência.

O *Campus IV* da UFPB, possui atualmente dez cursos de graduação presenciais, sendo seis cursos em Rio Tinto: Bacharelado em Ecologia; Bacharelado em Sistema de Informação; Bacharelado em Design; Bacharelado em Antropologia; Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciência da Computação. Mais quatro em Mamanguape: Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue; Bacharelado em Ciências Contábeis; Licenciatura em Letras Português e Licenciatura em Pedagogia. Como apresentado no Quadro 4, mais adiante.

Quadro 4 - Cursos ofertados pelo Campus IV da UFPB com seus respectivos objetivos e campos de atuação.

CURSO	OBJETIVO E ATUAÇÃO
Bacharelado em Ecologia	Ecologia é a ciência que estuda as relações entre homem e natureza, visando a preservação dos recursos naturais e seu uso de forma adequada. o ecólogo pode atuar: Investigando a estrutura e o funcionamento dos Ecossistemas; Analisando o impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente e buscando soluções para evitar desequilíbrios ecológicos; Elaborando planos para a proteção dos Recursos Ambientais locais, regionais e nacionais; Ajudando a planejar o crescimento de núcleos urbanos, preservando os Recursos Naturais da Região (UFPB, grifo nosso, s/d, s/p).
Bacharelado em Sistema de Informação	O curso de Bacharelado em Sistemas de Informação tem por objetivo a formação de profissionais para atuar em planejamento, análise, utilização e avaliação de modernas tecnologias de informação aplicadas às áreas administrativas e industriais, em organizações públicas e privadas, tendo os seguintes objetivos específicos: Formar profissionais com conhecimento sobre desenvolvimento de projetos em sistemas de informação; Formar profissionais com uma visão interdisciplinar que viabilize a busca de soluções computacionais complexas para problemas de outras áreas; Promover a interação dos recursos humanos com os recursos computacionais por meio da coleta, armazenamento, recuperação e distribuição das informações com a eficiência gerencial; Promover uma sólida formação técnico-científica para o conhecimento dos problemas gerenciais das organizações; Formar profissionais com visão global, crítica e humanística para a inserção em setores profissionais, aptos a tomarem decisões em um mundo diversificado e interdependente e para participarem no desenvolvimento da sociedade brasileira [...] (UFPB, s/d, s/p).
Bacharelado em Design	O Departamento de Design (DDESIGN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem por objetivo servir a sociedade através da geração, transmissão e divulgação do conhecimento na área do Design de Produto, oferecendo uma formação profissional comprometida com o desenvolvimento científico, social e ético que vise a uma sociedade mais justa e responsável. Para cumprir esta missão, o corpo docente que compõe o Design atua nos três pilares da estrutura acadêmica da UFPB: ensino, pesquisa e extensão (UFPB, s/d, s/p).
Bacharelado em Antropologia	O bacharelado em Antropologia da UFPB visa aprofundar a produção de conhecimento em teorias antropológicas a fim de formar profissionais que atuem em processos sociopolíticos e culturais dentro e fora do universo acadêmico. Oferecemos um curso com formação teórica e metodológica, em duas habilitações, Antropologia Social e Antropologia Visual (UFPB, s/d, s/p).
Licenciatura em Matemática	O Curso de Licenciatura em Matemática do Campus IV (Litoral Norte) da Universidade Federal da Paraíba teve início no segundo período do Ano Letivo 2006, no município de Rio Tinto, tendo em vista a necessidade de formação de professores para a educação básica (UFPB, s/d, s/p).

Licenciatura em Ciência da Computação	O Curso de Licenciatura em Ciência da Computação da Universidade Federal da Paraíba – Campus IV – Rio Tinto foi criado em 2006, com o intuito de formar profissionais para atuar no ensino em diferentes níveis (educação básica, técnica e suas modalidades) e capazes de especificar, projetar, desenvolver, avaliar e implantar tecnologias para prover soluções pedagógicas em ambientes escolares ou não escolares. Além disso, o egresso pode atuar na formação de usuários da infraestrutura de software e hardware das organizações e no planejamento didático e tecnológico de soluções de ensino-aprendizagem (ex.: treinamentos, palestras, seminários, workshops, entre outros) em ambientes acadêmicos e corporativos (UFPB, s/d, s/p).
Bacharelado em Secretariado Executivo Bilingue	O curso de Secretariado Executivo, cuja criação foi autorizada pelo Conselho Universitário da UFPB – CONSUNI/UFPB em março de 2006, direcionado à formação de profissionais bacharéis com competências para promover e participar da melhoria do processo de gestão e desenvolvimento das Organizações Públicas e Privadas, na busca do aumento de produtividade e competitividade e aptos a atuar no mercado altamente competitivo e em constantes transformações como: Assessor Executivo, Gestor, Consultor e Empreendedor. Como um profissional empreendedor, transformador e capaz de prestar suporte científico às camadas hierárquicas administrativas e de assessoria a executivos e dirigentes no desempenho de suas funções, espera-se dele capacidade de tomar decisões administrativas, conhecimentos técnicos específicos e conhecimento de funções gerenciais. Sua atuação é requerida como: Assessor – atendendo a executivos, utilizando-se das técnicas secretariais, e como conhecedor de tecnologia de informação, arquivística e documentação, ética, comunicação e redação empresarial; Gestor – desenvolvendo funções gerenciais com qualidade no sentido de otimizar a produtividade do campo onde atua; Empreendedor – buscando idéias e práticas inovadoras, no sentido do desenvolvimento de uma gestão estratégica, capaz de transformar ameaças em oportunidades; Consultor – trabalhando com a cultura de organização, realizando mudanças em grupo com a finalidade de atingir os objetivos da organização e dos executivos; Tradutor – realizando traduções de espanhol e inglês facilitando a gestão e articulações a nível nacional e internacional (UFPB, s/d, s/p).
Bacharelado em Ciências Contábeis	O Curso de Graduação em Ciências Contábeis tem como foco a formação de contadores e gestores das informações contábeis, capazes de desenvolver, Analisar e implementar sistemas de informação contábil e de controle gerencial, exercendo com ética as atribuições e prerrogativas previstas na legislação pertinente. O profissional bacharel em Ciências Contábeis estará apto para: • Programar, acompanhar e controlar o processo de gestão orçamentária e financeira, coordenando, coletando, registrando, analisando e interpretando os fenômenos que produzem alterações na situação econômica, financeira e patrimonial das empresas. • O mercado de trabalho do contador inclui, entre outras, empresas públicas e privadas, órgãos governamentais, como consultorias, instituições de ensino superior e de pesquisa (UFPB, s/d, s/p).
Licenciatura em Letras	O Curso de Licenciatura Plena em Letras do CCAE tem como objetivo geral promover a formação de professores para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, cujas práticas estejam sintonizadas com as necessidades da sociedade.

	O graduado em Letras pode atuar: a) no Magistério do Ensino Fundamental, Médio e Superior (como auxiliar de ensino), cursos livres, aulas particulares e de reforço, ensino instrumental; b) na Redação, pela produção e/ou revisão de textos, copidesque, editoração; c) na Pesquisa; d) na Produção de textos literários e de crítica literária; e) como assessor cultural. O Curso de Letras ainda poderá oferecer formação complementar para outros domínios do conhecimento, através de áreas de aprofundamento (UFPB, grifo nosso, s/d, s/p).
Licenciatura em Pedagogia	O Curso de Graduação em Pedagogia do Campus IV (Litoral Norte) da Universidade Federal da Paraíba tem como objetivo a formação de professores para exercer as funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos, e/ou na Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Campo de atuação profissional O campo de atuação do licenciado em Pedagogia deve ser composto pelas seguintes dimensões: Docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas do curso de Ensino Médio na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos, assim como em Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, além de em outras áreas nas quais conhecimentos pedagógicos sejam previstos; ▪ Gestão educacional, entendida numa perspectiva democrática, que integre as diversas atuações e funções do trabalho pedagógico e de processos educativos escolares e não-escolares, especialmente no que se refere ao planejamento, à administração, à coordenação, ao acompanhamento, à avaliação de planos e de projetos pedagógicos, bem como análise, formulação, implementação, acompanhamento e avaliação de políticas públicas e institucionais na área de educação; ▪ Produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional. ▪ Consultoria educacional para empresas; órgãos governamentais e ONGs; ▪ Atuação como Técnico em Assuntos Educacionais em órgãos federais, como universidades, Centros de Educação Tecnológica, Ministério Público, Polícia Rodoviária Federal e outros (UFPB, grifo nosso, s/d, s/p).

Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Não é a nossa intenção avaliar os cursos que estão sendo ofertados no *Campus IV* da UFPB, mas foram citados no quadro 4, para que o(a) leitor(a) tenha acesso às informações de forma complementar, sobre seus objetivos, para que possam ser compreendidos os aspectos educacionais de cada curso, como por exemplo, a sua função perante a sociedade. Além dos cursos apresentados no Quadro 4, é ofertado também dois cursos de graduação de Ensino a Distância - EAD, Licenciatura em Letras, Língua Espanhola e Licenciatura em Letras, Língua Inglesa. Também faz parte do leque de ofertas, mais 3 cursos de Pós-Graduação, Mestrado

acadêmico em Ecologia e Monitoramento Ambiental, pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental - PPGEMA; Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS e o Mestrado acadêmico em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA, este último é uma iniciativa entre o CCAE, *Campus IV* e o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA, *Campus I*. Apesar da iniciativa conjunta, o curso funciona apenas no campus I.

Foi possível observar que a maioria dos cursos de graduação apresentados no Quadro 4, estão voltados para o mercado de trabalho ‘capital’ — aqui, assumindo o sentido de formação profissional voltado para o sistema capitalista. Dessa forma, os(as) Potiguara se sentem desamparados(as), quando desejam desenvolver pesquisas relacionadas com a sua etnia, pela falta de professor(a) com conhecimento na área, haja vista que nem todos os cursos oferecem assistência para os(as) Potiguara pesquisarem sobre a sua própria cultura.

Com base nas entrevistas feitas com os(as) universitários(as) e anciãos(ã) Potiguara, foi identificado um pequeno quantitativo de professores(as) do *Campus IV*, que dialogam sobre a causa Potiguara dentro da universidade e um número ainda menor que desenvolve projetos e tem contato com as aldeias. Acerca disso, em relatos, alguns(as) universitários(as) falaram que alguns(as) destes professores(as) são criticados por muitos dos(s) seus colegas docentes, ao dizer que estão saindo do foco, ou que simplesmente não têm a obrigação de trabalhar com esta causa. (BAMBÚ, Informação Verbal, Aldeia Jacaré de Cesar, abril, 2018; M’BOYA ATÃ, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abril, 2018).

Percebemos que não se trata apenas de hipóteses. De fato existe uma deficiência por parte da universidade em relação aos universitários(as) Potiguara, como bem destacado anteriormente pela própria diretora de centro.

Outro aspecto que merece ser contestado é sobre os projetos e ações que foram desenvolvidos desde a instalação do *Campus IV*, com o intuito de beneficiar o povo Potiguara. Percebemos que são poucos os projetos que atendem a esta demanda. Por isso, resolvemos destacar três grandes iniciativas, que contribuíram e contribuem até hoje com os(as) Potiguara, sobretudo no acesso ao ensino superior: o cursinho Pré-Vestibular / Pré-Exame Nacional do Ensino Médio - Enem, o PET e a AUP.

O curso Pré-Vestibular do CCAE fundado em 2007, foi o primeiro projeto que contribuiu para a entrada dos(as) Potiguara no ensino superior, tanto na UFPB, quanto em outras IES na Paraíba e em outros estados brasileiros.

A iniciativa do Curso Pré-Vestibular do Litoral Norte no campus foi idealizada pelo Professor Dr. Lusival Antônio Barcellos (Departamento de Educação) que teve início em 2007, beneficiando 11 municípios, atuando com cerca de 1.250 estudantes que receberam “ajuda” para vencer um grande desafio: ser aprovado em uma universidade. Entre os 11 municípios destacamos Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, localizado no território Potiguara, que também foi contemplado pelo Curso Pré-Vestibular, dando vez e voz aos jovens indígenas. (SILVA; ZAMPIER; GOMES *et al*, 2017, p. 21).

Assim como bem destacado pelos autores acima, o curso Pré-Vestibular atingiu um grande percentual de estudantes. Em seu primeiro ano de atuação foi ministrado na Aldeia São Francisco, no município da Baía da Traição. Já em Marcação e em Rio Tinto, o curso era ministrado na própria cidade. Desde o primeiro ano do curso no território Potiguara, os resultados são visíveis, respaldando a iniciativa de maneira positiva, como bem destacado por Silva; Zampier; Gomes *et al* (2017, p. 22):

O primeiro resultado alcançado em 2007 com a atuação do “cursinho” na aldeia São Francisco, foi a conquista de uma aprovação do primeiro Potiguara na Universidade de Brasília (UnB). No ano seguinte, uma versão mais aperfeiçoada do projeto resultou em um índice bem mais eficiente: a aprovação de 12 indígenas em universidades públicas. Ao longo desse trajeto também pode-se constatar outros resultados. Esse, sem dúvida é um registro que contém a proeza acadêmica do CCAE/UFPB no Litoral Norte: a de possibilitar condições para o acesso de indígenas Potiguara no espaço acadêmico.

O curso passou a atingir a cada ano, um maior número de cidades, seguindo a estrutura abaixo:

O Curso Pré-Vestibular foi então estruturado com a seguinte composição: uma comissão de professores graduados e universitários do Campus UFPB/Litoral Norte que coordenava a iniciativa; um coletivo de quatro coordenadores gerais e 11 coordenadores locais responsáveis por viabilizar a efetivação do projeto. Além das aulas, eram realizados simulados e bizuradas objetivando estimular a juventude a participar do vestibular visando aprovação dos estudantes no ensino superior. [...] atingiu além do Vale do Mamanguape, 22 municípios da Paraíba, incluindo uma cidade do Rio Grande do Norte. Para materializar o Curso Pré-Vestibular do Litoral Norte a coordenação reuniu o apoio do CCAE, da Reitoria da UFPB, mas sem dúvida foi fundamental a parceria realizada com as Secretarias de Educação dos municípios beneficiados com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e movimentos sociais. Os municípios, disponibilizavam transporte, alimentação e material de expediente aos alunos. Grupos internos ao CCAE, como o Grupo de Estudos e Pesquisa e Educação, Etnias e Economia Solidária (GEPeesS) também compunha essa rede de apoio (SILVA; ZAMPIER; GOMES *et al.*, 2017, p. 22).

O curso existe até hoje e tem como objetivo, possibilitar o aprendizado dos assuntos do Enem e contribuir com a entrada dos estudantes da rede pública no ensino superior, no *Campus IV* da UFPB, bem como em outros *campi* e IES, no estado ou fora dele.

Outro projeto que contribuiu/contribui com o povo Potiguara, como citamos anteriormente, é o PET indígena do CCAE/UFPB, como iniciativa do Professor Lusival Antônio Barcellos. O projeto foi aprovado em dezembro de 2010, tendo o mesmo como tutor (de dezembro de 2010 a março de 2015), com tema: O acesso e a permanência do universitário indígena na academia. A proposta da criação do projeto foi a de contribuir tanto com a entrada dos Potiguara no ensino superior, como também garantir a sua permanência neste ambiente de constantes dificuldades, para quem deixava sua aldeia e entrava na universidade sem nenhum tipo de apoio. Poderemos entender melhor a iniciativa do PET-Indígena, através de um fragmento retirado da proposta do projeto feita por Barcellos (2010, p. 04):

Essa proposta será desenvolvida em um *campus* novo da UFPB, próximo a uma área indígena, com grandes possibilidades de contribuir para a inclusão social de jovens indígenas por meio do acesso e permanência na universidade, sem perder de vista a identidade cultural que os une. Envolverá alunos de graduação de vários cursos das áreas de educação e ciências sociais aplicadas. Serão desenvolvidas atividades voltadas para a superação de dificuldades de aprendizagem e melhorias no desempenho no curso de graduação; para a realização de uma pesquisa sobre a realidade indígena e universidade; o desenvolvimento de ações de extensão por meio de um curso pré-vestibular e de atividades culturais.

O projeto possibilitou a inclusão dos(as) Potiguara no universo acadêmico de uma forma diferente, trazendo para dentro da academia a sua trajetória de vida e de luta através dos eventos culturais que foram realizados pelo PET. Composto por 18 universitários(as) Potiguara (12 bolsistas e 6 voluntários). Entre os bolsistas, 10 ministravam aula no curso Pré-Vestibular e Pré-Enem, oferecido pelo PET indígena, no período de 2011 a 2013, na Aldeia Grupiuna, no município de Marcação. Os outros 2 bolsistas eram responsáveis pelas atividades culturais e de pesquisas. Mesmo com esta divisão de atividades, todos(as) contribuíam de alguma forma em todas as atividades, pois quem se habilitava a ensinar, também desenvolvia pesquisas e participava das atividades culturais.

O curso ministrado pelos(as) petianos(as) na Aldeia Grupiuna, (de Potiguara para Potiguara) foi extremamente importante para a entrada de outros(as) parentes Potiguara no ensino superior, assim como também contribuiu para a apropriação de novas descobertas pelos(as) petianos(as), que passaram a assumir o papel de professor(a) para seus(as) parentes.

O PET desenvolvia atividades de pesquisa, ensino e extensão, mas percebemos que a proposta de Barcellos era ir além desses pilares; “Uma vez estando dentro da universidade é muito importante garantir, para os indígenas, momentos de partilha e de troca de saberes, da escuta e do afeto, da espiritualidade e de momentos para praticar o ritual sagrado do Toré.”

(BARCELLOS, 2010, p. 05). Como podemos perceber, essa era uma das preocupações do idealizador do PET-Indígena.

O PET possibilitou a abertura para a reafirmação da identidade Potiguara no espaço acadêmico, através das atividades culturais, como: semanas culturais com oficinas (de pinturas corporais , por exemplo) e exposições de artesanatos; culinária Potiguara; vídeos, mitos Potiguara; além de palestras de lideranças e anciões sobre a cultura Potiguara , dentre outras atividades culturais que foram executadas pelos(as) petianos(as) dentro da universidade, sendo mais uma etapa de conquista de espaços dentro do universo acadêmico.

Outra importante iniciativa, também do Professor Lusival, para com os(as) universitários(as) Potiguara, foi a criação da AUP, criada em 30 de agosto de 2009, com a presença de universitários(as) e lideranças indígenas, cuja finalidade era/é contribuir para o fortalecimento dos(as) Potiguara dentro da universidade, pois não se trata apenas de lutar pelos direitos estudantis, mas pela busca da continuidade de sua cultura dentro da universidade e em suas aldeias de origens.

Entre os objetivos¹² da AUP, podemos destacar que a associação funciona como um suporte de apoio entre os(as) Potiguara. Por isso, são realizadas assembleias entre os(as) universitários(as) Potiguara, para dialogar sobre as dificuldades que são enfrentadas pelos seus parentes Potiguara, na tentativa de sanar os problemas existentes na vida acadêmica. A realização da 1ª Assembleia dos(as) Universitários(as) Potiguara da Paraíba, promovida pela AUP, em julho de 2014, teve como tema: Discutir Cultura para Mudar a Estrutura e Conquistar um Novo Espaço. O evento foi uma importante ação interdisciplinar para os(as)

¹² “**Artigo 3º** - São objetivos da AUP:

- a) I - cultivar a mais ampla e perfeita cordialidade entre os sócios
- b) II - promover atividades sociais, culturais e desportivas;
- c) III - zelar pela melhoria das condições dos universitários;
- d) IV- firmar convênios com associações congêneres, autarquias, entidades religiosas, federais, estaduais , municipais e outras;
- e) V- promover e assistir os universitários carentes ou não;
- f) VI - promover a defesa e a conservação do patrimônio cultural material e imaterial, histórico, artístico, paisagístico, do meio-ambiente e do direito do consumidor, utilizando-se dos meios jurídicos competentes sendo através de Ação Popular ou Ação Civil Pública;
- g) VII -defender os interesses e promover o desenvolvimento intelectual, profissional, moral e crítico das/os suas/seus associadas /os;

Parágrafo Único. Para a consecução dos seus objetivos a AUP celebrará convênios, administrará ou executará projetos com Órgãos governamentais e/ou Organizações não governamentais, em âmbito municipal, estadual, nacional e/ou internacional. Proporá e/ou executará projetos, promoverá cursos, seminários, estágios, estudos e outras atividades de formação; realizará pesquisas e publicações; participará de fóruns, conselhos ou outras instâncias consultivas ou decisórias relativas à promoção e defesa da Cultura Potiguara.” (ESTATUTO DA AUP, 2009, p. 2-3).

universitários(as) Potiguara e fez parte das ações práticas que compreendem o cotidiano acadêmico e cultural dentro do regimento étnico Potiguara.

O tema do evento surgiu das discussões teóricas entre os(as) sócios(as), impulsionados pela necessidade de contemplar os questionamentos sobre seus direitos e deveres enquanto universitários(as) Indígenas, sobretudo pelos seus direitos de conhecimento. O evento teve como público-alvo os(as) sócios(as) da AUP dos *Campi* da UFPB. No evento, foi debatido questões como: Direito Indígena Estudantil; O papel da Universidade no desenvolvimento acadêmico e cultural indígena; A importância do conhecimento acadêmico para os estudantes indígena e sua influência na formação de futuras lideranças para a interlocução com o estado brasileiro; Direito Indígena dentro da Conjuntura Constitucional; Direitos indígenas: Cotas para quê e por quê? O debate foi feito com professores(as) da UFPB, com experiência na área.

Na assembleia algumas lideranças Potiguara debateram sobre alguns aspectos da cultura Potiguara: Somos do tronco Tupi Bilíngue?; Educação Diferenciada: Por quê? Para que? e Cultura Indígena. A associação conta hoje com cerca de 121 sócios(as) distribuídos entre os vários *Campi* da UFPB, como também em outras IES, que se encontram nas reuniões mensais, promovendo diálogos e propostas de melhoria para os(as) universitários(as). Pela necessidade da afirmação de sua identidade étnica dentro do espaço acadêmico, os(as) universitários(as) se apropriam dos conhecimentos e experiências obtidos através dos projetos citados acima, para mudar sua trajetória universitária.

Além das iniciativas citadas acima, o *Campus IV* da UFPB, com seus doze anos de implantação ao lado do território Potiguara, não oferece nenhum tipo de assistências estudantil específica para os(as) universitários(as) Potiguara, nem dialoga sobre suas diversas necessidades. Apesar de ter convidado lideranças Potiguara para participar das discursões para a implantação do *Campus* e ter assumido em sua logo, a colmeia — imagem representada no início deste capítulo — símbolo de coletividade para o povo Potiguara, o CCAE, não reproduz este significado em suas ações para com os(as) universitários(as) Potiguara. Como observado em alguns relatos dos(as) entrevistados(as):

A universidade não tem formação coletiva, porque forma indivíduo individualista, só pra o mercado de trabalho. Não valoriza a questão humana. A formação do *Campus IV* não atende as necessidades do povo Potiguara, não tem cursos específicos na área da saúde nem da educação voltada pra realidade dos Potiguara, pois nem mesmo pro Vale do Mamanguape. (ÍAGÛARA NARÕ, Informação Verbal de uma universitária Potiguara, Aldeia Tramataia, abril, 2018).

Neste sentido temos também a percepção de um líder e ancião potiguara, que destaca: “A universidade não é pra pobre, os indígenas têm que se identificar e tentar se fortalecer pra fazer com que a universidade le respeite. Falta muito da administração, a universidade não tá preocupada com a questão social.” (CAPITÃO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Outro relato de Capitão Potiguara que contribui ainda para esta afirmação:

Fui convidado através do GT- Indígena e participei do processo de implantação do *Campus* IV. Ajudei na construção do curso de Antropologia [...]. Na implantação do *Campus* IV pidimos um curso de engenharia de pesca, mas o reitor falou que o curso era muito caro, pidimos também um curso na área da saúde que atendesse a comunidade indígena, mas também não foi criado. (Informação Verbal de um ancião, Aldeia Forte, abr. 2018).

A cacica de Monte Mór, contribui também para esta afirmação ao acrescentar que:

As lideranças participaram da discussão. Na época sugerimos cursos de enfermagem, agronomia, mas segundo a universidade, não abriu a demanda. No início de fevereiro desse ano falamos com a reitora sobre a mesma pauta, mas ainda está no aguardo de levar as sugestões da comunidade pra ela. (CAL POTIGUARA, Informação Verbal de uma anciã, Aldeia Monte Mor, maio, 2018).

De acordo com os relatos dos(as) entrevistados(as), percebemos que ainda que o povo Potiguara tenha feito parte da discussão de implantação do *Campus*, levando suas prioridades, doze anos se passaram e as suas demandas ainda não foram atendidas. Diante do aspecto individualista e mercadológico apresentado pela/na formação do *Campus* IV da UFPB, é necessário que os(as) universitários(as) Potiguara fiquem atentos, para não se deixar levar por este modelo, no qual “A universidade é posta como se fosse uma fábrica capitalista, cujos bens de consumo são os diplomas, com os estudantes na condição de consumidores.” (MELO NETO, 2012, p. 16).

Concomitante a afirmação de Melo Neto (2012), os(as) entrevistados(as) defendem que a universidade não pode se resumir a isto: ela precisa ir além, por isso o papel dos(as) Potiguara não deve se resumir em apenas entrar na universidade, se formar e ingressar no mercado de trabalho, exclusivamente em busca de seus objetivos individuais, mas ter a consciência que de por ser membro deste povo, resta-lhes o dever de dar sua contribuição, dar continuidade na luta pelo interesse coletivo, caminhando para uma mudança concreta, na perpetuação de seus costumes e tradição. Dessa forma, a universidade:

Como instituição social, tem incorporado, ao longo do tempo e em diferentes contextos, funções diversas. São atribuídas à Universidade as funções de

transmissão, de produção e de Extensão do saber, sendo o ensino a função mais tradicional, pois se consubstancia na transmissão de conhecimentos. A universidade tem, ainda, a função de sociabilizar o saber que produz e, desta forma é também responsabilizada pela integração social dos indivíduos. [...] Pois tanto a transmissão como a produção do saber serão sempre uma forma de prestação de serviços a alguém (SOUSA, 2000, p. 13).

A universidade deve, assumindo seu papel social, como bem destacado na citação acima, transmitir conhecimento científico e cultural que valorize o ser humano, dando a oportunidade de criar interação entre a sociedade e a comunidade acadêmica. Para Mészáros (2008, p.09). “[...] a educação não é uma mercadoria” para ser voltada para o mercado, ela é a possibilidade de transformar o ser humano, por isso deve preparar para a vida.” Quando a universidade prepara os indivíduos apenas para o mercado de trabalho, ela está tirando a possibilidade que o indivíduo deve ter de desenvolver sua capacidade humana, com ações voltadas para a sociedade, defendendo os interesses coletivos, desta forma ela está atendendo apenas as regras do sistema capitalista, onde “[...] as relações sociais são, antes de mais nada, instrumentos para o enriquecimento pessoal[...]” (LESSA; TONET 2008, p. 68).

Existe um número crescente de indígenas Potiguara cursando o ensino superior em instituições de ensino públicas e privadas da Paraíba e do Brasil, organizados(as) dentro dos movimentos indígenas, na luta pela afirmação e defesa de seus ideais identitários, enquanto protagonista de sua história e tradição, possibilitando assim, o fortalecimento étnico de sua origem. Referimo-nos como movimento indígena Potiguara: Organização dos Indígenas Potiguara - OIP; Organização dos Jovens Indígenas Potiguara - OJIP; Associação Universitária Potiguara - AUP; Programa de Educação Tutorial - PET- Indígena; Programa de Licenciatura Indígena - PROLIND; Grupo de Trabalho Indígena - GT / Indígena; Coletivo de Pesquisa Pela Valorização dos Saberes Potiguara - COLETIVO; Organização de Professores Indígenas Potiguara - OPIP.

Além da presença dos(as) universitários(as) no movimento Potiguara, existe uma grande participação no movimento indígena estadual, regional e nacional, a exemplo da Articulação de Mulheres Indígenas da Paraíba - AMIP; Articulação dos Povos e Organização Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo - APOINME; II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena - CONEEI e Encontro Nacional de Estudantes Indígenas - ENEI. No âmbito dos movimentos sociais, segundo Nascimento (2012, p. 89), “[...] o movimento indígena, em nível nacional e internacional tem a finalidade de ressignificar e apropriar-se de instrumentos étnico-culturais que contribuam no processo de fortalecimento da identidade desses povos no seio de nossa sociedade.”, contribuindo desta forma para conquistar novos espaços.

Assumir a identidade indígena enquanto universitário(a) é um desafio para muitos(as), sobretudo, no combate ao preconceito e a discriminação étnico-cultural dentro da universidade. Os(as) universitários(as), na tentativa de resistir a estes preconceitos enfrentados frequentemente no espaço acadêmico por serem diferentes, introduzem elementos essenciais de sua cultura dentro da universidade. O(a) universitário(a) indígena é diferenciado(a) por ter a possibilidade de fortalecer suas raízes e suas tradições, dentro e fora da universidade, expressando sua alteridade e espiritualidade através de atividades culturais de sua etnia. Isto é necessário, pois mesmo aprofundando os saberes sistematizados na universidade, carregam consigo seu legado indígena. É válido lembrar que o conhecimento científico não é mais importante do que o conhecimento tradicional para a educação dos Potiguara. Para isto, tomamos como exemplo de educação as palavras do mestre:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2006, p. 25).

Entendemos na citação do ilustre educador Paulo Freire que, não existe um conhecimento melhor que o outro, mas sim diferentes tipos de conhecimentos que podem ser dialogados entre si. Por isso a necessidade dos/as docentes e da universidade respeitar os conhecimentos tradicionais trazidos pelos(as) Potiguara para o universo acadêmico. Freire (2006, p. 26) afirma ainda, “O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo[...]”. Por esse motivo, destaca a necessidade de ser trabalhada através de conteúdos pelos(as) educadores(as) a realidade social dos educandos, ele defende:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 2006, p. 26).

Este pensamento de Paulo Freire nos remete às práticas da universidade quando, traz para sala de aula fatos de outros países e deixa de dialogar sobre a realidade local.

Quando a universidade for capaz de entender que o seu conhecimento não é o mais importante perante a sociedade, e compreender a importância dos diversos tipos de saberes para as demais classes sociais, ela possivelmente entenderá que “[...] ensinar não é transferir conhecimento.” (FREIRE, 2006, p. 21), ensinar é dialogar com os diversos tipos de conhecimentos.

Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 23, grifo do autor), fala de tipos de conhecimentos específicos, ocupando lados opostos, “[...] que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’ [...]”. O que ele chama de “[...] formas científicas e não-científicas de verdade.” (SANTOS, 2009, p. 25). Sendo este lado da linha ocupado pela ciência, a filosofia e a teologia. Ele ressalta ainda que:

Conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. É inimaginável aplicar-lhes não só a distinção científica entre verdadeiro e falso, mas também as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia que constituem o outro conhecimento aceitável deste lado da linha. Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjectivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica. (SANTOS, 2009, p. 25).

Nesse entendimento, podemos observar que o conhecimento científico não é a única forma de conhecimento válido, pois é preciso pensar nos diversos tipos de conhecimento que ultrapassam as paredes da universidade. No atual contexto social vivido pelos(as) universitários(as) Potiguara, é preciso considerar a base dos dois pilares de sua identidade indígena, pré e pós-vida acadêmica, partindo do princípio de que os dois são elementos primordiais na construção dessa identidade, como afirma Luciano (2006, p. 170) “[...] os conhecimentos científicos e tecnológicos da sociedade moderna são importantes e desejáveis para aperfeiçoar suas condições de vida, como é o desejo de toda a sociedade humana [...]”. Entretanto, é evidente que o(a) universitário(a) indígena para permanecer na academia reafirmando sua identidade, além de seu envolvimento com os conhecimentos sistematizados, deve ter o compromisso de fortalecer e se envolver com as raízes da cultura do seu povo.

Os principais saberes indígenas estão ligados à percepção e à compreensão que eles têm da natureza, e se manifestam no trabalho, nos ritos, nas festas, na arte, na medicina, nas construções das casas, na comida, na bebida e até na língua, que tem sempre um significado cosmológico primordial (LUCIANO, 2006, p. 170).

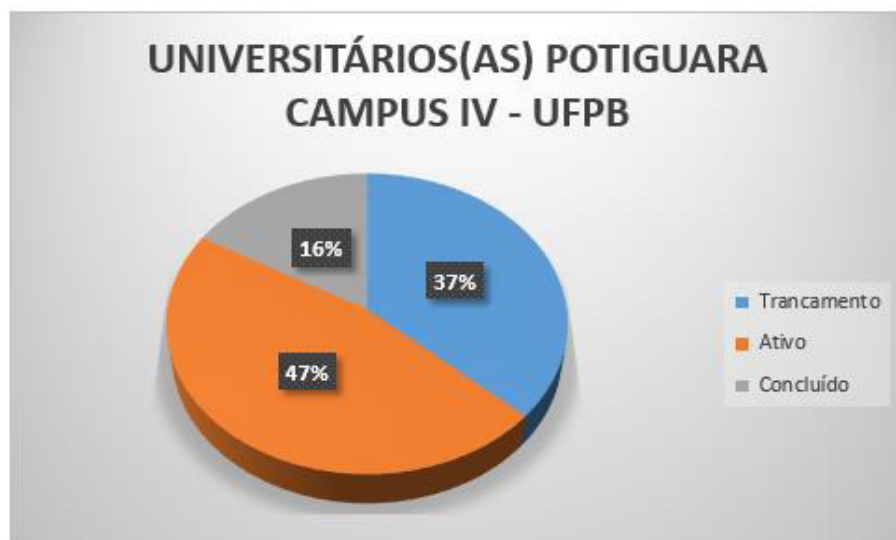
Como Luciano (2006) destacou, é preciso que os conhecimentos tradicionais dos(as) Potiguara não sejam esquecidos ao entrar na universidade, local este que tem a função de promover a formação crítica, científica e intelectual dos(as) universitários(as) indígenas, e deve instigar nos(as) mesmos(as), a cultura, a preservação e o fortalecimento da etnia, a continuidade da educação que é gestada na aldeia e na organização para fortalecer as tradições, a memória, a história e a identidade sociocultural do povo Potiguara.

Os povos indígenas do Brasil possuem uma longa história que se estende por muitos milhares de anos antes da conquista portuguesa, o que faz com que eles tenham um conhecimento genuíno de sua realidade, o que lhes possibilitou viverem e desenvolverem civilizações milenares equivalentes a qualquer outra civilização humana. Os saberes indígenas respondem às suas necessidades e desejos. Suas crenças, valores, tecnologias etc. provêm de um conhecimento comunitário prático e profundo gerado a partir de milhares de anos de observações e experiências empíricas que são compartilhadas e orientadas para garantir a manutenção de um modo de vida específico. (LUCIANO, 2006, p. 169).

Entendemos no pensamento de Luciano que quando a sociedade desconhece a importância da cultura indígena, ela está deixando de lado o entendimento de sua própria história, porque historicamente foram os povos indígenas os primeiros a habitarem o Brasil, deixando as suas marcas culturais que permanecem até hoje. Nesse sentido, é papel da universidade dialogar sobre a sua cultura e existência que contribui até hoje com a história de nosso país. Ao chegarmos aqui, podemos identificar através de relatos dos(as) entrevistados(as), os aspectos positivos e negativos do *Campus IV* da UFPB em relação aos universitários(as) Potiguara.

Atendendo as expectativas do(a) nosso(a) leitor(a) em relação a este capítulo, apresentamos os dados quantitativos dos(as) universitários(as) Potiguara do *campus IV*, que estão representados na primeira figura abaixo, em seguida temos também através de figuras a quantidade por curso representando a situação percentual de trancamentos, ativos(as) e concluídos, abaixo de cada figura há uma breve explicação para fins de esclarecimentos. Os dados apresentados nas figuras a seguir são referentes aos dados obtidos pela STI, através de solicitação por meio de requerimentos e pela relação de sócios(as) da AUP, fornecido pela atual representante da associação.

Figura 2 - Quantitativo dos(as) universitários(as) Potiguara



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 2 acima, temos a representação da quantidade de universitários(as) Potiguara do campus IV, somando o total de 259 acessos; 95 trancamentos; 121 ativos(as) e 43 concluídos. Tais dados representam o quantitativo de universitários(as) Potiguara, porém, não temos os números estimados por ano, da quantidade que entrou, trancou ou conclui, pois os dados fornecido pela AUP e pelo STI, tinham apenas os período de entrada especificado, mas não apresentava a data de trancamento, nem de conclusão dos(as) estudantes.

Figura 3 - Universitários(as) Potiguara no curso de Antropologia.

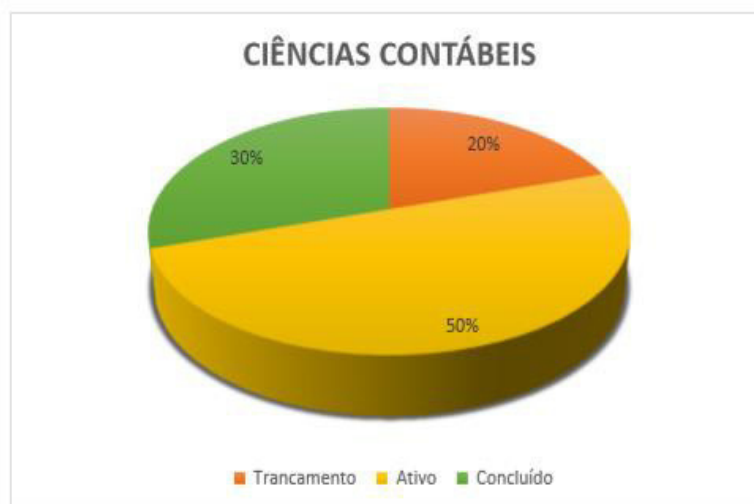


Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 3, a porcentagem foi feita a partir de 36 universitários(as) Potiguara no curso de Antropologia, no qual ocorreram 17 trancamentos, sendo 17 ativos(as) e apenas dois/duas egressos(as). É necessário observar que apesar do curso de Antropologia apresentar um grande

número de universitários(as), o que mostra um interesse pela formação antropológica, é difícil entender o porquê de tanta evasão, chegando a quase 50% do total dos(as) estudantes.

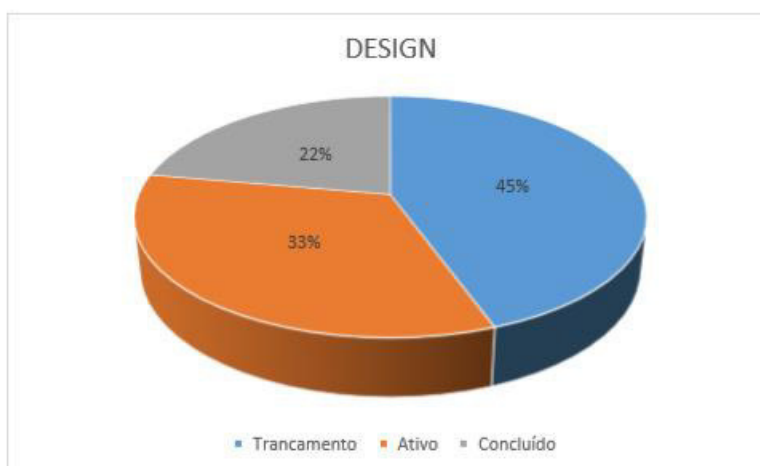
Figura 4 - Universitários(as) Potiguara no curso de Ciências Contábeis



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 4, a porcentagem foi feita com os universitários(as) Potiguara do curso de Ciências Contábeis, sendo registrada a quantidade de 10 estudantes no curso, apresentando 2 trancamentos, 5 ativos(as) e 3 egressos(as). Percebemos através da figura acima que o curso de Ciências Contábeis, não é muito escolhido entre os(as) Potiguara, pois além de apresentar uma pequena quantidade de estudantes, ainda apresenta trancamentos.

Figura 5 - Universitários(as) Potiguara no curso de Design

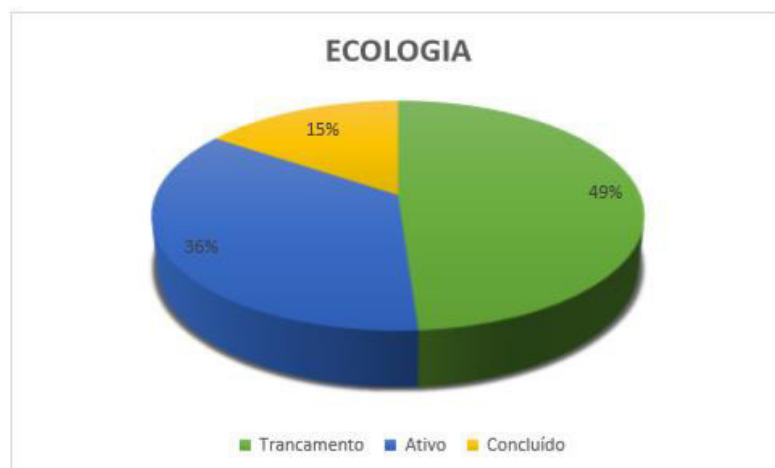


Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 5, a representação foi feita com o quantitativo do curso de Design, no qual foi registrado a presença de 9 universitários (as) Potiguara, sendo 4 trancamentos, 3 ativos(as) e 2 concluíram. Esse curso, entre os demais, foi o que apresentou a menor quantidade de

Potiguara, não sabemos o motivo desta pequena presença, mas sabemos que através da figura acima é possível perceber que mesmo diante desta pequena quantidade de universitários(as), o índice de evasão é bastante alto, atingindo quase a metade dos(as) estudantes.

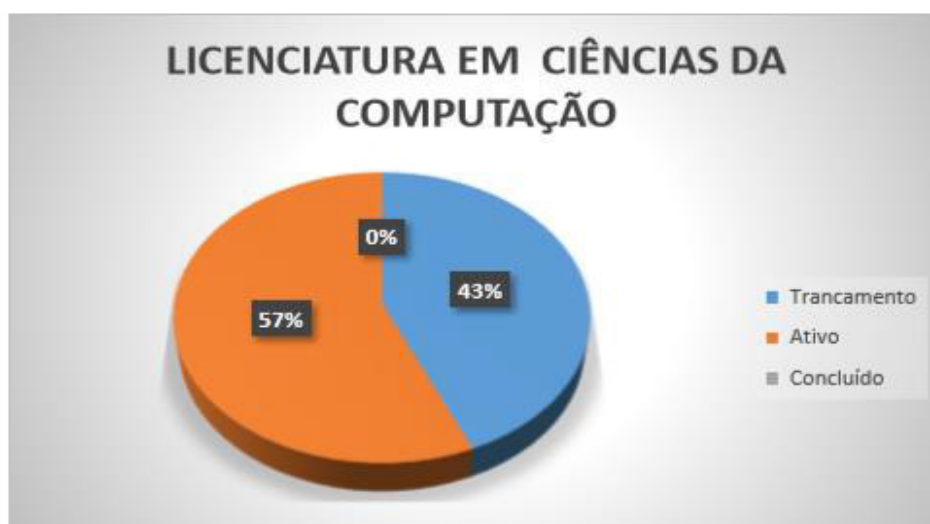
Figura 6- Universitários(as) Potiguara no curso de Ecologia.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 6, temos a porcentagem de 45 universitários(as) Potiguara no curso de Ecologia, com 22 trancamentos, 16 ativos(as) e 7 concluídos. Percebemos que existe um grande interesse por partes dos(as) Potiguara em ser ecólogos(as), pois é o curso que apresentou a maior quantidade de universitários(as) Potiguara, mas notamos que há um grande desequilíbrio em relação a quantidade que entrou no curso e a quantidade que concluiu, pois a maioria está em situação de trancamento.

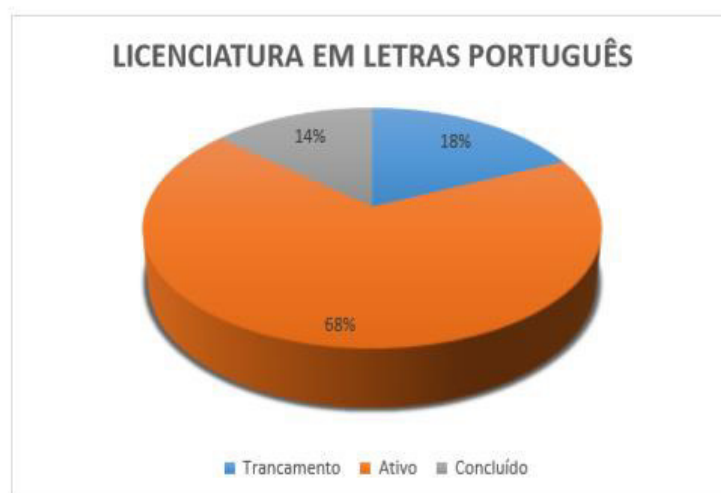
Figura 7- Universitários(as) Potiguara no curso de Computação



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na figura 7, temos a representação feita com o quantitativo de universitários(as) Potiguara do curso de Licenciatura em Ciências da Computação, sendo registrado a presença de 23 estudantes, 10 trancamentos, 13 ativos(as) e nenhum(a) egresso(a) até o momento. Observamos que embora exista bastante interesse dos(as) estudantes Potiguara pela formação científica na área das Ciências da Computação, foi necessário fazer um questionamento sobre o número alarmante de trancamento e o porquê de nenhuma conclusão.

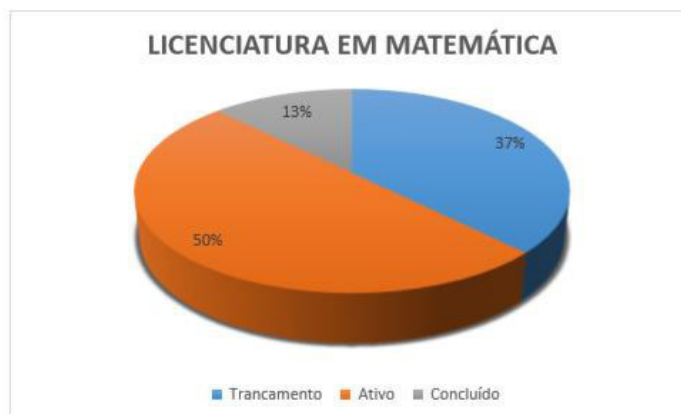
Figura 8- Universitários(as) Potiguara no curso de Letras Português.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na figura 8, a porcentagem foi a partir de 22 universitários(as) Potiguara no curso de Licenciatura em Letras Português, com 4 trancamentos, 15 ativos(as) e 3 concluídos. O curso de Letras apresenta um resultado positivo em relação a presença dos(as) Potiguara, pois mesmo com a presença de trancamentos, destacamos que a maioria dos(as) estudante estão ativos(as).

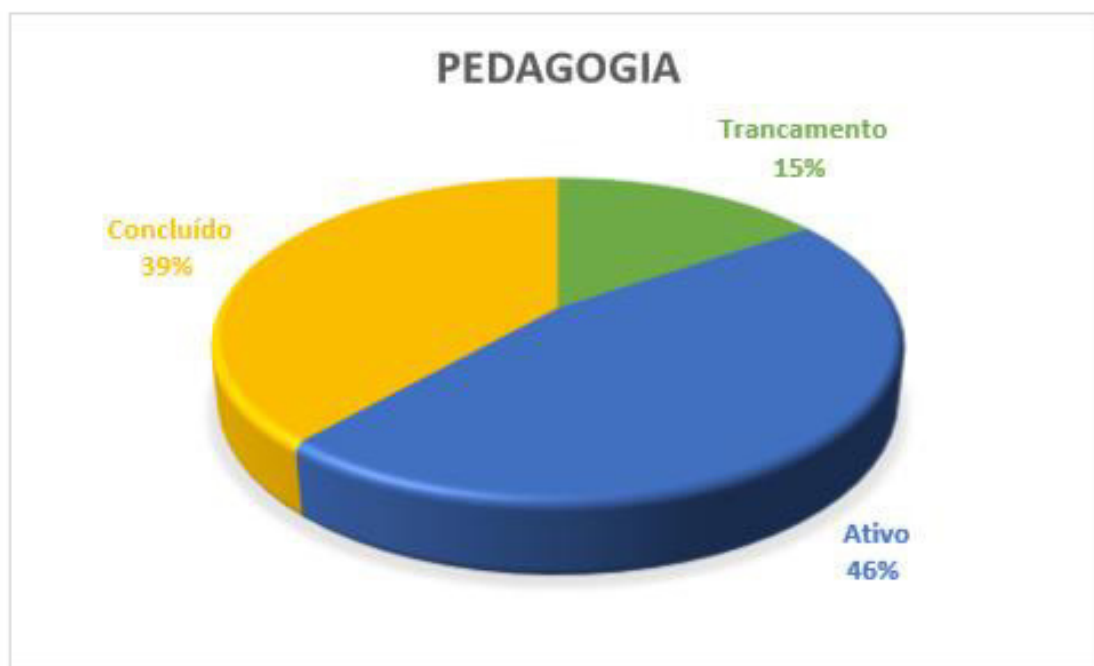
Figura 9- Universitários(as) Potiguara no curso de L. em Matemática.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na figura 9, temos a representação feita com o quantitativo de universitários(as) Potiguara do curso de Licenciatura em Matemática, somando 40 estudantes, 15 trancamentos, 20 ativos(as) e 5 egressos(as) até o momento. Observamos que o curso de Matemática, de acordo com os dados fornecidos, é o segundo curso a receber a maior quantidade de Potiguara, perdendo apenas para o curso de Ecologia, demonstrando um grande interesse dos(as) universitários(as) nesta formação, embora exista um grande número de trancamento, a quantidade de ativos(as) no curso é bastante satisfatória.

Figura 10- Universitários(as) Potiguara no curso de Pedagogia.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 10, temos a representação com o quantitativo de 26 universitários(as) Potiguara do curso de Pedagogia, somando 4 trancamentos, 12 ativos(as) e 10 universitários(as) egressos(as). O curso de Pedagogia apresentou um resultado bastante positivo em relação aos universitários(as) Potiguara, como foi observado na figura acima, há um interesse pela formação pedagoga, mesmo com trancamentos, este curso se destaca entre os demais por apresentar a maior quantidade de egressos(as).

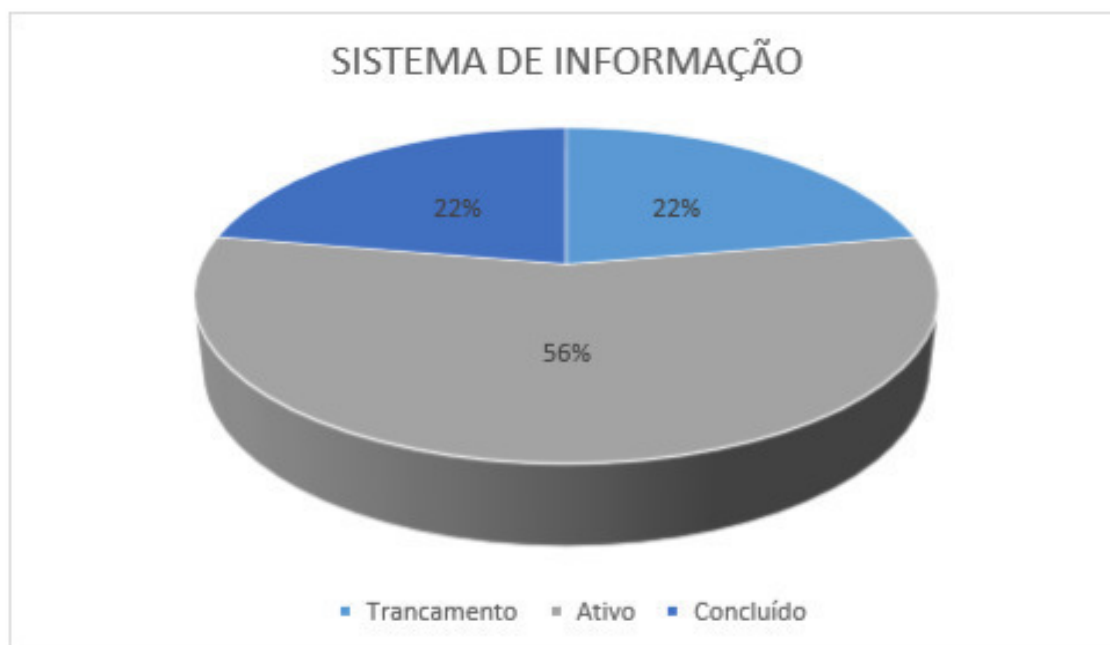
Figura 11- Universitários(as) Potiguara no curso de Secretariado Exc. Bilíngue.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na Figura 11, a porcentagem foi feita com o quantitativo de 30 universitários(as) Potiguara do curso de Secretariado Executivo Bilíngue, com 13 trancamentos, 10 ativos(as) e 7 egressos(as). Foi possível observar que há bastante interesse por parte dos(as) universitários(as) Potiguara pelo curso de Secretariado Executivo, mas apesar de ser um dos cursos onde apresenta a maior quantidade de egressos(as) e uma quantidade considerável de ativos(as), existe um número alarmante de trancamento.

Figura 12- Universitários(as) Potiguara no curso de Sistema de Informação.



Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

Na última Figura 12, acima, temos a representação percentual do quantitativo de 18 universitários(as) Potiguara do curso de Sistema de Informação, apresentando 4 trancamentos, 10 ativos(as) e 4 egressos(as). No curso de Sistema de Informação, percebemos que apesar de ter uma pequena presença dos(as) Potiguara em relação a alguns cursos, o resultado é bastante positivo, mesmo com trancamentos assim como nos demais cursos, apresenta uma quantidade favorável de ativos(as) e egressos(as).

Foi possível observar através das figuras, que do percentual de ingressos, apenas 16% concluíram, apresentando ainda um número alarmante de trancamentos. Observando o quadro atual é importante fazer o seguinte questionamento: Qual o motivo de tantos trancamentos por parte dos(as) universitários(as) Potiguara? De acordo com os resultados apresentados nas figuras, implica dizer que a universidade deveria tomar alguma providência em relação a evasão de seus estudantes Potiguara. Talvez seja necessária fazer uma pesquisa para identificar os motivos do grande índice de evasão nos cursos.

Observamos que os(as) Potiguara estão enfrentando grande dificuldade para permanecer nos cursos, a quantidade de trancamentos deve estar ligado a falta de assistências estudantil por parte da universidade, pois ao avaliar os resultados apresentados nas Figuras acima, identificamos que a luta não é só para entrar na universidade, mas para permanecer também, pois são vários os desafios encontrados pelos(as) Potiguara no universo acadêmico. A luta dos(as) Potiguara pelo ensino superior, não se limita em apenas entrar na universidade, pois é preciso lutar contra o preconceito e a discriminação, lutar por assistência pedagógica e financeira para permanecer na universidade. Um aspecto financeiro que vêm contribuindo com a permanência dos(as) universitários(as) Potiguara na universidade é o apoio do Governo Federal através do Programa Bolsa Permanência - PBP¹³, que a partir de 2013 oferece este benefício que minimiza os problemas financeiros enfrentados pelos(as) estudantes.

Muitas lutas foram enfrentadas pelos(as) Potiguara na tentativa de recuperar parte de seus direitos usurpados no processo de colonização, hoje o cenário se repete, pois agora há a tentativa de retirar dos povos indígenas direitos conquistados ao longo de séculos. Mais uma vez os povos indígenas estão tendo seus direitos ameaçados, estamos num divisor de conhecimentos, pois a política do governo federal desmonta as conquistas que estão sendo implementadas, vivemos no processo de colonização secular, onde nos são impostas decisões e ações colonialistas, que não segue nenhum critério ou ato democrático. Um dos direitos

¹³ Programa financiado pelo MEC, que oferece uma bolsa no valor de R\$ 900.00, para estudantes indígenas e quilombolas matriculados em cursos de graduação presencial, em Universidades e Institutos Federais.

ameaçados é a PBP, que afetará diretamente os(as) universitários(as) Potiguara, os(as) estudantes de outras etnias e os(as) quilombolas, pois na atual conjuntura o programa funciona como parte fundamental para a permanência destes(as) estudantes no ensino superior. A situação é bastante crítica, pois em setembro de 2017 foi a última vez que o governo abriu edital para inscrições na PBP, deixando os(as) estudantes ingressos no primeiro semestre de 2018 sem nenhuma assistência financeira.

Desta forma os movimentos estudantis indígenas e quilombolas de diversas regiões do país se articularam para reivindicar a decisão do Ministério da Educação e Cultura - MEC, ocupando vários espaços em Brasília e em outros estados, na luta em defesa de seus direitos. Os(as) universitários(as) Potiguara dos diversos *Campi* da UFPB, se reuniram através a AUP e formaram uma comissão com nove estudantes para ir à Brasília junto com as demais comissões de outras regiões, na reunião foi decidido ainda que todos(as) os(as) universitários(as) Potiguara que não iriam, deveriam fazer alguma manifestação também na Paraíba.

Mesmo diante deste cenário crítico vivido pelos(as) estudantes indígenas e quilombolas que desde o início de 2018 estão sem o recurso financeiro da PBP, não foi suficiente para fazê-los desistir de lutar. Percebemos a presença da coletividade nos(as) estudantes Potiguara assim como nos outros povos indígenas, pois a grande parte que estão à frente deste movimento de resistência, são os(as) estudantes que estão recebendo regularmente a bolsa, lutando e mostrando solidariedade para com seus/suas parentes.

A seguir apresentamos o nosso terceiro capítulo, no qual abordamos sobre a espiritualidade Potiguara; a espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, como elemento formador de sua alteridade na tentativa de entender como se constitui sua manifestação étnica, ainda neste capítulo, o(a) leitor(a) saberá quando os(as) universitários(as) praticam atividades culturais dentro da universidade, na tentativa de afirmação de sua alteridade étnica dentro da academia, identificará a contribuição dos(as) universitários(as) Potiguara na continuidade de suas práticas tradicionais em suas aldeias e será possível perceber ainda quando eles levam o conhecimento científico para dentro do seu território

3 ALTERIDADE E ESPIRITUALIDADE DOS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA

É preciso pensar as práticas e costumes dos povos indígenas como forma peculiar vivida pela sociedade, onde cada etnia possui sua particularidade no que se refere a religiosidade e espiritualidade indígena. Uma de suas práticas compartilhadas são as lutas pela resistência que os povos indígenas enfrentam até hoje para manter sua cultura viva, sobretudo pelo direito de existir. Antes de entrar na discussão sobre os aspectos da espiritualidade dos universitários(as) Potiguara, é necessário entender um pouco do processo histórico e opressor enfrentado pelo povo Potiguara, que afronta até hoje grandes batalhas. Não pediram para adorar outro deus, que não fosse o seu, não pediram para falar outra língua, nem pediram para aprender outros costumes, mas tudo isso foram obrigados a fazer, e pagam até hoje de forma cruel, por tudo que a eles foi imposto.

3.1 UM OLHAR SOBRE A ESPIRITUALIDADE DO POVO POTIGUARA

Durante muito tempo, os povos Indígenas foram silenciados e negados de viver seus costumes e de praticar sua cultura.

Os povos indígenas do Nordeste foram dos que mais sofreram com o avanço da civilização. Primeiros a serem contatados pelos colonizadores, foram logo batizados e incorporados aos trabalhos da nascente sociedade. Através de forma compulsória de mobilização serviram na construção de obras públicas e nos empreendimentos privados, sendo objeto de uma escravização camuflada. Deslocados de suas terras, tiveram que cruzar os sertões, buscar seguidamente novas áreas de refúgio, constituir alianças antes impensáveis, modificar radicalmente seus costumes. Passaram a viver sob a proteção de outros, em terras de missão (mais tarde invadidas e reduzidas) ou avassalados em terrenos de que nunca eram os “donos” (OLIVEIRA, 2005, p. 09).

O processo de invasão no território Potiguara foi também uma violência brutal de identidade cultural, pois a identidade está ligada a ideia de reconhecimento, de importância e de liberdade. Para Taylor (1994), a identidade:

[...] designa algo que se assemelha a percepção a que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela [...] O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas

pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido (TAYLOR, 1994, p. 41-42).

Os invasores proibiram a realização das práticas culturais e os rituais sagrados Potiguara, elementos essenciais para a perpetuação da cultura. Mesmo assim, sabiamente conservaram suas tradições e por assim dizer:

Por sua vez, a Antropologia, mesmo tendo a cultura como caracterizadora da identidade étnica, não a toma como característica primária e imutável, mas sim como traços que se modificam ao longo do tempo, a partir de novas situações vivenciadas e do contato com o “outro”. Os traços culturais de um grupo transformam-se “conforme a situação ecológica e social, adaptando-se às condições naturais e as oportunidades sociais que provêm da interação com outros grupos, sem perder sua identidade própria. (ABA, 1983, p. 37)

A antropologia entende o processo de transformação vivido pelos povos indígenas, já que isto não impede que os mesmo vivam a sua cultura e se identifique como tal povo, embora “[...] muitas vezes são pessoas que, quanto ao seu comportamento e em sua aparência, em nada diferem dos outros brasileiros da região, mas que nem por isso deixaram de ser índios[...]” (MOONEM; MAIA, 1992, p. 13). Nesse sentido, o povo Potiguara mesmo diante de tanto preconceito vive constantemente se autoafirmando perante a sociedade, pois têm orgulho de carregar a memória e os costumes dos seus antepassados, o sábio cacique e ancião da Aldeia Três Rios relata que:

Ser Potiguara é tudo, é se identificar como Potiguara, é não se envergonhar de dizer o que é, é ser lutador em defesa do nosso povo Potiguara, é ser guerreiro, é lutar pelo território e lutar pelo povo, é seguir a tradição de ser coletivo, partilhar alimento e viver da cultura, através da pintura, dos colares, do conhecimento do nosso Povo, é representar a natureza através da pintura e das músicas. (JOSECY, Informação Verbal, abr. 2018).

A definição de ser Potiguara segundo o ancião, vai além do sentido de pertencimento, está ligada a luta, em manter a tradição viva, pois não basta apenas assumir a identidade, aqui está em jogo também, o combate por manter aceso os valores e os costumes de um povo. A influência secular submetida aos Potiguara fez despertar em suas veias o desejo de reviver sua cultura através do ressurgimento, e assim o fizeram, renasceram do sofrimento, da dor e do sangue derramado pelos seus antepassados e até hoje continuam resistindo, reafirmando sua identidade étnica.

Segundo Arruti (1995), durante muito tempo a sociedade acreditava na extinção dos povos indígenas do Nordeste, isto explica a falta de conhecimento da sociedade em relação a

sua existência e a cultura destes povos. Para o autor, “Falar de sua história é falar de um passado distante, que quase abandona o terreno da história para entrar no dos mitos de origem.” (ARRUTI, 1995, p. 57). Embora o autor esteja se remetendo a um período específico, ainda hoje presenciamos a falta de conhecimento por parte da sociedade em relações aos povos indígenas, em especial dos povos do Nordeste. Por este motivo, a quase toda hora precisamos dar uma breve aula de história, explicando o que de fato aconteceu com as populações indígenas. Contando a verdade que os livros didáticos não contam, fazendo o que muitos(as) professores(as) não fazem.

Um aspecto importante do ressurgimento étnico dos Potiguara é o fato de que estão lutando não só por revitalizar a sua cultura, mas por retomar seu lugar na história da Paraíba e do Brasil, pois não podemos falar da história da Paraíba sem falar dos Potiguara. O processo de emergência étnica dos povos indígenas do Nordeste foi importante porque, “Eles assumem significados próprios que recuperam imagens e relações esquecidas, produzem ritos, engendram mitos, elegem heróis, num intenso reencantamento do mundo.” (ARRUTI, 1995, p. 76).

Assim como a constante modificação do significado do termo religião, a espiritualidade tradicional pré-cristã dos Potiguara, também tem se transformado ao longo dos anos, pois sua cultura é dinâmica e passa por um processo de ressignificação no atual contexto social. Isto se deu pelo fato de após o processo de catequização alguns elementos do cristianismo foram inseridos nos costumes tradicionais. Além da espiritualidade indígena, os(as) Potiguara possuem religiões distintas, as que foram impostas pelos invasores, este parâmetro representa uma parte de católicos(as) e outro(a) de protestantes. Isso aconteceu de forma violenta, pela insistência e imposição de introduzir a religião cristã no território Potiguara, que fez com que os(as) Potiguara praticassem um sincretismo religioso, como por exemplo, a utilização da oração cristã, Pai Nosso; músicas com nomes de entidades cristãs, entre outras práticas.

Na perspectiva Potiguara, Tupã¹⁴ passou a ter duas definições: com manifestação máxima na natureza, como era visto antes do processo de catequização; como Criador de todas as coisas, desde o próprio universo, o mundo, o homem e a natureza, manifestada no Deus da religião cristã. Não se faz necessário aqui, aprofundar o debate sobre a religião cristã presente no território Potiguara, por não ser o foco da nossa pesquisa, caso o(a) leitor(a) tenha interesse em se aprofundar nessa discussão, sugerimos a leitura de Barcellos (2014).

¹⁴O Deus da tradição indígena foi ressignificado na cultura indígena, onde depois do processo de catequização dos indígenas pelos jesuítas, passou a ser traduzido por alguns Potiguara como Deus, o criador do universo, não apenas como um elemento da natureza.

A cultura Potiguara é composta por vários elementos que são herdados de uma tradição milenar: o ritual do Toré¹⁵, os adornos, o artesanato, os costumes, mitos e tradições que estão presentes no cotidiano de todos(as) os(as) indígenas, dentre muitos outros aspectos que os(as) Potiguara tem orgulho de dar continuidade nas práticas tradicionais do seu povo. Durante muitos anos, o povo Potiguara sofreu influências de outros povos, mas não perderam suas características e tradições, e ainda hoje cultivam seus costumes e origens, para não perder sua ancestralidade.

Durante muito tempo os povos indígenas do Nordeste foram vistos como resíduos de antigas nações, outrora numerosas, plenas e soberanas. Sua história era tida como o desenrolar de perdas demográficas, econômicas e culturais que os transformavam em remanescentes a ponto de darem o último passo em direção à assimilação completa na nossa sociedade: o abandono inevitável da consciência de uma identidade étnica diferencial em favor da integração como camponeses proletarizados. (PALITOT, 2005, p. 06)

Até hoje, os(as) Potiguara lutam pela conquista de seu espaço na sociedade e isso tem se tornado cada vez mais difícil, porque seus preceitos são interpretados de forma equivocada e disseminada constantemente. Para que as tradições herdadas pelos ancestrais não sejam esquecidas, é necessário lutar cada vez mais pelo fortalecimento das suas raízes, cultivando as características da identidade indígena Potiguara, repassada de geração em geração ao longo do tempo.

Na dimensão étnica do povo Potiguara, possuem diversos contornos que são utilizados para manifestar sua espiritualidade, entre elas, a cura através da fé nas rezadeiras/benzedeiras, pajés, parteiras, o poder das plantas medicinais, entre outros elementos que estão presentes em sua cultura (BARCELLOS, 2014). Possuem também diversos elementos que são representados através de símbolos identitários: o Toré, as músicas, a caça, a pesca, a plantação, a Mãe Terra¹⁶, e tudo que faz parte da natureza. A espiritualidade Potiguara é um dos elementos menos versados por grande parte da sociedade não indígena, já que sua dimensão tradicional é algo muito peculiar de sua cultura. Sua espiritualidade é um elemento primordial que constitui sua cultura e seu processo de ressurgimento, como aponta Barcellos e Nascimento:

A espiritualidade indígena está no ar, na chuva, no vento, na cachoeira, nas furnas e em tudo o que se vê, sente, ouve, concebidos pela natureza ou criado pelo homem. A religiosidade indígena está latente na intimidade com o mundo

¹⁵ Assumia (e ainda assume) um caráter de traço cultural fragmentado [...], uma dança que comprova a permanência do mínimo de tradição necessária ao reconhecimento de resquícios de sua ancestralidade indígena, ela passou a figurar como expressão obrigatória da indianidade (ARRUTI, 1995, p. 82).

¹⁶ Para os Potiguara, é o principal sentido de sua existência, é o seu sustento e alimento espiritual.

‘mágico’ sobrenatural que é repassado de geração em geração pelos anciões Potiguara. (2012, p. 25)

Podemos expressar também como símbolo espiritual dos Potiguara, as pinturas corporais, que além de reproduzir a imagem de elementos da natureza, entre outros significados, também representam proteção espiritual, beleza, maneira de revelar sua criatividade e suas subjetividades. A pintura corporal está relacionada com a espiritualidade dos(as) indígenas Potiguara, as cores utilizadas na pintura são o “[...] vermelho extraído do urucum e o preto do fruto do Jenipapo verde” (BARCELLOS, 2014, p. 301), elas apresentam diversos significados, “[...] sentimentos de dor, afeto, respeito, proteção espiritual entre outras expressões e comportamentos, como também a afirmação da própria identidade” (BARCELLOS, 2014, p. 301), são representações de elementos da natureza, geralmente as mais pintadas no corpo dos(as) Potiguara, são a colmeia (representa a coletividade e união do povo Potiguara através da representação da colmeia de abelha); a folha da Jurema (planta sagrada como símbolo de espiritualidade); guarapirá (pássaro nativo do território Potiguara) e a Jiboia (Cobra utilizada como símbolo de sabedoria, força e defesa do território).

Podemos citar ainda o toré, que é seu ritual sagrado¹⁷, símbolo de representação cultural e da espiritualidade de sua etnia (BARCELLOS; SOLER, 2012). Trata-se de momento solene, onde invocam seu antepassados, seus espíritos de luz e revitalizam as suas energias positivas por meio desta prática herdada pelos ancestrais. No ritual, reafirmam sua alteridade enquanto Potiguara, como afirma Barcellos (2014, p. 49): “[...] os rituais têm grande visibilidades de trocas e de crenças, como os símbolos que continuam nas lembranças vivas da identidade cultural e religiosa dos Potiguara [...]”. Este ritual é um momento sublime de espiritualidade que transcende e envolve a mente, elucidando como e de onde provém sua tradição, contribuindo na perpetuação dos costumes e das crenças repassadas pelos(as) anciões(ãs).

Outras fontes de espiritualidade Potiguara são expressadas através dos mitos, que constitui uma relação de aproximação com os Encantados, sobretudo, por:

Porque contribuem para dar significado a vida [...] trazem memórias das gerações antigas, [...] perpetuam a identidade étnica pois, através do mito o povo primeiramente se vê a si mesmo, relaciona-se com o outro, com a natureza, com a dimensão sagrada[...] (BARCELLOS, 2014, p. 46).

¹⁷Convencionou-se entender a categoria de sagrado com o algo estrita e estreitamente ligado ao ético, a moral e a bondade (OTTO, 2011, p.11).

Conhecendo uma realidade desconhecida que permite ir além de sua imaginação, os mitos que são transmitidos pelos(as) anciãos(ãs) proporcionam uma viagem para outras gerações. Essa transmissão de conhecimento feita através dos mitos relatados pelos(as) anciãos(ãs) permitem ainda uma visão cosmológica, que consente enxergar o sagrado através dos mitos, pode ser explicada também através da fenomenologia¹⁸, que por sua vez, permite vivenciar uma experiência com as diversas dimensões dos fenômenos indígenas. Apreendendo que:

‘Viver’ os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente ‘religiosa’, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A ‘religiosidade’ dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais. Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração. O indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixa de viver no tempo cronológico, passando a viver no Tempo primordial, no Tempo em que o evento teve lugar pela primeira vez. É por isso que se pode falar no ‘tempo forte’ do mito: é o Tempo prodigioso, ‘sagrado’, em que algo de novo, de forte e de significativo se manifestou plenamente. Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais frequentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como em filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar. (ELIADE, 2002, p. 18).

O objeto sagrado é uma faísca de uma manifestação de espiritualidade, que está ligada à transcendência, pois os mitos não se limitam apenas a espiritualidade, ele transcende, o mito existe para sustentar a realidade. Já para Barcellos (2014), a compreensão de mitos é essencial para as diferentes vivências pessoais e em grupo. Assim:

Os mitos são fundamentais porque contribuem para dar o significado da vida, da práxis cotidiana dos povos, delimitam territórios, trazem memórias das gerações antigas, dos conflitos, das guerras, das desgraças e de tudo o que aconteceu nos diferentes períodos históricos. Em suma, solidificam, perpetuam a identidade étnica pois, através do mito, o povo primeiramente se vê a si mesmo, relaciona-se com o outro, com a cultura, com a natureza, com

¹⁸ O termo fenomenologia foi criado por Johann Heinrich Lambert (1728-1777) em 1764. Entretanto, foi o alemão Edmund Husserl (1859-1938) que passou a ser considerado o ‘pai da fenomenologia’. Para o pensador, os fenômenos do mundo deveriam ser pensados pela óptica das percepções mentais de cada indivíduo, daí a importância de se estudar a essência das coisas.

a dimensão sagrada e consegue descobrir o equilíbrio e a plenitude da vida. (BARCELLOS, 2014, p. 28).

Os mitos são responsáveis por trazer memórias passadas que se configuram no presente através de representações simbólicas. “O mito configura sempre representação da consciência coletiva, ditas e reditas em cada geração”. (BOFF, 2004a, p. 58). Entre os(as) Potiguara, viver os mitos, implica em (re)construir no presente a construção da memória e da ancestralidade do seu povo. Entre os(as) Potiguara destacamos o mito do *Pai do mangue*, *Mãe d’água*, (entidades espirituais que habitam as águas), *Cumade Fulôzinha*, (entidade feminina que protege as matas), dentre outros, que existem e perpetuam a cultura Potiguara, originando conceitos concretos acerca de um determinado fato presente na história e tradição (BARCELLOS, 2014).

Tomamos como exemplo para explicar a dimensão de um dos mitos Potiguara, o relato do cacique Josecy da Aldeia Três Rios:

Cumade fulôzinha é parceira, precisamos acreditar que ela inxiste e não brincar com ela, eu acredito que ela existe, ela é minha parceira, eu peço tudo a ela. Nem tudo que cumade fulôzinha faz a gente consegue desfazer. Tem o pai do mangue... Não devemos brincar com os espíritos. Quando eu saia pra ir pro mangue eu sempre pidia pra ele me dar alimento pra trazer pra minha família. A gente não pode deixar de acreditar, porque eles pode nos surpreender. (Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018).

Os mitos que existem entre os Potiguara, perpetuam a cultura indígena, por se tratar de narrativas sagradas que fazem parte da cultura oral de seu povo. Não podemos separar rito de espiritualidade, pois é através dos ritos que os(as) Potiguara expressam sua espiritualidade étnica. “Através dos ritos, exterioriza-se e se manifesta publicamente a espiritualidade, expressa-se a fé na divindade. Nas crenças, nos ritos, nos mitos, na celebração da presença de Deus, está presente a espiritualidade [...]” (BARCELLOS, 2014, p. 47). Também não se pode separar os ritos dos mitos, “[...] uma vez que o ritual é a própria reatualização da dimensão sagrada, é o cumprimento do modelo contido na mitologia.” (BARCELLOS, 2014, p. 47).

Percebemos que o rito/mito/espiritualidade Potiguara estão interligados, pois é através dos rituais e/ou dos mitos que a espiritualidade se manifesta na vida cotidiana de cada um(a), transformando suas práticas e vivendo uma experiência sagrada. Porém “[...] Os ritos podem ser ressignificados ao longo dos tempos, de acordo as necessidades, questões internas ou visões diferentes do mesmo aspecto dentro dos grupos sociais e étnicos.” (SILVA, 2011, p. 29). Vilhena (2005, p. 21) contribui com está afirmação enfatizando que:

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à a junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo.

A autora considera que muitos costumes e práticas, por mais simples que pareçam podem ser considerados ritos importantes, pois os ritos, muitas vezes, são praticados de forma involuntária, até mesmo o mais simples ato humano, de acordo com a forma que é executado, por sua simplicidade e energia, pode propor ao indivíduo uma alteração de significado. Para a autora, o rito é:

Uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão dos seres humanos em suas culturas. Ele pode revelar profundas semelhanças entre os grupos humanos capazes de perpassar temporalidades, localizações, formações culturais. Quando e onde quer que nos deparemos com um grupo humano organizado em sociedade, ali encontraremos práticas rituais (VILHENA, 2005, p. 13).

Vilhena (2005) entende que onde existe um grupo humano organizado, há a presença de ritos. Entre os Potiguara é possível observar que a presença destes ritos está ligados à natureza e seus espaços sagrados, pois assim como a natureza, todos os elementos dela extraídos são sagrados. Para Eliade (2002), um objeto sagrado vai ser visto de acordo com a crença de cada um, onde será dado valor e representatividade diferente; ele traz o sagrado coletivo e individual, por isso o rito de ir para a mata, ou ir à beira de um rio, pode representar para cada um, enquanto indígena e membro da natureza, um momento ímpar, pois cada experiência tem um significado e um sentido simbólico. “Viver um símbolo é decifrar uma mensagem corretamente e implica uma abertura para o espírito e um acesso ao universal [...]”. (GOMES, 2013, p. 11), com sua forma mística de enxergar a natureza. Completando o sentido homem e natureza, Vilhena (2005, p. 18) enfatiza que:

Quando olhamos somente para dentro de nós mesmos, corremos o risco de encapsularmo-nos, de fecharmo-nos nos diante dos outros e deixarmos de valorizar as inúmeras riquezas que caracterizam a diversidade humana. Se olharmos somente para fora, podemos perder o contato conosco mesmos, perder nossas referências e as lembranças das experiências significativas que contribuíram para a formação de nossas identidades. Por isso somos portadores e precisamos cultivar com cuidado nossas duas almas, nossos dois olhares, a fim de melhor situarmo-nos diante de nós mesmos e diante do mundo, mesmo sabendo que a alma humana não se contenta apenas em mirar aquilo que vê, mas que, vendo, tudo pode transformar pelos significados que atribui ao objeto de seu olhar.

É concebível que os ritos Potiguara possuem uma dimensão espiritual que é traduzida através de uma linguagem anatomista e oral e reproduzida pela imaginação simbólica. “Quando o significado não é mais absolutamente apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido, não a um objeto sensível” (DURAND, 1988, p. 14). Ficando evidente que os ritos Potiguara ultrapassam a dimensão concreta do “objeto” em sua totalidade. Como destacado por Eliade (1979, p. 172, grifo do autor), ao afirmar que “[...] o pensamento simbólico faz explodir a realidade imediata, mas sem a diminuir nem a desvalorizar [...]”.

É possível praticar os ritos indígenas, através do ritual do Toré, das músicas, do cuidado com a Mãe Terra, a forma de entrar nas matas e em outros ambientes sagrados, abraçar e conversar com uma árvore, e outras centenas de opções. A vida na aldeia é repleta de ritos e expressões étnicas formando uma mística espiritualista, de toda história de luta sofrimento e conquista do povo Potiguara. Para um melhor entendimento sobre as práticas de manifestação étnica entre os(as) Potiguara, destacamos um relato importante da cacica Cal Potiguara,

A espiritualidade Potiguara é tudo aquilo que praticamos para nos fortalecer, com as nossas rezas, nossas ervas e principalmente através da natureza. A gente sempre se reúne na boca da mata, na beira do rio, sentindo apenas o som da natureza.” (Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018).

Em sua fala, a cacica Cal destaca a importância de praticar constantemente os ritos em suas aldeias. Pois a natureza proporciona grandes transformações na vida dos(as) Potiguara, para que cada um possa se encontrar consigo mesmo(a), olhar para dentro de si e para o espaço que convive, poder entender o que falta para harmonizar sua vida, sua relação com a natureza e com as outras pessoas, e assim, criar uma aliança consigo mesmo(a), cuidando de si para cuidar do(a) outro(a). nesse entendimento, pode ser visto que os(as) Potiguara possuem uma intimidade familiar com a natureza, pois ela é parte essencial de sua vida, simboliza um universo de energia cósmica de grande importância na sua vida, sobretudo, por ser um lugar privilegiado, onde podem viver diariamente em contato com as matas, águas, entre outros elementos da natureza. Trata-se de um ambiente extraordinário para vivenciar uma experiência sublime de intimidade, num contato direto com a Mãe Terra, possibilitando momentos incríveis de espiritualidade. Cada indígena tem um jeito diferente de perceber a gratuidade desse *locus* sagrado.

Além das contribuições dos(as) autores(as) utilizados(as) neste capítulo, temos ainda uma importante contribuição dos(as) anciãos(ãs) pesquisados(as), onde trouxeram em suas

falas, experiência de vida para aprofundar ainda mais nosso entendimento sobre sua alteridade e espiritualidade.

É preciso confiar na natureza, até um copo d'água pode li curar, basta acreditar e ter fé que será curado, através das pranta que eu uso, porque o que mim cura é as pranta medicinais [...], meus remédio é do mato. Tava sentindo muita dor, aí eu fui na farmácia, mai num foi na farmácia da cidade não, foi na farmácia do mato. Eu tenho garrafada pra muito tipo de coisa. Num devemos abandonar as pranta medicinais, porque ela é a nossa própria cultura (CACIQUE JOSECY, Informação Verbal, aldeia Três Rios, abr. 2018).

O cacique destaca em sua fala a importância da natureza e das plantas medicinais para a perpetuação da cultura e da espiritualidade Potiguara. Outro relato que dialoga com os conceitos dos(as) autores(as) e traz seu próprio julgamento sobre a espiritualidade Potiguara:

A nossa espiritualidade é tão forte que quando buscamos, o medo se transforma em energia e corage, ela nos fortalece. Cada um tem um jeito de viver a sua espiritualidade, mas ela vem principalmente através dos nossos guerreiros que se foram. A gente já nasce com a espiritualidade, mas tentamos viver com mais intensidade quando nos conectamos com os nossos antepassados (CAPITÃO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Entendemos assim, de acordo com a fala de Capitão Potiguara, que a espiritualidade do povo Potiguara se manifesta com maior intensidade através do contato com seus antepassados, onde buscam força e proteção para enfrentar as lutas diárias. Por assim dizer, lendo nas entrelinhas das falas dos(a) anciões(ã), foi perceptível que os mistérios da natureza se manifestam através dos ritos da pesca, caça, plantação e de outras práticas que fazem parte do cotidiano dos(as) Potiguara em seu território, fortalecendo os mitos presentes na tradição Potiguara e mantendo sua cultura oral viva.

Os(as) Potiguara, cultivam práticas que rememoram seus(as) antepassados(as). Reconhecem a importância da mãe terra para a sua existência, respeita os ambientes sagrados e as entidades espirituais que habitam cada espaço da natureza, utiliza os ensinamentos dos(as) mais velhos(as) para pescar, caçar, plantar, colher e fazer outras atividades do dia a dia. Aprende com os troncos velhos que cada entidade cuida de um espaço sagrado da natureza e que é preciso observar a fase da lua mais adequada para realizar cada atividade.

Outra forma de expressar a espiritualidade entre o povo Potiguara é a coletividade, que mesmo diante dos aspectos individualistas da sociedade pós-moderna, eles continuam compartilhando saberes, práticas e experiências de vida que lhes foram ensinados em gerações passadas. Lutam pelos mesmos ideias, pela defesa de seu território e de direitos que são comuns

a todos(as). São ritos individuais e coletivos que os(as) Potiguara praticam no dia a dia que mostra a coletividade e união entre seu povo, no plantio, na colheita, na pesca, na construção de uma casa ou em outras práticas cotidianas, sempre se ajudam, fazendo mutirão¹⁹. Quando se trata de colheita e pesca, com ou sem mutirão, os alimentos sempre são compartilhados entre os(as) parentes.

Desta forma compreendemos que a espiritualidade Potiguara está no sentimento do ser Potiguara que existe dentro de cada um, que carrega consigo o significado e o pertencimento destes ensinamentos e valores culturais que são repassados ao longo dos séculos. Estes símbolos presentes na espiritualidade Potiguara, emana da cultura viva do seu povo que mesmo diante de sua história de luta e resistência nunca foram esquecidas, porque independente do tempo, quando a cultura é praticada de geração em geração, ela permanece viva.

3.2 ALTERIDADE E ESPIRITUALIDADE DOS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) INDÍGENAS POTIGUARA DO CCAE

No início desse nosso capítulo ressaltamos alguns aspectos da identidade étnica do povo Potiguara da Paraíba, a exemplo da relação dos mitos e dos ritos como manifestação de sua espiritualidade. Assim, optamos por destacar aqui apenas alguns dos aspectos peculiares dos(as) universitários(as) Potiguara identificados através das entrevistas, a quem destinamos maior destaque, por se tratar do foco central do nosso trabalho investigativo. Resolvemos assim, listar os aspectos que consideramos mais importantes identificados durante a pesquisa, os quais são percorridos a partir de agora.

Rememoramos que os aspectos aqui apresentados serviram para responder os objetivos de nossa pesquisa. Pois identificamos estes aspectos como fatores constitutivos que contribui para a edificação de sua identidade étnica, sendo a sua espiritualidade a chave formadora de sua alteridade. Compreendendo que tal condição se constrói a partir dos aspectos peculiares dos indivíduos, assumindo sua identidade própria, ou seja, o que há de *sui generis* em cada ser. Embora ocupem os mesmos espaços e grupos sociais, cada indivíduo possui sua própria especificidade, o que os diferem dos demais. Nas relações entre os indivíduos, a alteridade é assumir diante do(a) outro(a) o que é diferente no ‘eu’, - é o ‘eu’ que se revela diferente perante

¹⁹ Prática muito comum entre os(as) Potiguara, onde se reúnem em grupo para ajudar a realizar atividade de algum(a) parente, nestes mutirões as atividades são voluntárias e sempre termina em festa, comes e bebes.

o outro -, mesmo que aparentemente semelhantes, possuem marcas que os(as) diferem. Nas diversas relações sociais, a alteridade é construída a partir da:

[...] ênfase na mistura, que por estar na origem dos grupos sociais, é acionada na descrição da produção das relações, na interpretação do “tempos nativos” e na demarcação de certa linha de continuidade (temporal) entre gerações e pessoas; nesse caso, explicita-se a proeminência da alteridade na socialidade enquanto polo de definição de suas identidades (VIEIRA, 2010, p. 20).

Entre os(as) universitários(as) Potiguara, observamos o sentido de alteridade em suas relações interpessoais em duas instâncias, uma entre estes(as) e os(as) outros(as) universitários(as) não indígenas, que mesmo apresentando aspectos semelhantes, como: nacionalidade; região; naturalidade etc., fazem parte de grupos sociais diferentes, contendo características distintas. A outra é observada entre os(as) próprios(as) universitários(as) Potiguara, mesmo fazendo parte do mesmo grupo étnico, possuem particularidades que se destacam entre os próprios parentes. Este sentido se completa “[...] na maneira como os Potiguara se situam performativamente nas relações de identidade (entre si) e alteridade (entre outros)” (VIEIRA, 2010, p. 21, grifo do autor).

Podemos observar que entre os(as) entrevistados(as), embora todos(as) assumindo a sua etnicidade, alguns relatos se destacaram entre os demais, ainda que sobre o mesmo questionamento.

Sobre a influência da universidade na luta Potiguara:

1º relato - “Por causa da universidade, não tenho tempo de participar do movimento dentro da aldeia.” (M’BOYA ATÃ, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018);

2º relato - “Não deixo de participar do movimento por causa da universidade, ela não pode ser obstáculo pra limitar sobre a causa do meu povo.” (GESSÉ POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

No primeiro relato temos a visão de um comprometimento e disciplina com a universidade, pois mesmo que haja o interesse em participar da luta Potiguara com mais frequência, a universidade limita esta possibilidade, pois de acordo com Leandro Potiguara, “a universidade, ela ajuda em conhecimento científico, mas ela precisa valorizar mais a nossa cultura, pois precisamos sair para as lutas e os rituais e muitos(as) professores(as) não entendem isso.” (Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018). Já no segundo relato, percebemos que por mais que se faça necessários a disciplina com a universidade, o compromisso com a luta Potiguara é prioridade, mesmo entendida a necessidade de adquirir o conhecimento

científico vindo da universidade, ela não pode ser capaz de limitar a luta do seu povo. Logo é possível perceber que apesar da semelhança entre a identidade dos entrevistados(as), há algo que os diferem. “Desse modo, a dimensão singular é inexoravelmente constituída e constituidora do social, o que pode ser tematizado como alteridade, como a dimensão de um outro ou das relações com outros. (ZANELLA, 2005, p. 99).

Acompanhando o raciocínio da autora sobre o aspecto da alteridade, entenderemos seu posicionamento a partir de que:

A temática [...], sempre esteve presente nas reflexões da antropologia. Para essa ciência, a alteridade se constitui, desde a sua emergência, em desafio a ser explicado, posto que a antropologia se estrutura sobre a temática cultura. Nesse sentido, tem prestado relevantes contribuições na medida em que suas investigações tratam de mostrar o outro como diferença, desvendando suas características e especificidades (ZANELLA, 2005, p. 100).

Comungando o posicionamento da autora para o ‘berço’ de nossa investigação, compreendemos o mesmo sentido de alteridade que se aplica entre o universo de nossos(as) entrevistados(as), por acreditar nas diferenças dialógicas que emana de cada um(a).

3.3 ESPIRITUALIDADE ENTRE OS (AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA

O povo Potiguara tem sua matriz religiosa, a qual optamos por nomear como ‘espiritualidade’ como explicado em nossa introdução, mas vem ao longo do tempo passando por processo de mudança, desde o período da colonização, como podemos identificar na literatura escrita sobre os(as) Potiguara, nosso recorte é a partir de (MOONEM; MAIA, 1992); Palitot (2005); Barcellos (2014); Mendonça (2014); Silva (2011); Paiva (2013).

Mesmo não sendo o nosso objetivo especificar sobre a religiosidade cristã no território Potiguara entre os(as) universitários(as), a maioria dos(as) entrevistados(as) relataram que não vivem a espiritualidade Potiguara com mais intensidade por conta da religião cristã, que foi imposta ao seu povo. Sendo assim, nas entrevistas com os(as) universitários(as), foi possível identificar em relação a espiritualidade, quatro tipos de jovens universitários(as) Potiguara, que foram listados através do quadro a seguir:

Quadro 5 – Tipos de jovens universitários(as) Potiguara.

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Cristão Católico	Praticante do catolicismo e da espiritualidade Potiguara
Ex- Cristão Católico	Praticante só da espiritualidade Potiguara
Cristão Protestante	Praticante do protestantismo e da espiritualidade Potiguara
Sem religião	Praticante da espiritualidade Potiguara

Fonte: Dados da pesquisa (FELIX, 2018)

No Quadro 5, a tentativa foi a de explicar o aspecto da espiritualidade de cada pesquisado(a), nos quais temos grupos específicos, em que cada parte/parcela de entrevistados(as) se encaixam, cada tipo com sua especificidade. Um aspecto importante a ser observado é que cada tipo de jovem universitário(a) identificado(a), mesmo assumindo uma religião cristã e até os(as) que não tem religião, todos(as) praticam a espiritualidade Potiguara, ainda que de formas diferentes.

Relato de uma universitária do tipo (Cristão Protestante - praticante do protestantismo e da espiritualidade Potiguara), vive a espiritualidade Potiguara, mas diz não acreditar, porque segundo a igreja que frequenta, algumas práticas Potiguara vão contra os ensinamentos da bíblia.

Então [...] a questão cultural é recente, eu nasci numa família evangélica, eu sempre me identifiquei enquanto indígena. A minha mãe me dizia pra eu me identificar, mas não tinha vínculo com a cultura. Hoje a minha visão cultural é outra [...] O Toré pra mim [...] eu não me apodero da questão espiritual, na bíblia não tem escrito essas coisas, mas mim apodero da força coletiva, quando estamos juntos. Porque sobre a espiritualidade eu ainda tenho um certo distanciamento, consigo entender algumas coisas e outras ainda são paradigmas. O papel da espiritualidade é a apropriação da força em qualquer esfera, por isso que eu resolvi fazer a entrevista mim pintando, porque eu mim sinto confiante. (*M'BOYA ATÃ*, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018).

Temos um relato bastante conflitante, em seu discurso a universitária, diz não acreditar em algumas práticas espirituais da cultura Potiguara, porque segundo ela não estão escritas na bíblia, mas ao mesmo tempo, assume que vive a espiritualidade Potiguara, e ainda destacou a importância de viver estas práticas, como por exemplo o fato de se pintar que a faz sentir-se confiante, outro exemplo é o fato dela ter assumido para a sua vida o nome indígena *M'boya Atã*, (nome em Tupi que significa cobra de força).

Este fato de viver a espiritualidade Potiguara e não acreditar por conta do cristianismo acontece também com alguns(as) dos(as) entrevistados(as) que se definem como católicos, “[...] a religião institucionalizada mais antiga entre os Potiguara[...]

 (PALITOT, 2005, p. 10), pois relataram que os ensinamentos da igreja faz acreditar que a espiritualidade Potiguara é errada, por não ser de Deus, desta forma a religião impõe o medo de viver a espiritualidade Potiguara. Barcellos (2005, p. 251). destaca que “essa é uma postura bastante preocupante, pois cada vez mais, fortalece a soberania do Deus do não-índio e a história oficial do cristianismo dominante”

Esta afirmação aponta para a probabilidade dos(as) universitários(as), assumindo a religião cristã, passem a acreditar que a única ‘verdade’ é a bíblia. Mesmo diante de experiências da espiritualidade Potiguara, não assumem como verdade por ir além do que está escrito na bíblia, segundo algumas concepções, porque muitas destas práticas são ‘condenadas’ pela bíblia. Por isso muitos(as) enfrentam conflitos internos (consigo mesmo(as)) entre a religião cristã e sua espiritualidade Potiguara, embora bebendo da espiritualidade Potiguara, se questionam algumas vezes se estão agindo certo ou errado.

O tipo ex-católico e os(as) que não têm religião, se encaixam no mesmo perfil, por acreditar que a religião é muito limitadora e tenta colonizar os Potiguara. Acerca disso, pode ser ilustrado com o relato de um universitário do tipo (ex-cristão católico - praticante só da espiritualidade Potiguara), “[...] minha família seguiu o catolicismo, durante muito tempo eu segui, mas quando eu comecei a participar dos rituais Potiguara, eu mudei os meus conceitos [...] é através da nossa espiritualidade que buscamos força proteção e corage para continuar na luta.” (LEANDRO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018). Destacamos este relato de Leandro Potiguara porque mesmo ele tendo assumido a religião católica por um longo tempo em sua vida, ao assumir a espiritualidade Potiguara, mudou sua forma de enxergar a cultura, destacando a espiritualidade como elemento essencial para continuar na luta pelo seu povo.

Acreditamos que a espiritualidade está no íntimo de cada ser, entre os Potiguara a espiritualidade é um elemento primordial que constitui sua cultura e seu processo de resistência na luta pela terra e pelo seu direito de existir. A espiritualidade Potiguara é uma teia de grande riqueza milenar. Vale destacar:

[...]a espiritualidade Potiguara também se manifesta na maneira de enxergar o universo e sua existência, presente em diversas entidades e espíritos que se comunicam em sonhos, em sentimentos, em ações, levando o indígena a enxergar com os olhos da alma o mundo do imaginário, na certeza de que ele não está sozinho e nem caminha sozinho e que em qualquer parte do cosmo, fenômenos como este podem ocorrer. (MENDONÇA, 2014, p. 93).

Ainda segundo a sua definição, no que se refere a espiritualidade, ela ressalta que “[...]não tem definição, uma vez que se manifesta nos seres humanos nas mais variadas formas. É um dom que se estende a todos gratuitamente. Nela se manifesta a sabedoria existencial[...]” (MENDONÇA2014, p. 87). Nesse contexto, tratando da espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, observamos que a maioria já tiveram alguma experiência com os mitos Potiguara, os mais relatados foram o mito da Cumade Fulôzinha e o mito do Pai do Mangue. Sobre estes mitos ler Barcellos (2005); Palitot (2005); Vieira (2010); Silva (2011); Paiva (2013) e Mendonça (2014).

Optamos por destacar apenas um dos relatos por não se tratar do foco da nossa pesquisa, já que o mais importante foi identificar que entre os(as) universitários(as) a maioria vive esta experiência.

Eu fui pegar caranguejo com mais quatro pessoas, três amigos e uma mulher, ela levou o fumo pra o Pai do Mangue, mas deixou na beira da maré e não levou pra ele, na hora de sair pra vim embora, a gente se perdeu, ficou andando em círculos, depois lembramos que tinha esquecido de levar o fumo dele (GESSÉ POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Sobre este relato e as experiências com os mitos, Albernaz (2009, p. 166, grifo do autor) destaca que:

A mata é o *lôcus* de peças-chaves da cosmologia indígena, pois nela transitam os donos dos bichos, das águas e da própria mata, que são os que cuidam dos seres que pertencem e habitam estes domínios. Estes seres controlam a caça, a pesca e a coleta praticadas pelos humanos através de ‘castigos’ dados aos que extrapolam o que é considerado necessário, ‘abusando’ ou ‘desperdiçando’ caça, a pesca e a coleta.

Outro destaque necessário são as práticas individuais de cada universitário(a) que constitui sua alteridade entre os(as) outro(as) universitário(as) Potiguara. Onde identificamos que a espiritualidade Potiguara é vivenciada de várias maneiras pelos(as) universitários(as), embora todos(as) tenham momentos de espiritualidade em grupo, nos rituais do Toré e em outras práticas coletivas. Todos(as) têm momentos de espiritualidade (individual), em casa, no rio, em baixo de uma árvore, se pintando, cantando, formando assim um aspecto de sua alteridade através destes ritos. Vilhena (2005, p. 22) destaca que “[...] conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados [...]”.

Sobre a espiritualidade Potiguara praticada de forma individual pelos(as) universitário(as), foram relatadas: “[...] eu pratico a minha espiritualidade Potiguara, no contato

com a natureza, principalmente com o mar.” (*M’BOYA ATÃ*, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018). Outro depoimento é de que “[...] eu pratico a minha espiritualidade em casa, no rio e na maré” (*ÍAGÛARA NARÕ*, Informação Verbal, Aldeia Tramataia, abr. 2018). Já para Bambu (informação verbal, Aldeia jacaré de Cesar, abr. 2018):

Minha espiritualidade, mim sinto bem na mata, numa trilha, onde tenha mato, a lua as estrelas é viver e contemplar a natureza, sentir uma ligação com a natureza é sentir e perceber a natureza, é ouvir o canto dos pássaros se sentir bem [...] é perceber a natureza porque me sinto parte dela.

“Eu gosto de cantar as músicas do ritual em casa, quando eu assovio dentro de casa, *Yaciara* (sua filha pequena) já entende, procura logo o maracá e a gente começa a cantar as músicas do ritual do Toré, é bom porque ela já vai aprendendo.” (*GESSÉ POTIGUARA*, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018). A partir desses relatos, pudemos observar que apesar da presença de alguns elementos semelhantes que se repetem em algumas práticas espirituais, como no contato com a natureza, entendemos que cada um(a) deve possuir formas diferentes para despertar a sua manifestação étnica, percebemos também que há especificidades em relação a outros aspectos, como nos dois últimos relatos por exemplo, onde a espiritualidade é manifestada através de ouvir o som dos pássaros e de cantar as músicas do ritual dentro de casa.

O que é corroborado pelo pensamento de Boff (2001, p. 13), que aponta para o fato de que, “[...] os portadores permanentes da espiritualidade são as pessoas consideradas comuns, que vivem a retidão da vida, o sentido da solidariedade, e cultivam o espaço sagrado do Espírito, seja em suas religiões e igrejas, seja no modo como pensam, agem e interpretam a vida.” Sobre essa prática de viver a espiritualidade Potiguara, destacamos como contribuição para uma melhor compreensão deste fenômeno:

A espiritualidade na etnia indígena também está ligada à terra e às suas tradições. A terra tem um sentido muito especial, vai além do sentido de possuir, de ter e sim, de pertencer a uma ancestralidade, de envolver-se, de relacionar-se, de diálogo entre o ser humano e este útero fértil, chamada Mãe Terra (*FARIAS et al*, 2015, p. 215)

Para contemplar a dimensão da espiritualidade, Mendonça (2014, p. 90, grifo da autora) destaca que:

A espiritualidade pode ser compreendida assim, como o néctar da sabedoria e da vida interiores, produzindo como essência os discernimentos, as descobertas, as buscas perenes e os encontros contínuos, a transformação, unidos sempre à revitalização do ser e ao encanto pelo *mistério*.

Entre a espiritualidade dos(as) universitários(as), constatamos que mesmo com a presença das religiões cristãs no território Potiguara, existe uma busca cada vez maior por parte destes(as) jovens em viver as práticas culturais de seu povo.

3.4 ASSUMINDO A IDENTIDADE E A ESPIRITUALIDADE POTIGUARA DENTRO DA UNIVERSIDADE

Este fato sociológico que engloba universidade/aldeia na construção da alteridade e da espiritualidade de cada universitário(a) indígena está ligado à forma de ser de cada um, e por isso, associado ao modo de vida de cada indígena em sua aldeia, refletindo no comportamento dentro da universidade.

Um aspecto importante observado entre os(as) universitário(as), foi o fato de alguns(as) entrevistados(as) afirmarem que passaram a se identificar como Potiguara só depois de entrar na universidade. Para um melhor entendimento sobre esta construção, Moreira e Macedo (2002, p. 18), vão dizer que:

[...] é apenas por meio da relação com o outro que nossa identidade se produz. Ao compartilhá-la com outros, estabelecemos também o que nos é próprio, o que nos distingue dos demais. A marca da diferença, portanto, está presente no processo de construção identitária: a identidade elabora-se sempre em oposição ao que não se é, constrói-se, sempre por meio da diferença, não fora dela.

Dessa forma, entendemos que isto acontece pelo fato de não existir a necessidade dos(as) universitário(as) (re)afirmarem a sua identidade étnica em suas aldeias para seu próprio povo. Já que “A identidade étnica surge como oposição aos indivíduos de fora do grupo, pois a questão da diferença surge a partir do contato com o outro diferente, isto porque em relação ao grupo a que se pertence o indivíduo constrói uma relação de igualdade, de consenso” (ARAÚJO, 2015, p. 36).

Entendemos que ao entrar na universidade e se deparar com um novo ambiente, os(as) universitários(as), sentem a necessidade de dizer quem são e de onde vêm, porque agora são diferentes em relação aos(as) outros(as) que ocupam o mesmo espaço acadêmico. Pois Segundo Brandão (1986 *apud*, ARAÚJO, 2015, p. 35) “[...] a identidade explica a consciência de um eu, de uma realidade individual diante de outros, de uma exclusividade, consciência de ser único.

As identidades seriam representações marcadas pelo confronto com o diferente, ou melhor, o ‘outro’. Hall (2004, p. 11) completa esta afirmação ao defender que:

[...] A identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade [...] preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Concordamos com esta definição de identidade, porque entendemos que assumir a identidade Potiguara no espaço acadêmico é condição *sine qua non* para permanecer dentro da universidade e resistir aos preconceitos. Embora sabendo que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos[...]” (HALL, 2004, p. 13), o(a) universitário(a) Potiguara é um ser ontológico, que assumindo a sua alteridade e pertencimento étnico, independente do ambiente que transite, jamais perderá sua identidade primeira.

Nesse sentido, Barth defende que “[...] as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos”. (1998, p. 188). Sobre o aspecto de pertencimento étnico é percebido por Palitot (2005, p. 32), como “[...] a percepção da etnicidade como uma forma de organização social que se processa através do contato entre grupos sociais em interação permanente.”, pois de acordo com seu posicionamento, “[...] não há a mínima possibilidade de pensarmos o universo social Potiguara como isolado ou com pouca comunicação com o ‘mundo’ exterior.” (PALITOT, 2005, p. 16, grifo do autor).

Neste sentido Paiva (2013, p. 39) afirma que:

A identidade é marcada pela diferença, que sustenta a exclusão. Nas relações sócias, estabelecem-se formas de diferenças, (a simbólica e a social) por meio de sistemas classificatórios, que aplicam um princípio de diferenças determinada população, possibilitando uma divisão, como por exemplo: indígenas e não indígenas.

Aqui nos remetemos ao importante papel da interação entre o povo Potiguara e os não indígenas, destacando assim o transitar dos(as) Potiguara(as) no universo acadêmico, que contribui para a conquista de novos espaços sociais, pois “[...] o anseio por identidade vem do próprio desejo de segurança.” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Os(as) universitário(as) Potiguara e seu povo em geral, lutam contra o preconceito diariamente porque “[...] Não se pode pensar que existe um modo de ser índio, e sim, ser Potiguara[...].” (MACÊDO, 2009, p. 39), ou seja cada povo tem a sua especificidade e vivem em constantes modificações, por isto “[...] a necessidade de uma aprendizagem contínua, voltada para as transformações sociais dos grupos étnicos indígenas.” (MACÊDO, 2009, p. 39).

Macêdo (2009), traz em seu trabalho de dissertação: O índio como o outro. O desafio de construir uma identidade positiva a partir dos livros didáticos, a possibilidade de entender como os livros didáticos são falhos ao relatar a sociabilidade dos povos indígenas na atualidade, por este motivo a sociedade continua por desconhecer seus costumes e formas de vida.

Barcellos (2014, p. 34) contribui para esta afirmação, completando que:

Nas escolas, ainda se estuda que índio existiu no passado, bem distante de nós, até pintam as crianças para lembrar o ‘dia do índio’, numa maneira de folclorizar, transformar em brincadeira a existência do índio. Essa ideologia permeia não só o imaginário das crianças, isso também acontece, entre os adultos, mesmo entre pessoas com instrução superior. [...]. Quando o assunto é índio, o desconhecimento é total, parece que índio não é um ser humano, mas obra de ficção, coisa para ser vista nos cinemas ou na televisão.

O ato de folclorizar e estereotipar como Barcellos destaca, não está apenas no imaginário das crianças, os(as) próprios(as) professores(as) reproduzem esta imagem através dos livros didáticos e de sua falta de conhecimento sobre os povos indígenas. Também a própria a sociedade tem um pensamento ultrapassado e equivocado em relação aos povos indígenas, principalmente em relação aos povos do Nordeste, pois acreditam que ser indígena é viver isolado na mata e não ter contato nenhum com a sociedade.

Esta falta de conhecimento das pessoas de não conhecer a própria história, não saber porque muitos indígenas têm cabelos cacheados e a grande maioria, não têm os olhos puxados, porque hoje possuem celulares e estão na universidade, é justamente não conhecer o processo histórico do Brasil, é também não entender que as culturas são dinâmicas, e que vivem em constante movimento e em processo de mudanças. Pois “[...] nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento” (LARAIA, 2001, p. 15).

Na universidade não é diferente, pois de acordo com o relato dos(as) universitários(as), a maioria dos(as) professores(as) e discentes também reproduz um discurso folclorizado e estereotipado em relação aos universitários(as) Potiguara. Embora Sousa (2017) aponte em sua pesquisa a universidade como um ambiente para a formação pessoal e cultural, o que ela chama

de ‘integralização de saberes’, nossos resultados através dos(as) entrevista(as), divergem em alguns pontos, pois a partir dos relatos foi possível observar que o que se adquire na universidade na maioria das vezes é o conhecimento científico e uma formação mercadológica. Porque segundo eles(as) a própria universidade não valoriza a cultura Potiguara, ela não bebe dos saberes de quem está chegando, apenas quem chega deve beber e se ‘embriagar’ com o conhecimento que ela oferece.

Outro aspecto da pesquisa de Sousa(2017) a ser recordado em nosso trabalho é o fato dela ressaltar que a universidade pode ser um fio condutor para a formação da identidade étnica dos(as) estudantes Potiguara, porque segundo ela só passam a afirmar a sua identidade depois de entrar na universidade e que até certo ponto ela pode ser o elo de conhecimento da própria cultura Potiguara. Embora o seu trabalho tenha apontado nesta direção, o nosso traz alguns apontamentos que também merecem destaque neste sentido. Pois além do sentido de identidade que delineamos até aqui, mostrando que o sentido de identidade só pode ser construído a partir da relação com o outro. Os(as) próprios(as) universitários(as), principais a gentes de nossa pesquisa, relataram que a universidade não fortalece a identidade Potiguara, isso acontece através de movimentos de resistência que existe dentro da universidade, formado por estudantes Potiguara, a exemplo do PET e da AUP, que lutam contra a forma estereotipada do indígena Potiguara dentro do universo acadêmico, pois além da falta de conhecimento por parte da universidade, os(as) discente Potiguara, sofrem diversos tipos de preconceitos.

Pudemos constatar através dos relatos dos(as) universitários(as), que “A universidade vê o índio como algo que tivesse que viver só em oca e na mata, pintado e com cocar [...] tu é índio? Tem que andar pintado ou pelado.” (LEANDRO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018). Leandro destaca ainda que “[...] eles não conhece a nossa realidade nem a nossa espiritualidade, é a gente quem leva ela pra dentro da universidade.” (Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018). Temos ainda a seguinte confirmação “A universidade não valoriza a cultura indígena, muito menos a espiritualidade” (ÍAGÛARA NARÕ, Informação Verbal, Aldeia Tramataia, abr. 2018).

De acordo com os relatos dos(as) universitários(as) Potiguara, a universidade continua a pensar o povo Potiguara como seres incapazes de desenvolver atividades que vão além da caça, pesca e plantio, pois têm uma visão distorcida, por isso os questionamentos sobre o ingresso do povo Potiguara no ensino superior.

Assim como não contribui para a identidade, a universidade também não contribui para a espiritualidade, ela pode afastar de tudo isso, se você se deixar se engessar por ela, a universidade não ajuda, você só consegue manter a espiritualidade que tem se você buscar manter. (BAMBU, Informação Verbal, Aldeia Jacaré de Cesar, abr. 2018).

Percebemos através dos relatos o quanto é difícil permanecer dentro de um espaço enfrentando preconceitos diversos, pois segundo os(as) entrevistados(as), não é fácil ser indígena nos dias atuais, devido ao estereótipo que remete os(as) indígena como eram no passado e o modo como é visto hoje, por isso se identificar como Potiguara dentro da universidade, é lutar por respeito, defendendo a sua cultura resistindo ao preconceito. Uma de suas ferramentas de luta são as atividades culturais que eles(as) desenvolvem dentro da universidade.

Através das entrevistas, percebemos que a maioria dos(as) universitários(as) Potiguara participaram/participam de atividades culturais dentro do *Campus IV* da UFBP. “Já participei de ritual em Rio Tinto e em Mamanguape, é muito importante porque a partir desses momentos só temos a nos fortalecer e mostrar a nossa cultura, porque um povo sem cultura é um povo sem história.” (LEANDRO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018).

A jovem universitária, *Îagûara Narô*, também participou de atividades culturais dentro do *Campus IV* “[...] participei de momentos com o grupo PET para renovar a nossa espiritualidade, além de vários rituais em eventos dentro da universidade.” (Informação Verbal, Aldeia Tramataia, abr. 2018).

Outro aspecto da cultura Potiguara presente no universo acadêmico, são as pinturas corporais nos(as) universitários(as), que também representa um forte aspecto de resistência. “Adoro se pintar, quando eu me pinto me sinto viva, me sinto especial. Quando eu vou pra universidade pintada, eu reafirmo a minha identidade e ressalto que faço parte de uma luta maior e que a minha luta veio antes da universidade” (*M’BOYA ATÃ*, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018).

Entre as diversas práticas culturais e espirituais dos(as) universitários(as) presentes no ambiente acadêmico do *Campus IV* da UFPB, realizados pelo(as) membros do PET e da AUP, destacamos aqui dois momentos através de imagens.

Imagem 1 - Ritual de posse do Centro Acadêmico de Pedagogia.



Fonte: Arquivo do Centro Acadêmico de Pedagogia, CCAE/UFPB, 2017.

A imagem acima é referente a posse do Centro Acadêmico - CA de Pedagogia, onde pela primeira vez teve em sua direção, dois estudantes indígenas assumindo a presidência sendo Gessé Potiguara o presidente e Danieide Potiguara na condição de vice-presidente, a posse ocorreu no dia 27 de setembro de 2017, no auditório do *Campus IV* em Mamanguape. A posse se iniciou com uma prática da espiritualidade Potiguara no qual o universitário Gessé Potiguara recebeu força e energia através de seus(as) parentes e da mística realizada.

Outra atividade cultural foi no Laboratório de Antropologia, Política e Comunicação (Lapa), do curso de Antropologia.

Imagem 2 - Ritual do Toré na oca do CCAE/UFPB



Fonte: arquivo pessoal da autora (FELIX, 2018).

Esta imagem é referente ao ritual do Toré, realizado na oca do *Campus IV*, em Rio Tinto no I Lapa do Curso de Antropologia. O evento ocorreu entre os dias 16 e 17 de abril do corrente ano. Nesta imagem além dos(as) universitários(as), temos a presença de Juscelino Tabajara também universitário indígena do *Campus IV* e a presença de Diego Xucuru, convidados do Lapa que também participaram do ritual.

Os(as) universitários(as) estão sempre participando de eventos como este dentro do *Campus IV*, algumas vezes são convidados para fazerem aberturas de eventos promovidos por cursos ou projetos da universidade, como no caso do Seminário Internacional de Práticas Educativas - SECAMPO, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Etnia e Economia Solidária - GEPeesS, que sempre tem em sua programação a abertura com o ritual do toré.

De acordo com os(as) universitários(as), estas práticas culturais realizadas dentro da universidade servem para ressaltar a presença dos(as) Potiguara no espaço acadêmico, resistindo na luta contra os preconceitos. Embora exista opiniões contrários de alguns(as) universitários(as), em relação a realização de rituais Potiguara dentro da universidade, porque defendem que a espiritualidade não deve ser exposta nem banalizada como uma simples

apresentação cultural, e outros(as) defendem a importância de tal realização como ferramenta de luta contra os preconceitos e para a conquista de novos espaços.

3.5 COMPARTILHANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO NAS ALDEIAS

Apesar do aspecto individualista apresentado pela universidade, os(as) universitários(as), carregam consigo o sentimento de pertencimento étnico defendendo o sentido de coletividade e o compromisso com o seu povo, por isso levam para as aldeias os conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica. Como destacado por *Îagûara Narõ*, “[...] todo conhecimento é válido, depende da forma como será aplicado, principalmente se for através de projetos que possa ser levado pra as nossas aldeias.” (Informação Verbal, Aldeia Tramataia, abr. 2018). Outro relato que contribui para esta afirmação:

No aprendizado nos debates, eu sempre faço uma relação com as práticas do nosso povo. A gente consegue levar as experiências do mundo da universidade para o nosso povo e pra escola. [...] sempre valorizando a nossa cultura e fazendo com que os nossos alunos sejam protagonistas da nossa própria cultura. (GESSÉ POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Através desses relatos é possível observar que os(as) universitários(as) estão sempre tentando fugir do aspecto individualista da universidade, adaptando os conhecimentos científicos para a realidade de seu povo, pois “A utopia do interconhecimento é aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios.” (SANTOS, 2009, p. 47).

Podemos perceber que em relação a espiritualidade dos(as) universitários(as) Potiguara, entrevistados(as), se permanecerem com a visão coletiva dentro da universidade, traçando o caminho de apreender o saber científico e trazer para aldeia onde compartilham esses conhecimentos com o seu povo.

Além destes relatos foi possível constatar outras formas de contribuição dos(as) universitário(as) para com o seu povo. “Eu estou levando conhecimento e contribuindo com meu povo através do cursinho pré-Enem, ministrando aula de Literatura através do PET indígena, para os meus parentes Potiguara” (BAMBU, Informação Verbal, Aldeia Jacaré de Cesar, abr. 2018).

E ainda: “Tô trazendo contribuição na minha área, porque tô adquirindo o conhecimento e trazendo para a realidade do nosso povo, na educação indígena, ministrando aula de Tupi.” (GESSÉ POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Compreendemos através destes relatos que os(as) universitário(as), estão dando retorno para suas aldeias e para seu povo, pois a identidade que vai se afirmar nestes(as) jovens é a da coletividade como seu povo, pois ao entrar na universidade e se assumir enquanto Potiguara, estarão assumindo sobre tudo o compromisso de regressar a sua aldeia e continuar cultivando sua identidade e contribuindo em seu território.

Entre os diversos exemplos de contribuição dos(as) universitários(as) Potiguara para com o seu povo, tanto no retorno com o conhecimento científico como na continuidade de sua cultura e tradição, destacamos alguns momentos importantes.

Imagem 3 - Contribuindo na formação escolar do seu povo.



Fonte: arquivo pessoal da autora (FELIX, 2018).

Na imagem acima temos um exemplo de contribuição da universitária Fernanda Silva dos Santos (Nanda Potiguara) ministrando aula na turma do 9º ano da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio índio Pedro Máximo de Lima, onde é professora de Português há dois anos nas turmas do 6º, 7º, 8º e 9º ano, em sua Aldeia Três Rios.

Imagem 4 - Partilhando o conhecimento científico com o seu povo.



Fonte: imagem cedida pela professora Denise 2018.

Nesta imagem temos a contribuição do universitário Leandro da Silva Ramos (Leandro Potiguara) na turma do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio José Lopes Ribeiro, na Aldeia Monte Mor, onde é professor de Geografia há nove anos nas turmas do fundamental II do 6º ao 9º ano.

Além das contribuições apresentadas acima, com os(as) universitários(as) na condição de professores(as), colaborando com a formação de seus(as) parentes, existe outras diversas formas de contribuição por parte dos(as) universitários(as), que embora nem todos(as) assumam o compromisso com o seu povo, identificamos que os(as) que assumem estão sempre dando retorno para suas aldeias de origem e contribuição em diversos momentos de seu território.

Um exemplo claro é na Assembleia do povo Potiguara, na qual os(as) universitários(as) são convidados pelas lideranças para fazer parte da organização, tal fato vem ocorrendo desde o ano de 2013. Nesse contexto, os(as) universitários(as) assumem um importante papel neste momento tão necessário entre seu povo, onde são discutidos assuntos do interesse de todo povo Potiguara envolvendo todos os aspectos do território, incluindo saúde, educação, território e cultura.

Além da participação e colaboração nas Assembleias Potiguara, os(as) universitários(as) se destacam em outros momentos importantes para o povo Potiguara, entres eles podemos citar alguns que ocorreram durante a nossa pesquisa: nos Jogos indígenas 2016, 2017 e 2018, onde uma grande parte de universitários(as) participaram, tanto da organização dos jogos, como também de competições em algumas modalidades, contribuindo assim com a revitalização da cultura Potiguara nas modalidades culturais dos jogos indígenas da Paraíba; no I e II seminários do Coletivo de Pesquisa pela Valorização dos Saberes Potiguara, que acontece anualmente desde 2016 e discute temas como educação indígena, meio ambiente, cosmologia e outras práticas culturais presente no dia a dia do povo Potiguara e conta com a presença de acadêmicos indígenas e não indígenas como também professores(as) da UFPB, UFCG entre outras instituições.

Os(as) universitários(as) participaram também da criação, articulação e organização da inauguração da Biblioteca Potiguara, iniciativa do Coletivo de Pesquisa, com o intuito de oferecer um acervo da história, luta e cultura do povo Potiguara. A Biblioteca foi inaugurada em abril do corrente ano e funciona na Biblioteca Municipal de Marcação.

Outro momento importante foi na oficina memórias do casarão com o antropólogo João Pacheco de Oliveira e a antropóloga Rita de Cássia Melo Santos, que aconteceu nos dias 17 e 18 de janeiro. Na oficina estiveram presentes universitários(as) Potiguara de vários cursos e instituições, lideranças e professores(as) indígenas, o objetivo da oficina foi dialogar sobre a criação do Centro Cultural Potiguara.

Dentre outras contribuições igualmente importantes dos(as) universitários(as) Potiguara para com seu povo, é o cursinho solidário Pré-Enem, que está sendo ministrado por professores(as) e universitários(as) Potiguara, contribuindo na entrada de outros(as) parentes no ensino superior, a iniciativa está apresentando bons resultados, pois atende um total de aproximadamente 50 estudantes, lutando para ingressar no ensino superior. O cursinho começou em março do corrente ano e acontece aos sábados, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria das Dores, na Aldeia Alto do Tambá no município da Baía da Traição.

Ainda falando da contribuição dos(as) universitários(as) para com o povo Potiguara, agora sobre a continuidade da cultura e espiritualidade Potiguara, temos como destaque o grupo de mulheres AMIP, que trabalham a espiritualidade feminina Potiguara. Um grupo novo que surgiu em 2017, no qual está inserida uma grande quantidade de universitárias Potiguara, Em tal grupo, as estudantes unem-se na defesa e na luta da mulher trabalhando a espiritualidade feminina.

Imagem 5 - Ritual das mulheres universitárias Potiguara.



Fonte: arquivo pessoal da autora (FELIX, 2018).

A imagem retrata um ritual das mulheres universitárias Potiguara nas águas, em janeiro do corrente ano, próximo a praia das cardosas localizada na Barra de Camaratuba, fazendo divisa com a Aldeia Cumaru no município de Baía da Traição. O ritual é um exemplo de continuidade da cultura e espiritualidade Potiguara, dando ênfase a luta das mulheres através da espiritualidade feminina.

3.6 A PERCEPÇÃO DOS(A) ANCIÃOS(Ã) SOBRE OS(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) POTIGUARA

Quando falamos em universitários(as), nos remetemos a alguém que está fazendo um curso superior, se preparando e se qualificando para a vida profissional, mas quando mencionamos os(as) universitários(as) Potiguara, estamos nos referindo a algo mais, o significado vai além, por que agora estamos falando em pessoas com possibilidade de transformar a realidade de seu povo, de lutar coletivamente em defesa de seus direitos e deveres.

Por este motivo, há uma expectativa dos anciãos(ãs) Potiguara por parte dos(as) universitários(as), para que os mesmos retornem e contribuam com a luta de seu povo, será

possível uma melhor explanação com os relatos abaixo, sobre o que eles(as) esperam dos(as) universitários(as):

Espero que eles lembre dos nosso conhecimento onde for, que ele traga o conhecimento da universidade pra fortalecer a nossa luta e contribuir com as nossa aldeia, que eles leve o nosso conhecimento pra dentro da universidade e traga o conhecimento da universidade pra o nosso povo, pra dividir o conhecimento com o nosso povo. É preciso cumprir o compromisso com o nosso povo, porque todos nós tem um compromisso. (CACIQUE JOSECY, Informação Verbal, Aldeia Três Rios, abr. 2018).

Outro relato que contribui para esta compreensão é o da Cacique Cal da Aldeia Monte Mor.

A universidade vai dar uma formação individualista, mas os jovens universitários(as) não podem esquecer sua cultura e seu povo. Precisamos pensar sempre de forma coletiva, porque o não indígena tem uma visão misquinha e individualista, precisamos pensar em espaços produtivos e coletivos. (Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018).

Em sua fala, a cacica aponta para a necessidade dos(as) universitários(as) não esquecerem sua cultura nem suas origens. Ela reforça ainda, “[...] a gente pode ser o que quiser, só não podemos esquecer quem somos.” (Informação Verbal, Aldeia Monte Mor, maio 2018). A concepção da cacica se completa com o pensamento de Laraia (2001, p. 06) “Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros.”

Outro relato para contemplar nosso entendimento e o entendimento do(a) leitor(a) sobre a percepção dos(as) anciãos(ãs) para com os(as) universitários(as):

As comunidades indígenas de todos os povos esperam retorno dos universitários indígenas. Já temos retorno de alguns profissionais, mais esperamos que venha mais, mais falta mais empenho em relação a cultura, porque se não tiver o repasse em casa e na comunidade, na universidade será bem mais difícil (CAPITÃO POTIGUARA, Informação Verbal, Aldeia Forte, abr. 2018).

Entendemos que segundo a percepção dos(as) anciãos(ãs), os(as) universitários(as) Potiguara devem assumir o compromisso com seu povo, na Aldeia e na universidade, que independente da formação que receber por parte da universidade é preciso retornar e contribuir

com seu povo. De acordo com os anciãos(ãs) entrevistados(as), existe sim uma contribuição por parte dos(as) universitários(as), na saúde, na educação e na questão cultural.

Percebemos na fala de Capitão Potiguara que ainda falta empenho da comunidade em relação ao repasse da cultura para jovens e crianças, ele destaca que se não existir o repasse da cultura dentro do território, através dos pais e da comunidade, será mais difícil permanecer e lutar pela afirmação de sua identidade dentro da universidade.

Essa preocupação do ancião em ter a cultura repassada para a geração mais nova, é sobretudo pela necessidade de manter viva a cultura de seu povo, mesmo diante das constantes mudanças na sociedade, que os(as) Potiguara continuem lutando pela defesa de sua etnicidade. Esse aspecto defendido pelo ancião é necessário para que os(as) jovens não deixem de viver sua cultura, mesmo entrando na universidade, que eles(as) continuem cultivando sua tradição e bebendo do conhecimento do seu povo.

A partir da percepção dos(a) anciãos(ãs) em relação aos(as) universitários(as), é possível perceber que eles podem contribuir um pouco mais, pois apesar da contribuição vinda destes(as) jovens, as expectativas dos(as) anciãos(ãs) é que todos(as) os(as) universitários(as) possam contribuir com o seu povo, pois na fala de Capitão ele destaca que já estão tendo retorno por parte de alguns, no entanto, esperam que venham mais contribuições.

Dessa forma percebemos a importância dos(as) jovens para povo Potiguara, em especial os(as) universitários(as) que além de contribuir com a cultura, estes(as) podem contribuir com a formação de outros(as) parentes. A importância atribuída aos(as) universitários(as) pelos(as) anciãos(ãs), no que diz respeito ao compromisso com o seu povo, é o sinônimo da confiança que é depositado em cada jovem quando assumi a luta e sua identidade, pois eles(as) têm um papel importante em seu território, serão os(as) futuro(as) líderes, os(as) anciões(as) de amanhã, por isso a necessidade de assumir este compromisso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo Potiguara tem uma história de luta que marca a vida de seu povo e do nosso estado, foi o primeiro povo a viver nessa terra chamada Paraíba, lutam desde sempre para manter sua cultura viva, lutam pela igualdade de direitos, para viver na diferença. Lutam pela possibilidade de dias melhores para seu povo, mas também resistem diante de situações que ameaçam os direitos da sociedade, são solidários com os parentes, mas quando a causa é justa, guerreiam até pelos que não conhecem, por que lutam pela liberdade de escolha de viver livre de opressão e injustiça.

O povo Potiguara é um povo sonhador, que sonha com a coletividade entre os povos, com o respeito entre os mais velhos, com a partilha entre o(a) próximo(a), com a soma entre os conhecimentos, com a natureza como riqueza e liberdade, com a solidariedade como existência. São exemplo de resistência, porque sempre estão buscando conquistar seus ideais, usando os obstáculos como superação. Nosso país precisa se espelhar na força, coragem e determinação Potiguara para construir uma história de luta criando novos horizontes, aflorando assim, para além da luta individual, a coletiva, mas também pensando sempre no(a) outro(a), nas relações e nas mudanças que podem ser construídas quando a luta é de todos(as). O significado de coletividade, deve estar presente não apenas no contexto indígena Potiguara, mas em todos os espaços sociais, contribuindo com o verdadeiro sentido de alteridade, a possibilidade de se colocar no lugar do outro. Pois há muito a ser aprendido com os(as) Potiguara, povo guerreiro e coletivo.

Ao chegar até aqui, identificamos que de acordo com a bibliografia estudada e com os dados dos(as) entrevistados(as), a universidade deve ser capaz de preparar os(as) estudantes para a vida, enxergando a realidade de cada povo, ou situação social, ela deve abrir as portas e os horizontes necessários para que os(as) estudantes sejam capazes de desenvolver projetos que possibilite impacto de mudança na vida das pessoas. A educação deve ser a base e o espelho da sociedade, por isso ela jamais pode fechar os olhos diante das necessidades existentes em seu meio social.

Ficou evidente que existe uma preocupação por parte da comunidade Potiguara de que os(as) universitários(as) não se deixem levar pela formação individualista que a universidade propõe, porque até mesmo as universidades públicas, tem um discurso que na maioria das vezes se apresenta como priorizando as exigências do mercado de trabalho, dando uma formação meramente profissional, deixando de lado a formação humana que os(as) estudantes devem receber. Pois embora os(as) universitários(as) Potiguara recebam uma formação familiar

coletiva em suas aldeias, entendendo o sentido de alteridade, se colocando no lugar do outro parente, quando entram na universidade percebem que tudo se constrói através do individualismo. Os(as) professores(as) que muitas vezes não entendem as necessidades e dificuldades dos(as) universitários(as) e os(as) próprios(as) colegas de turma que muitas vezes ignoram a existência dos(as) universitários(as) e discriminam seus aspectos culturais.

Identificamos também, que os(as) Potiguara continuam cultivando a sua alteridade e espiritualidade étnica, componente essencial de sua cultura, oferecendo retorno preconizado para o fortalecimento de seus mitos e ritos étnicos. Portanto, é necessário introduzir na vida cotidiana dos(as) universitários Potiguara o papel da sua espiritualidade, como elemento primordial para rememorar seus hábitos culturais, para não correr o risco de deixar-se ser engessado pelo ambiente acadêmico. Ou seja, os(as) universitários(as) necessitam dar continuidade ao legado deixado pelos ancestrais, repassando o conhecimento de suas heranças que constituem referências da espiritualidade do seu povo, fortalecendo seus rituais sagrados, e contribuindo na resistência da identidade e luta Potiguara, resultando na formação social e individual dos(as) universitários(as), a partir da busca do conhecimento e da cultura de valor dos troncos velhos.

Desta forma, fica evidente que os saberes e conhecimentos adquiridos e repassados pelos troncos velhos aos(as) universitários(as) indígenas contribuirão na reafirmação da identidade e alteridade étnica de cada Potiguara, permanecendo na universidade com a autoafirmação declarada de forma visível, superando os preconceitos existentes na vida acadêmica, demarcando assim, o espaço no qual está inserido, contribuindo no fortalecimento da coletividade e na defesa do seu território. Nesse entendimento, é preciso assumir a identidade Potiguara nos dias atuais, como uma forma de resistir diante de uma sociedade preconceituosa e “colonizadora” que insiste em dar configurações equivocadas e características estereotipadas, invadindo a liberdade de expressão de sua própria identidade.

Foi possível observar que os universitários(as) Potiguara, se apropriam dos conhecimentos da universidade e voltam para contribuir com seu povo. Uma vez que compreendemos que o aprendizado e a possibilidade de poder ajudar e se colocar no lugar do(a) outro(a), não são as ações da universidade que proporcionam, são os indivíduos que levam suas trajetórias de vida, lutas e necessidades para dentro do ambiente acadêmico, porque a universidade em si, na maioria das vezes é totalmente individual.

Identificamos também que apesar do caráter individualista apresentado no ambiente acadêmico, em partes, a universidade contribui para fortalecer o sentido de identidade dos(as)

universitários(as) Potiguara perante a vida universitária, porque ao assumir sua etnicidade, precisam lutar contra o preconceito, se reafirmando cada vez mais.

Descobrimos que a alteridade dos(as) universitários(as) Potiguara se constitui entre os(as) outros(as) universitários(as) Potiguara a partir de sua forma de viver a espiritualidade e de lutar pelo seu povo, pois mesmo fazendo parte do mesmo grupo étnico, cada qual vive e se expressa de formas diferentes. Já a alteridade estabelecida entre os(as) outros(as) universitários(as) não indígenas, além dos aspectos culturais, está baseada também na forma de ver o mundo e na maneira como aplicarão os conhecimentos adquiridos na universidade.

Entendemos que as atividades culturais desenvolvidas pelos(as) universitários(as) Potiguara dentro da universidade, serve não apenas para lutar contra o preconceito, mas como instrumento de conhecimento que é levado para o universo acadêmico, ou seja, é uma construção do conhecimento cultural, que os Potiguara estão proporcionando para os não indígenas, podemos dizer ainda que eles estão fazendo o que a universidade não faz, levar os diversos tipos de saberes para o espaço acadêmico e para a sala de aula.

Outra descoberta importante a ser destacada é um movimento que vem surgindo entre os jovens universitários(as), que nomeamos como afloramento da espiritualidade Potiguara, pois percebemos durante a pesquisa que muitos estão despertando para a vivência das práticas espirituais étnicas de seu povo, mesmo com toda repressão sofrida pela imposição das religiões cristãs dentro do território Potiguara, esse movimento que está surgindo deve-se ao desejo que os universitário(as) sentem em assumir e viver cada vez com mais intensidade a espiritualidade de seus ancestrais.

Constatamos em nossa pesquisa que a formação do *Campus IV* não atende as necessidades do povo Potiguara, pois embora os universitário(as) Potiguara apliquem os conhecimentos científicos dentro de seu território, adaptando à sua realidade, a formação da universidade é muito individualista e não trabalha a questão cultural nem a realidade do povo Potiguara, porque segundo os(as) universitário(as), seus valores e costumes tradicionais não são levados em consideração pelo universo acadêmico.

Percebemos também que é preciso que os(as) universitários(as) contribuam cada vez mais com o legado Potiguara, pois seu povo deposita total confiança nos(as) jovens para que assumam a luta de seus antepassados. Por fim, destacamos alguns questionamentos a serem feitos sobre o nosso objeto de pesquisa que poderá ser respondido em pesquisas posteriores, sendo:

Quais são as ferramentas para lutar pelo fortalecimento da espiritualidade Potiguara diante da religião cristã, se é algo tão enraizado na vida de muitos(as) Potiguara, serão os jovens a maior ferramenta para mudar este quadro?

Como os Potiguara farão para envolver os(as) jovens e os(as) universitários(as) no compromisso com seu povo?

Será que os(as) universitários(as) estão cientes do compromisso que devem ter com o seu povo e preparados para assumir as lutas que lhe são confiadas?

REFERÊNCIAS

ABA. **Parecer sobre os critérios de identidade étnica**. Campinas: UNICAMP, 1983.

ALBERNAZ, Adriana C. Repelevicz. **Antropologia, História e Temporalidades entre os Ava-Guarani de Oco'y** (PR). 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

AMARAL, W, R, do; BILAR, J, A, B; DOMINGOS, R. Educação Superior Indígena: reflexões sobre percursos dos acadêmicos indígenas na Universidade Estadual de Londrina. **Anais [...]** II Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos III Seminário Nacional de Território e Gestão de Políticas Sociais II Congresso de Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Rio de Janeiro.

ÂNGELO, Francisca Novatino P. de. A Educação e a Diversidade Cultural. *In*: **Cadernos de educação escolar indígena -3º Grau Indígena**. Barra do Bugres: Unemat, v. 1, n. 1, 2002.

ANTUNES, Chussy Carlla Souza. Prefácio. *In*: BATISTA, Aline Cleide *et al.* (org.). **Uma década de expansão universitária: estudos sobre o Vale de Mamanguape**. v. I. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

ARAÚJO, Jucinôra Venâncio de Souza. **Centro Cultura Tikuna: práticas pedagógicas e identidade étnica no contexto urbano**. 2015. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, 2015.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94, 1995.

ASAD, Talal. The construction of religion as an anthropological category. *In*: ASAD, Talal. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993, p. 27-54. Tradução: REINHARDT, Bruno; DULLO, Eduardo. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/cadernos_de_campo_19_p263-284_2010.pdf. Acesso em: 18 set.2012.

AUP, Associação Universitária Potiguará. **Estatuto**. CAPÍTULO II dos Objetivos. Fundação em 30 de agosto de 2009, registrado em 02 de maio de 2014, estatuto reformulado 18 de junho em 2016. Rio Tinto. 2016. (mimeo).

BARBOTIN, Maria Angeluce Soares Perônico. Dez anos de CCAE no Vale do Mamanguape. *In*: BATISTA, Aline Cleide *et al.* (org.). **Uma década de expansão universitária: estudos sobre o Vale de Mamanguape**. v. I. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

BARBOTIN, Maria Angeluce Soares Perônico. UFPB. **Relatório de Gestão do CCAE 2015-2016**. Disponível em: www.ccae.ufpb.br . Acesso em: 07 out. 2017.

BARCELLOS, Lusival. Prefácio. In: BATISTA, Aline Cleide et al. (org.). **Uma década de expansão universitária**: estudos sobre o Vale de Mamanguape. v. I. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas Educativo-Religiosas dos Índios Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BARCELLOS, Lusival. **Programa de Educação Tutorial**. O acesso e a permanência do universitário indígena na academia. João Pessoa: 2010. (mimeo.).

BARCELLOS, Lusival; NASCIMENTO, José Mateus do; SILVA, Paulo Roberto Palhano et al. A espiritualidade do índio Potiguara. In: NASCIMENTO, José Mateus (org.). **Etnoeducação Potiguara**: pedagogia da existência e das tradições. João Pessoa: Ideia, 2012. 162 p.

BARCELLOS, Lusival; SOLER, Juan. **Paraíba Potiguara**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. [Editado como apêndice na obra]. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004b.

CIME, Conselho Indigenista Missionário: **Estatuto dos Povos Indígenas**. TÍTULO I Dos Princípios e Definições, Capítulo I, Dos princípios. Disponível em: http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=paginas&conteudo_id=5710&action=read. Acesso em: 02 out. 2017.

BRASIL. **II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (CONEEI)**. Brasília, 2018.

CRUZ, Ana Lúcia Souza. **Falando de índio**. Confraria da Poesia Informal. Disponível em: <http://confrariadapoesiainformal.blogspot.com.br/2013/04/indio-tambem-e-cidadao-brasileiro.html>. Acesso em: 02 jul. 2017.

DANTAS, Tiago. **Cristianismo**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/religiao/cristianismo.htm>. Acesso em: 02 jan. 2017.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa, 1979, 1979.

FALCÃO, Andréa Bezerra. **A escola e a valorização da cultura local e o fortalecimento da identidade indígena potiguara**: olhares dos educandos indígenas da Educação de Jovens e Adultos do Município de Baía da Traição-PB. 2017. 99 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FARIAS, Eliane Silva de; SILVA, Paulo Roberto Palhano; BARCELLOS, Lusival Antonio. Percursos da Alteridade Étnico/Religiosa do Povo Indígena Tabajara da Paraíba: Ritual do Toré X Pentecostalismo. In: **Anais [...] I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões Religiões e Espiritualidades - Culturas e Identidades LISBOA**, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** 1. ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 2. [reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Um baú de símbolos na sala de aula**. São Paulo: Paulinas/2013.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HELENO, Edilane; FERREIRA, Edilma; NASCIMENTO, Fabrício *et al.* Um olhar para os municípios de Rio Tinto e Mamanguape após a implantação do Campus IV-UFPB. In: BATISTA, Aline Cleide et al. (org.). **Uma década de expansão universitária**: estudos sobre o Vale de Mamanguape. v. I, João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

HOCK, Klauss. O que é religião? In: HOCK, Klauss. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 17-30.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LATOUR, Bruno. **Não congelarás a imagem** ou: como não desentender o debate ciência-religião. Mana, v. 10(2), 2004, p. 349-376. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132004000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 02 mar. 2009.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. (org.). **A educação superior de indígenas no Brasil: balanços e perspectivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

LINHART, Jan; FAUSTINO, Nilda; RIBEIRO, Sanderline; SILVA, Paulo. Auto-etnografia colaborativa entre os Potiguara e a capacitação de intelectuais orgânicos. **Anais [...] II Seminário Internacional do NEMDR - UFPB**. Bananeiras, 2017

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MACÊDO, Celênia de Souto. **O índio como o outro**. O desafio de construir uma identidade positiva a partir dos livros didáticos. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

MELO NETO, José Francisco de. **Universidade popular**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MENDONÇA, Joelma Bianca Silva de Souza. **Entre o tronco e o monte**: convergências e divergências nas espiritualidades dos Indígenas Potiguara e do Carmelo Monástico da Paraíba. 248f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

METCALF, Peter. **Cultura e sociedade**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

MÉSZÁOS, István. **A educação para além do capital**. Trad. Isa T. 2. ed. São Paulo: Boitempo: Mundo do trabalho, 2008.

MOONEN, Franz; MAIA, Luciano Mariz. (org.). **Etnohistória dos índios Potiguara**. João Pessoa: Procuradoria da República na Paraíba/Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 2008.

MOONEN, Franz; MAIA, Luciano Mariz. **Etnohistória dos índios Potiguara**: ensaios, relatórios, documentos. João pessoa: PR/PB - SEC/PB, 1992.

MOREIRA, Antonio Flavio B; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Currículo, Identidade e Diferença. In: MOREIRA, Antonio Flavio B; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. (org.). **Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidade**. Portugal: Porto Editora, 2002.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo; BARROS, Nelson Filice de. Autoetnografia. **Cad. Saúde Pública**. v. 31, n. 6, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601339. Acesso em: 18 abr. 2018.

NASCIMENTO, Rita Gomes do. **Rituais de resistência**: Experiências pedagógicas Tapeba. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. *In*: GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo (org.) **Toré: Regime encantado do índio do Nordeste**. Recife: Fundaj: Editora Massangana, 2005 330 p.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Trad. Walter O. Schlupp. 2. ed. São Leopoldo: Sinoda/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

PAIVA, Eliane Bezerra. **Narrativas indígenas: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação**. 2013. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PALITOT, Estevão. **Os Potiguara de Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura**. 2005. 225f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PALITOT, Estevão. A multidão Potiguara: poder tutelar e conflito na baía da tração ao longo do século XX. *In*: VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do; GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. (org.). **Dossiê: Povos e Comunidades Tradicionais**. v. 3, n.1, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Sociologia da Religião: área impuramente acadêmica. *In*: MICELI, Sergio (org.). **O que ler na ciência social brasileira**. (1970-1995). v. II: Sociologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 1999. p.237- 287.

PRANDI, Carlo. As religiões: problema de definição e de classificação (Apêndices). *In*: FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Pere *et al.* 3. ed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

ROCHA, Daniel. **Logo do CCAE**. 2016. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/imagens/logo-ccae.png/view>. Acesso em: 3 abr. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul** (org.). Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra LDA. 2009.

SAUSSAYE, Chantepie. **História das religiões**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940. p. 7-25.

SILVA, Almir Batista. **A religião dos Potiguara na Aldeia de São Francisco da Paraíba**. 2011. 270 p. il. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Maria Alda Tranquilino da. **Saberes docentes construídos na prática pedagógica de professores da EJA indígena potiguara na Baía da Traição – PB**. 2017. 170 f. il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA; ZAMPIER; GOMES et al. Apropriação da cultura universitária nos 10 anos do CCAE: contribuições do PET indígena e cursinho pré-vestibular junto ao povo potiguara *In*: Aline Cleide Batista *et al.* (org.). **Uma década de expansão universitária: estudos sobre o Vale de Mamanguape**: v. I. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **Educação escolar Yanomami e Potiguara**. 2013. 234 f. il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

SOUSA, Elaine Freitas de. **Narrativa, tradição, interculturalidade**: os significados da formação acadêmica na identidade de jovens Potiguara. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Différence et démocratie. Paris: Flammarion, 1994.

UFPB. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/menu/ccae1/ensino/graduacao/graduação>. Acesso em: 20 set. 2017.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Repensando a Religião). p. 9-28.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D; USARSKI, F. (org.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo. Paulinas/Paulus. 2013, p. 51-61.

VIEIRA, José Glebson. **Amigos e competidores**: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba. 2010. 365p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos**: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico cultural. **Psicologia & Sociedade**; v. 17 (2), p. 99-104, 2005.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS/AS UNIVERSITÁRIOS(AS)/AS POTIGUARA

A. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome Completo:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Estado Civil:
5. Aldeia:
6. Pajé () Cacique/ca () Liderança () outros ()
7. Curso:
8. Instituição:
9. Ano de Início:
10. Ano de conclusão:

B. QUESTÕES DE IDENTIDADE

1. O que significa ser indígena potiguara para você?
2. Você já fez parte da luta Potiguara? Qual? Desde quando?
3. Qual o papel da espiritualidade para a identidade potiguara?

C. QUESTÕES DE ESPIRITUALIDADE

1. Você tem religião? Prática? Qual?
2. Você pratica a espiritualidade indígena potiguara? Como? Relate um caso.
3. Você conhece algum mito/lenda da espiritualidade e tradição Potiguara? Já teve alguma experiência?

D. QUESTÕES SOBRE O IMPACTO DA UNIVERSIDADE

1. Seu ingresso na universidade mudou de alguma forma seu modo de vida na aldeia? O que? Como?
2. A universidade fortalecer a identidade dos potiguara? Como? Cite.
3. O conhecimento acadêmico que você adquiriu no ambiente universitário trará ou trouxe algum benefício para o Povo Potiguara? Como?

E. QUESTÕES SOBRE O CAMPUS IV DA UFPB

1. Você sabe informa/contar se o Povo Potiguara foi comunicado e/ou convidado para participar da implantação do Campus IV da UFPB?
2. A universidade Campus IV já foi apresentada a sua aldeia? Qual foi a iniciativa?
3. O Campus IV da UFPB contribui para a espiritualidade dos universitários Potiguara? De que forma?
4. Quais os professores do Campus IV que já tiveram ou têm vivência? ou desenvolveram algum projeto com o Povo Potiguara?
5. Você já participou de alguma vivência espiritual Potiguara dentro da universidade? Qual? Você acha importante? Porque?
6. Como você se sente como universitário indígena potiguara dentro do campus IV?
7. Como indígena potiguara universitário você já sofreu alguma discriminação no campus IV? Qual? Como?

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS/AS ANCIÕES(ÃS) POTIGUARA

A. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome Completo:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Estado Civil:
5. Aldeia:
6. Pajé () Liderança () outros ()
7. Escolaridade:
8. Curso:
9. Instituição:
10. Ano de Início:
11. Ano de conclusão:

B. QUESTÕES DE IDENTIDADE

1. O que significa ser potiguara para você?
2. Em que seu modo de vida e visão de mundo se diferencia do(s) não indígena(s)?
3. Você faz parte da luta Potiguara? Desde quando?
4. Qual o papel da espiritualidade para a identidade potiguara?

C. QUESTÕES DE ESPIRITUALIDADE

1. Você tem religião? Prática? Qual?
2. Você pratica a espiritualidade indígena potiguara? Como? Relate um caso
3. Você conhece algum mito/lenda da espiritualidade e tradição Potiguara? Já teve alguma experiência?
4. Em que mudou a vida dos potiguara?
5. Em que mudou a espiritualidade dos potiguara?

D. QUESTÕES SOBRE O IMPACTO DA UNIVERSIDADE

1. O Povo Potiguara foi comunicado e/ou convidado para participar das reuniões de implantação do *Campus* IV da UFPB?
2. Quais os professores do *Campus* IV que já tiveram, tem vivência ou desenvolveram algum projeto com o Povo Potiguara?
3. Acha que a universidade ajuda fortalecer a identidade potiguara entre os universitários?
4. Você acha que os universitários estão dando retorno para a(s) aldeia(s)? Em que/de que forma?